

OCIDENTE ALARMADO COM A "GUERRA" DO PETRÓLEO

Talvez pior que em 1929

• Em Portugal: Governo demitido prepara novo aumento da gasolina

Os preços do petróleo bruto, apesar de não estarem estabilizados, causam grande preocupação nos meios políticos e económicos mundiais. O xeque Yamani, no puro campo das hipóteses, fala do preço do barril (159 litros) atingir os 50 dólares, contra os actuais 20 dólares.

A Espanha, face à situação cada vez mais gravosa para a

sua balança de pagamentos decidiu aumentar hoje em 24% os preços dos combustíveis. A «super» passa a custar 37 escudos e a «extra», de 100 octanas, 40 escudos.

Em Portugal, espera-se que o IV Governo demitido venha ainda a decretar aumentos de preços de combustíveis, aumentos estes sucessivamente tidos como inevitáveis, mas

sempre adiados, para tranquilidade do cidadão.

Portugal consome cerca de 8 milhões de toneladas de petróleo bruto, despendendo cerca de 50 milhões de contos. Neste momento e até ao fim do trimestre o preço do barril pago por Portugal é de cerca de 14 dólares, esperando-se que nos próximos 8 meses possa registar-se um aumento

que se estabilize entre os 25 e os 30 dólares o barril.

As nossas importações de «crude» provêm em 39% do Iraque, 25% do Irão, 22% da Arábia Saudita e 13% da União Soviética, segundo nos afirmou o eng. Neto, da Direcção-Geral dos Combustíveis.

Os aumentos do preço das ramas provocarão o dispêndio

Continua na pag. 24



Consequências da «alta» de preços do petróleo nos EUA: as medidas restritivas que tomaram forma na «West Coast» estão a tornar-se extensivas à maior parte do território. Na nossa foto: automobilistas esperam ser atendidos numa bomba que só está aberta de semana, fechando aos sábados e domingos. O encerramento aos fins-de-semana, e a venda de cinco dólares, máximo, por utente, estão a generalizar-se

HOJE
HÁ

EXCLUSIVO

DOS INTERESSES AMERICANOS

na força de intervenção
do terceiro mundo

DL

Dificuldades técnicas que só ultrapassaremos ao fim do dia de hoje obrigaram-nos a reduzir a quatro páginas o «Exclusivo» e a prescindirmos da cor vermelha a que os nossos leitores estão habituados. De ambas as anomalias nos desculpamos



Mineiros da Panasqueira parados a 98 por cento

A greve dos mineiros da Panasqueira que esta manhã foi iniciada, teve uma adesão de 98 por cento, de acordo com informações que obtivemos ao fim da manhã.

Esta forma de luta, por tempo indeterminado, será seguida de uma concentração dos mineiros e respectivas famílias a partir de amanhã, junto à delegação do Ministério do Trabalho, na Covilhã.

A greve e a concentração resultam das dificuldades que se têm verificado na negociação de novo ACT para os trabalhadores daquele cuto mineiro e visam ainda a defesa do horário de trabalho que vigora desde o 25 de Abril.

A deslocação dos mineiros, amanhã, para a Covilhã, será feita a pé, enquanto as mulheres e filhos, bem como os reformados, serão transportados em

camionetas.

Entretanto, assinala-se, existe uma proposta elaborada pelo Ministério do Trabalho, que teve bom acolhimento por parte dos trabalhadores, uma vez que propunha a manutenção dos horários em vigor. Todavia, essa proposta ainda não mereceu qualquer resposta da parte da administração da multinacional a Beralt, Tin & Wolfram, que explora as minas

Comboios parados aguardam "luz verde"

- Lisboa: hora e meia sem Carris
- Transtejo paralisa quinta-feira

Pág. 8

POR CAUSA DAS QUEBRAS DO ESCUDO
E DO TERRORISMO DA ETA

Duzentos mil espanhóis passam férias em Portugal

Pág. 5

Com a publicação do 30.º cupão
da 1.ª série

Termina hoje

o
concurso aniversário
do Diário de Lisboa

Envie já as suas colecções

Boletim de identificação, cupão
n.º 30 e instruções na pag. 2

LISBOA, VERBO AMAR O Ogoshi

O elefante atravessava uma crise. Não era segredo para ninguém mais ou menos a par dos destinos da bicharada.

— Fogel! — dizia o lobo para os filhotes — o elefante hoje anda de mau humor.

Os esquilos, os coelhos, a bichagem rasteirinha, passou morse de erva em erva: «Atenção. Elefante zangado. Fugir do caminho dele.»

Ora qual não foi o meu espanto quando, ao passar na Avenida da Liberdade, dei com o elefante por terra, todo ele, incluindo a tromba.

Um popular que todo presenciara contou à nossa reportagem o seguinte:

— A pulga fazia exercícios no meio da Avenida. Não provocava nem incomodava ninguém.

— E se passasse um camião?

— A pulga saltava. Mas fazia isso só por delicadeza, porque a Avenida tinha bastante largura. Pode ver, tem duas faixas de rodagem.

Tem, sim senhor.

— Nisto, apareceu o elefante e disse-lhe: «Deixa-me pas-

sar». «Ora essa, senhor elefante, o caminho é todo seu». E continuou nas calmas a fazer o exercício. «Já te disse que me deixasses passar, senão...» A pulga só encolheu os ombros e disse que não respondia a provocações.

«Nesse instante o elefante avançou em direcção à pulga, vai a pulga agarrou na tromba do paquiderme, deu-lhe uma volta no ar, virou-o do avesso e zás!, costados no chão. A Terra até tremeou.»

Dirigi-me à pulga:

— Pode-me dizer como é que venceu o elefante?

— Prático judo — respondeu ela. — Apliquei-lhe um simples **ogoshi**. Elefantes destes manjo eu ao pequeno-almoço. Estes grandalhões que têm a mania de mandar vir...

Limpa o suor da testa:

— Temos de os meter na ordem. Se não qualquer dia queremos andar na Avenida e não nos deixam.

MÁRIO CASTRIM

P. S. Este «Lisboa, Verbo Amar» é dedicado às crianças em homenagem ao AIC.

“O Povo de Lisboa” reabriu este ano

A Exposição «O Povo de Lisboa: Tipos, Ambiente, Modos de Vida, Mercados e Feiras, Diversos, Mentalidade» que esteve integrada nas Festas da Cidade de 1978, reabriu este ano, mais completa, e apoiada por um catálogo bem elaborado e bem ilustrado que, por si, constitui obra meritória no acervo da bibliografia lisiponense.

Foi intenção dos organizadores da Exposição restringir o seu âmbito ao chamado «povo miúdo», constituído — como se diz na introdução assinada pela dr.^a Irisalva Moita, conservadora-chefe dos Museus Municipais — «pelos artesãos, os trabalhadores servís, os camponeses e pescadores, os vendilhões, incluindo vadios e indigentes — que, em Lisboa, representam sempre parte significativa da população — por ser este estrato social o verdadeiro guardião e representante das tradições e costumes dum povo». Cronologicamente, a documentação exposta não vai além de meados do Séc. XVII.

Ao longo das 300 páginas do Catálogo, os textos e as imagens, desvendam os aspectos pitorescos e os costumes populares, uma tradição perdida sob a avalanche das sucessivas incorporações de provencianos na capital. Uma corrente migratória constante e remota, embora neste século avassaladora, desfigurou a Lisboa tradicional.

A Exposição procura caracterizar os vários grupos ou tipos que constituíram, no passado, o Povo de Lisboa. Tipos e grupos que encontramos representados nas 655 espécies iconográficas expostas, muitas das quais o Catálogo reproduz e algumas a cores. Índices de colecções, álbuns, revistas e de outras publicações expostas e uma extensa bibliografia completam o volume.

Os textos intercalados no Catálogo merecem uma referência especial: são notas sobre temas lisiponenses redigidas com elegância, saber e rigor.

Edição dos Serviços Centrais e Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.

Diário de Lisboa

Comemoração de n.º 10.000 em 1 de Outubro de 1980

Os acontecimentos que dominavam o ambiente nacional quando em 1925 saiu o nosso número mil

O Diário de Lisboa nasceu no dia 1 de Outubro de 1925, no número mil, e desde então tem sido um testemunho da história da nossa pátria. O primeiro número mil do Diário de Lisboa saiu numa altura de grande importância para o nosso país. O primeiro número mil do Diário de Lisboa saiu numa altura de grande importância para o nosso país. O primeiro número mil do Diário de Lisboa saiu numa altura de grande importância para o nosso país.



Diário de Lisboa

SOLDADOS DE PORTUGALI

30

Conselho de Imprensa vai estudar o problema do papel

Com a presença, pela primeira vez, de Carlos Veiga Pereira, designado pelo Sindicato dos Jornalistas para substituir Joaquim Letria, reuniu ontem o Conselho de Imprensa que deliberou solicitar ao Ministério da Comunicação Social, à Associação da Imprensa Diária, à Associação da Imprensa Não Diária e à Portucel, todas as informações necessárias ao estudo aprofundado do problema do papel. Este problema, a que o «DL» já várias vezes se referiu, tem vindo, ultimamente, a preocupar os responsáveis pelos órgãos de comunicação social.

locais em que estejam a exercer-las, a menos que violem o disposto na Lei de Imprensa.

COMEÇOU O 5.º ENCONTRO DOS JORNALISTAS EUROPEUS

SAINT-VINCENT (Itália), 2 — Começou ontem na estância tu-

ristica de Saint-Vincent Vale de Aosta, o 5.º Encontro de Jornalistas Europeus, que reúne sindicatos do Leste e do Ocidente. Falando a representantes de vinte sindicatos e a representantes da FIJ e da IOJ, Paolo Murialdi, presidente da Federação Nacional da Imprensa Italiana, defendeu a necessidade de se

aprofundar a cooperação entre jornalistas europeus e de estes encontrarem uma forma de fazer aplicar, no que toca ao seu trabalho, os princípios da conferência de Helsínquia. O tema central deste encontro é o estudo da aplicação de tecnologias novas à informação escrita, à rádio e à televisão.

CONCURSO DL

N.º

BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO DO CONCORRENTE

NOME _____

MORADA _____

TELEFONE _____

VENDEDOR OU ESTABELECIMENTO ONDE ADQUIRIU OS JORNAIS

NOME _____

MORADA _____

CONCURSO DL

N.º

TALÃO-RECIBO

NOME _____

MORADA _____

Este talão serve apenas para informação do concorrente no que respeita ao número que lhe foi atribuído, não constituindo prova de que a colecção de cupões enviada esteja nas condições previstas no regulamento, o que só será apurado na altura do sorteio.

ENVIE AS SUAS COLECÇÕES

Foi um êxito o «Concurso» que o «Diário de Lisboa» realizou para celebrar os seus 58 anos de vida e de tal modo ultrapassou as expectativas que, não obstante a tiragem ter mais que duplicado, dias houve em que muitos leitores não o conseguiram adquirir, por se haver esgotado.

Dai que, e apenas para permitir que esses leitores completassem as suas colecções, o nosso jornal tenha repetido os 30 cupões da 1.ª Série (e apenas desta, pois qualquer desses cupões permite esse objectivo, e é tradição do «DL» não proceder a repetições, aborrecidas e fatigantes), repetição que termina hoje.

Agora, leitor amigo, basta ler as indicações que abaixo lhe fornecemos e enviar as suas colecções. E boa sorte!

- **PARA SE HABILITAR AO SORTEIO** o leitor deverá juntar 30 cupões numerados de 1 a 30 (de qualquer das 2 séries) recortados pelo tracejado e tendo anexo um boletim de identificação;
- **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal;
- **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, para o que terá de juntar um selo de correio de 5\$00. Se não o fizer, o leitor não deixa por isso de se habilitar ao sorteio; acontece apenas que não terá em seu poder a informação do número que lhe coube para o sorteio;
- **QUANTO AO ENVIO** o leitor pode enviar quantas colecções quiser, mas sempre só uma em cada envelope, e cada uma acompanhada de um boletim de identificação devidamente preenchido e de um selo de 5\$00 no caso de desejar a devolução do talão recibo;
- **O PRAZO DE ENVIO** termina em 14 de Agosto de 1979 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para

DIÁRIO DE LISBOA — CONCURSO
RUA LUZ SORIANO 44
1200 LISBOA

- **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções;
- **O APURAMENTO DAS COLECÇÕES** será feito entre 14 e 31 de Agosto de 1979, sendo esta última a data prevista para o sorteio.

O concorrente deverá indicar o nome completo tal como figura no seu bilhete de identidade

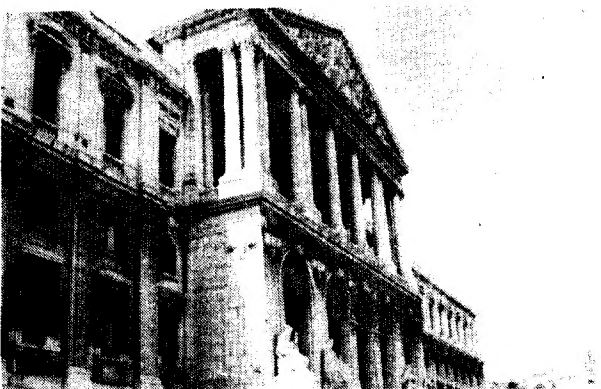
Não se esqueça de indicar o nome e endereço do vendedor ou do estabelecimento onde adquiriu o «Diário de Lisboa»

PASSAGENS
AVIAO COMBOIO
BARCO PULLMAN
Preços das companhias
— consulte-nos —
agência abreu
LISBOA — Av. da Liberdade, 160 — Telef. 371341

ponto a ponto



O presidente do Grupo Parlamentar do PCP, Carlos Brito, lidera uma delegação deste partido que ontem partiu para uma visita à República Popular da Bulgária, a convite do PC deste país. Com Carlos Brito, seguiram também Raimundo Cabral e Jerónimo Costa, todos membros do CC do Partido Comunista.



O Palácio de S. Bento foi ontem palco para uma reunião entre o presidente da Assembleia da República e membros de uma delegação parlamentar coreana (da Coreia do Norte), que se encontra de visita a Portugal. No encontro participaram também dirigentes partidários e responsáveis por Comissões Permanentes da AR. Hoje, os deputados coreanos deslocaram-se à Setenave, em Setúbal, a Évora e a uma cooperativa agrícola alentejana.



Cadetes da Academia Militar Francesa iniciam hoje uma visita ao nosso país, que se prolonga até ao próximo dia 7. A deslocação dos futuros oficiais franceses a Portugal integra-se num programa de intercâmbio técnico-cultural entre estabelecimentos de ensino superior militar.



Uma delegação do PCP (ML), minúsculo partido cuja audiência resulta do apoio que lhe é concedido pelas autoridades chinesas, seguiu ontem para a República Popular da China. Chefia a delegação, José Rocha, primeiro-secretário daquele grupo político.



O autocarro «Abril», da Presidência da República, foi hoje de manhã estreado. Coube ao ministro das Obras Públicas, Almeida Pina, utilizar pela primeira vez aquele meio de transporte, numa viagem oficial ao distrito de Viseu. O autocarro foi «emprestado» por Belém ao MOP.

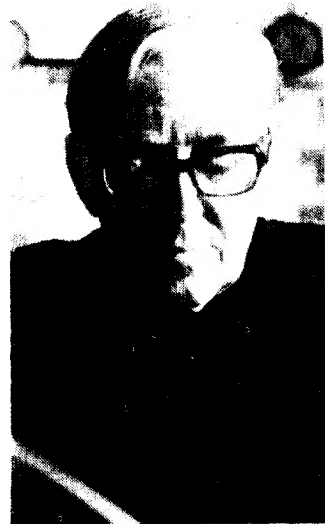
“DIÁRIOS PORTUGUESES”

ILSE LOSA

O viajante em país estrangeiro, perspicaz, de olhos e espírito abertos e sem ideias preconcebidas (que, evidentemente, se demora mais do que uma semana e entende a língua da população) está em condições de nos fornecer um quadro impressionista com aspectos essenciais daquilo que pesquisou. Mas o viajante que vai ver o já de antemão concebido na sua ideia e não o que lá está na realidade ou que se limita a visitas a monumentos, museus e restaurantes, com certeza não capta a autêntica imagem nem a autêntica atmosfera da terra que percorre. Para além dos estrangeiros-turistas há os que, por esta ou aquela razão, se fixam durante uma longa temporada num país alheio. Precipitadamente podíamos concluir que todos estes penetram a fundo no que se passa à sua volta, humana — política e culturalmente. No entanto, em muitos e muitos casos, as coisas não se passam assim. É vulgaríssimo os residentes em terra que não é a sua permanecerem de fora por não se adaptarem a novos costumes, por não conseguirem aprender a língua do país, por estarem totalmente desinteressados dos problemas do povo em cujo meio se instalaram ou até por conviverem exclusivamente com nacionais de visão unilateral. Assim, acontece com frequência que pessoas fixadas há anos num país estrangeiro não conseguem dar-nos informações tão fidedignas como outras que apenas em um ou dois meses de estadia procuraram seriamente compreender os mais variados problemas das populações.

Quanto a Curt Meyer-Clason, que esteve durante sete anos em Portugal, pode, sem hesitação, afirmar-se que não perdeu o seu tempo e que, no meio dos muitos estrangeiros entre nós residentes, pertence às poucas excepções à regra. Quem com ele conviveu de perto bem o sabia; quem não o conheceu, mas leia os seus «Diários Portugueses», (por enquanto só existe a edição alemã) sem dúvida concordará.

Curt Meyer-Clason dirigiu, de 1969 a 1976, o Instituto Alemão em Lisboa. Dotado de grande vivacidade e curiosidade intelectual, duma fácil e calorosa comunicabilidade, dum coração aberto para quem o abordasse, e ainda conhecedor profundo da língua e da literatura portuguesa, não se poderia conformar nunca em viver num mundo sem estar nele. E assim, recusando-se terminantemente a aceitar as



Kurt Meyer-Clason

regras da praxe diplomática e não se conformando com as ordens: «nada tens que ver com os assuntos do país onde estás apenas colocado para divulgar a cultura (mas não total) do teu». A sua «passagem» por Portugal não ficará esquecida por aqueles que souberam avaliar o que ela representou.

«Pensar e fazer, fazer e pensar/eis a soma de toda a sabedoria...» é o lema de Goethe com que abrem «Os Diários Portugueses».

«Se eu pretender estabelecer um diálogo entre as forças progressistas de ambos os países — e sem isso não existe trabalho cultural criador — tenho de trilhar caminhos pessoais, provavelmente perigosos», reflecte Meyer-Clason antes de tomar posse do seu novo lugar. À che-

gada a Lisboa avista-se com o director demissionário, que lhe confessa, entre outras coisas: «Nunca consegui uma relação verdadeira com a língua deste país», e que, à pergunta do seu interlocutor se seria possível fazer-se intercâmbio cultural através de jornais e revistas, responde: «Por favor, nada de jornais como o «Spiegel» e nada de literatura progressista, nada de «Edições Suhrkamp» (uma das colecções da famosa editorial Suhrkamp de Frankfurt, considerada de vanguarda. N.d.T.) e ainda menos essa literatura marxista. Guarde bem à chave autores como Brecht e Grass e empreste os seus livros apenas particularmente, a pedido especial».

Mais tarde, em contacto com as altas entidades diplomáticas teve de ouvir, entre outras, coisas do mesmo jaez: «Com Fernando Namora é melhor não aparecer em público». Seguir tais conselhos seria para Meyer-Clason trair a função que tencionava desempenhar da melhor maneira possível. Por isso procurou, antes de mais nada, conhecer as condições humanas de Portugal, e depois dum estudo a sério anotou dados como estes: «... Por causa da emigração ilegal e do longo serviço militar, há falta de operários especializados. 35,8% da população activa está na indústria, 33% no campo, 31,2% desempenha outras funções; apenas 3% dos grandes proprietários rurais dispõem de 61,3% de todos os terrenos cultiváveis; as populações mais pobres são os minilavadores das províncias nortenhas; Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, onde a percentagem de analfabetos é de 75,3%...».

Depois, e mau grado as recomendações oficiais «bem intencionadas», Meyer-Clason inicia o intercâmbio cultural entre os representantes das culturas portuguesa e alemã. Estabelece

contactos pessoais com escritores, poetas, pintores, músicos, gente de teatro e do cinema. Traduz obras de prosadores portugueses (Cardoso Pires, Almeida Faria, Ruben A., Fernando Namora...) publica em periódicos alemães traduções de poemas de José Gomes Ferreira, Herberto Helder, Eugénio de Andrade, Egito Gonçalves, Manuel Alegre, Miguel Torga, Sophia de Melo Breyner Andersen, Natália Correia, David Mourão Ferreira etc. e compila uma antologia volumosa dos mais conhecidos contistas contemporâneos. Põe as salas do Instituto Alemão à disposição para as mais variadas realizações culturais, alemãs e portuguesas. Ao contrário dum Oliveira Salazar de quem diz: «Salazar, seguindo um modelo bem conhecido, detestava a literatura, o filme, o teatro, enfim tudo o que esclarece, forma e consciencializa o homem», ele, Meyer Clason, ama tudo isso. E no Instituto Alemão onde grupos teatrais independentes como, p. ex., o Grupo dos 4 e os Boneceiros, representam peças de autores alemães, proibidas pela censura nos palcos portugueses, e onde se organiza um verdadeiro festival de poesia portuguesa e ainda um colóquio sobre teatro com a colaboração de figuras como Sttau Monteiro, Artur Ramos, Carlos Porto, Rogério Paulo, Fernanda Alves, etc., etc.

No espaço permitido para uma simples crónica de jornal não me é possível relatar todo o essencial contido nos «Diários Portugueses», documento importante dum tempo português que abrange a transição da ditadura para o regime democrático iniciado a 25 de Abril. Por isso prometo voltar ao assunto.

* «Portugiesische Tagebucher» (Athenäum Verlag)

Os europeístas contra a Europa

MAURICE DUVERGER

As eleições de 10 de Junho deram a vitória aos europeístas, isto é, aos partidários de uma Europa supranacional.

Quase todos os democratas-cristãos e quase todos os liberais, assim como a maior parte dos socialistas seguem essa linha e, os próprios comunistas italianos se inclinam para esse lado. A Europa das pátrias só atrai os gaullistas, os conservadores britânicos, o Fianna Fail irlandês, os comunistas franceses, vários dinamarqueses, e, entre outros, trabalhistas e «ceresianos». A desproporção dos dois grupos é considerável. O primeiro é bastante mais forte do que o segundo. Dispõe de uma maioria esmagadora e tem o apoio da Comissão do Tribunal de Justiça e da maioria dos funcionários de Bruxelas.

Os europeístas também têm os meios de atingir os seus fins. Claro que não podem obter a revisão dos tratados necessários para aumentar os poderes das autoridades comunitárias: ela exigiria um acordo de todos os Estados, que nem a França, nem a Grã-Bretanha nem a Dinamarca estão dispostos a dar. Mas podia pedir-se que os actuais textos fossem respeitados pelos Governos, que o não fazem. Desde 1969 que a maioria das decisões deviam ser tomadas por maioria, tanto no conselho de ministros como no conselho europeu. Na prática é sempre exigida unanimidade. A Assembleia de Estrasburgo também dispõe de um bom terreno de ataque. Ao pedir o respeito pelo

direito comunitário, levantaria uma tempestade maior. A história mostra que os Parlamentos podem aumentar os seus poderes ao suscitarem crises deste género.

Ela mostra igualmente que estas crises devem mobilizar as opiniões públicas para atingir um tal resultado. Os europeístas ficam por isso paralisados, porque só estão de acordo num aspecto, num processo, numa técnica jurídica, não no fundo. Se quisermos associar os povos aos debates de Estrasburgo, estes deverão ir ao fundo das coisas, ao conteúdo das decisões, e não ao seu mecanismo.

Neste ponto capital, a divisão não se faz entre europeístas e nacionalistas, mas sim entre direita e esquerda.

A assembleia comunitária está repartida entre duas oposições crescentes, tal como a assembleia francesa. Para construir uma Europa dos trabalhadores, François Mitterrand e Enrico Berlinguer, partidários de um poder europeu poderoso, estão mais perto de Georges Marchais e dos trabalhistas britânicos ou de outros socialistas partidários da Europa das pátrias, do que dos democristãos e dos centristas, partidários de uma Europa a um tempo liberal e supranacional. A situação ainda é a mais complexa, visto certos socialistas-democratas estarem furiosamente ligados à economia de mercado, que os empurra para a direita, enquanto que os gaullistas defendem uma espécie de keynesismo que os leva para a

esquerda. Numa confusão tão grande não se pode descobrir um objectivo que permitisse uma mobilização eficaz da maioria europeísta, justificando um crescimento dos poderes comunitários.

As suas divisões respectivas incomodam mais os supranacionais que os nacionalistas, porque o desacordo paralisa a inovação e favorece o imobilismo. Quando cada cavalo puxa para seu lado, o carro não sai do mesmo lugar. Isto convém aos partidários da Europa das pátrias, que podem adaptar-se ao sistema actual, em que os tratados, mais avançados do que as mentalidades, são corrigidos pela regra da unanimidade no conselho de ministros e no conselho europeu, e pela liberdade que necessariamente tomarão os Estados de não aplicar as decisões do Tribunal de Justiça que acharem inaceitáveis (saude-mos as recentes declarações de François Poncet a este respeito). Isto penaliza os europeístas que têm de mudar o *statu quo*.

Mas há algo mais grave: é a contradição fundamental que hoje preocupa a maioria dos europeístas, repartidos entre a sua fé nas instituições supranacionais e a sua fé na economia de mercado. A primeira leva-os a instalar um motor superpotente no veículo Europa; a segunda a impedi-lo de avançar. Por um lado desejam dotar a Comuni-

dade de importantes meios de acção; por outro, querem que ela não seja. Mais exactamente, só lhe atribuem objectivos negativos. No seu espírito, ela deve destruir os obstáculos que os Estados põem à livre concorrência das empresas no interior da Comunidade e nas suas relações com o exterior já que o objectivo final era estabelecer uma vasta zona de liberdade de comércio ocidental e até mundial. Feito isto a Europa supranacional olhará de braços cruzados a extensão do desemprego no continente e a invasão, pela concorrência, dos países de salários baixos e fraca protecção social.

Em plena crise económica, uma tal perspectiva não parece, de facto, atraente. Mas sê-lo-ia noutras circunstâncias? É de duvidar. Os cidadãos de base compreendem muito bem as contradições que os seus dirigentes se esforçam por esconder. Jacques Chirac gasta-se a concentrar os seus ataques sobre o presidente da República, enquanto que a doutrina gaullista faz dele a pedra angular do Estado. François Mitterrand não é muito bem compreendido quando vilipendia a social-democracia, em Metz, e se alia com ela, em Estrasburgo. Os europeístas não levantam o entusiasmo comunitário quando propõem construir poderosas instituições europeias, a fim de abrir o

(Continua na pag. 4)

Representante de Macau vai a Genebra à conferência sobre refugiados

O Governo português e a administração de Macau apoiam a realização da Conferência Internacional sobre os Refugiados proposta pela Organização das Nações Unidas que deverá ter lugar em Genebra em 20 e 21 deste mês — anunciou hoje o governador de Macau, general Melo Egidio em declarações feitas à emissora de radiodifusão local.

O general Melo Egidio recordou que «o Governo português tem diligenciado por todas as formas para solucionar o problema, inclusivamente apoiando a realização de uma conferência sobre o assunto a nível da ONU, dizendo ainda que «a administração portuguesa em Macau concorda inteiramente com a reunião preconizada em Genebra, pois considera ser esta a forma mais adequada de conseguir a sensibilização e participação da comunidade internacional».

O governador de Macau, que deverá enviar um representante do território à conferência de Genebra, indicou ainda que,

«não obstante os esforços desenvolvidos nesta área geográfica, o problema dos refugiados é lógico e incontestavelmente um problema cuja solução só pode ser encontrada a nível mundial. O facto de serem os territórios do Sudeste Asiático a sofrerem o impacto directo do fenómeno não pode fazer esquecer que o mesmo provém dum conjunto de circunstâncias em que estiveram envolvidos interesses a nível mundial».

Melo Egidio revelou ainda a decisão da administração de Macau de elevar para cinco mil o número de refugiados do Vietname alojados nos campos de trânsito. No entanto, o governador recordou que a presença de um alto número de refugiados, equivalente a um por cento da população do território, levanta muitos problemas, desde dificuldades de convívio, descontentamento da população local, problemas de instalações e mesmo laborais, já que «uma concorrência ilícita faz diminuir a procura normal de mão-de-obra, determinando ainda alguma degradação salarial».

PORTIMÃO

“Em diálogo para construir o futuro”

PORTIMÃO, 3 — Sob o lema «Em diálogo construir o futuro», vai decorrer durante todo o próximo sábado nesta cidade, o I Encontro de Municípios do Concelho de Portimão.

A decisão foi tomada em reunião alargada das estruturas concelhias da Aliança Povo Unido (APU), e surge na sequência de outras iniciativas com vista à dinamização do próximo processo eleitoral para as autarquias locais.

Foram já criados, no âmbito deste Encontro, grupos de trabalho que irão apresentar comuni-

cações sobre múltiplos aspectos do concelho de Portimão, como sejam os da habitação, transportes, saúde, desporto e tempos livres, cultura, pescas, urbanismo, turismo, ensino, cooperativismo, segurança social, autarquias, freguesias rurais e agricultura.

Os problemas da Mulher e da Criança, bem como dos reformados, serão também perspectivados neste I Encontro de Municípios portimonenses, cujos trabalhos decorrerão no salão do Boa Esperança Atlético Clube Portimonense.

OS EUROPEISTAS

Continuação da pág. 3

espaço europeu a tudo e a todos, a fim de tornar finalmente inúteis os aparelhos supranacionais que pretendem reforçar.

A excepção da Irlanda, os nove Estados que votaram no dia 10 de Junho possuem Governos capazes de levar a cabo uma política económica dinâmica. Se nestes últimos anos eles tenderam para o neoliberalismo em vez de prosseguir no caminho de Keynes, nem por isso destruíram os mecanismos que permitiriam retomá-lo. Também não modificaram os sistemas de segurança social e os sectores nacionalizados. Tudo isto podia ser de novo posto em acção amanhã mesmo, no caso de uma mudança de maioria ou simplesmente de política. Os promotores da Comunidade não imaginavam que estes meios de intervenção pública pudessem ser abolidos. O mercado europeu não devia ser o passador em que Debré o acusa de se ter tornado; mas sim um conjunto em que tudo circularia sob a protecção de uma tarifa externa, contra a superpotência do gigante americano e a super-exploração dos países em desenvolvimento. Tanto a Comissão como o Conselho de

Bruxelas deviam dispor de poderes de intervenção económica, não só análogos aos que foram retirados aos Estados nacionais, mas mais poderosos graças à extensão do seu raio de acção.

Tudo mudou desde que os europeístas se converteram mais ou menos às doutrinas dos «Chicago's boys», reduzindo as instituições supranacionais às funções de uma espécie de **bulldozer** encarregado de destruir os poderes do Estado sem os substituir por poderes comunitários. Será assim realizado o sonho das burguesias de Luis Filipe: um sistema ultraliberal em que a autoridade pública é confinada às funções da polícia e ao estabelecimento de serviços colectivos baratos para as empresas, e caros para os utentes individuais. Não era este o objectivo de Jean Monnet, nem de Robert Schuman, nem de Alcide de Gasperi, mais próximos das políticas da libertação, intervencionistas e planificadoras. Reduzindo a uma caricatura o projecto de Europa dos pais fundadores, os filhos pródigos retiraram-lhe o seu «agrément» e ficaram sem possibilidade de eficácia.

(Le Monde)

CONCLUSÕES DE UM INQUÉRITO

Juventude do Norte vai votar em massa

Um inquérito efectuado pela ANOP nas principais cidades a norte do rio Douro permitiu concluir que a juventude tenciona votar em massa nas próximas eleições. Cem por cento dos jovens inquiridos, com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos, responderam afirmativamente. Quanto à integração de Portugal na CEE apenas tem a concordância de 40% dos inquiridos. Outros 40% desconhecem as vantagens ou desvantagens de tal integração, enquanto os restantes 20% pensam que tal adesão «não trará benefícios».

O primeiro emprego é a grande preocupação da maioria dos jovens que na generalidade não lê a imprensa estrangeira. Uma jovem de Viana do Castelo sublinhou que, «além de não se criarem novos postos de trabalho em Portugal, os poucos que vão aparecendo são ocupados ou por 'cunhas' ou por opções ideológicas». Esta questão «é uma angústia que nos acompanha mesmo com um diploma universitário» observou um jovem de Braga.

O inquérito permitiu também

concluir que em Vila Real e Bragança a juventude não lê a imprensa estrangeira porque não está à venda, mas no Porto, Braga e Viana do Castelo a maioria não dispõe de dinheiro para comprar esses jornais, além de reconhecer que «não

têm artigos de muito interesse para nós».

Para um estudante do Porto, de 22 anos, «ser jovem em Portugal é não poder realizar os objectivos e não poder ter independência económica. E ver dia a dia aumentar a sua degradação

com o consequente aumento da delinquência juvenil».

A conclusão mais importante porém é que a juventude de Portugal é unânime quanto à sua decisão de intervir no processo político votando nas eleições que se avizinham.

Escavações arqueológicas vão iniciar-se no concelho de Baião

Os jovens que não tiverem ainda o seu plano de férias elaborado e quiserem aproveitar esse período de descanso para o aplicar num saudável trabalho ao ar livre, largamente compensado pelo convívio colectivo e pela descoberta, sempre exaltante, de testemunhos ainda ignorados da cultura dos nossos antepassados mais remotos, têm agora uma oportunidade: as escavações arqueológicas que vão decorrer de 1 de Julho a 30 de Setembro nas estações pré-históricas da Serra da Aboboreira, com promoção e orienta-

ção da Universidade do Porto (Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras e Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências).

As escavações incidirão sobre **quatro monumentos megalíticos** (mamoas 2, 5 e 6 de Outeiro de Ante e mamoa 1 da Abogalheira) e sobre um **povoado** de ar livre (Alto da Caldeira), e serão dirigidas pelos arqueólogos Drs. António Huet Bacelar Gonçalves (da Fac. de Ciências), Vítor Oliveira Jorge (da Fac. de Letras), Ana Leite da Cunha, Eduardo Jorge Lopes da Silva, Ana Sá Pinto, Jorge Sá Pinto (do GEAP) e Susana Oliveira Jorge (da Fac. de Letras). Colaborarão nas escavações estudantes universitários e pré-universitários de vários locais do país. Durante os trabalhos está ainda prevista a continuação das prospecções sistemáticas já iniciadas naquela Serra, e a realização de diversas sessões de divulgação e anima-

ção cultural.

Esta importante iniciativa, já autorizada pela Direcção-Geral do Património Cultural, conta com o apoio do Fundo de Fomento Cultural, da Secretaria de Estado da Cultura e da Câmara Municipal de Baião. Foi também solicitado o auxílio da CM de Amarante e do FAOJ, bem como a colaboração do Distrito Escolar do Porto.

Pretendendo os trabalhos funcionar como escola de escavações arqueológicas estão abertos à visita de todos os interessados. Os estudantes que nelas queiram participar deverão inscrever-se até ao dia 25 de Julho, podendo fazê-lo por escrito para a sede provisória do GEAP, R. Azevedo Albuquerque, 1, Porto. As inscrições, naturalmente limitadas, dão direito a alojamento e alimentação pelo período de tempo correspondente ao trabalho dos participantes activos nas escavações.

MUNICÍPIOS ALGARVIOS NÃO DESISTEM DO IMPOSTO DE TURISMO

A Associação dos Hoteleiros do Algarve voltou a acusar as câmaras municipais por ameaças dirigidas aos seus associados envolvendo o corte de água, esgotos e electricidade e «até com a prisão», na sequência do diferendo sobre imposto de turismo.

A Associação divulgou uma carta do município de Lagoa na qual se afirma que todas aquelas decisões drásticas serão leva-

das a efeito, «se, a partir de agora, qualquer associação ou operador turístico se recusar a liquidar o imposto».

LEILÃO DIA 7 DAS 10 ÀS 12 HORAS

Aos Comerciantes e público em geral.

Fábrica de móveis, vende várias mobílias novas

e maples, de vários modelos, pela maior oferta.

Não perca esta grande oportunidade.

na Reinaldo Ferreira, 6-A Alvalade



CAMPISMO

CANADIANAS
2 PESSOAS
2480.00
DUPLO TECTO
2980.00
4 PESSOAS
3980.00
PREÇOS ESPECIALÍSSIMOS PARA REVENDA

Lojas dos Armazéns
CONDE BARÃO

10.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Na Execução Sumária n.º 1923, que pela 1.ª secção do 10.º Juízo Cível de Lisboa corre termos, em que é executante Estabelecimentos Manuel Ferreira Lda, e executado Eduardo Franco, que também usa Eduardo Franco de Oliveira Lopes, industrial dono do estabelecimento denominado «Casa dos Cofres e Portas Fortes» sito na Praceta dos Bombeiros Voluntários, lote 3 ao Dafundo - Oeiras, correm editos de 20 dias contados da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos editos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 21 de Junho de 1979

O JUIZ DE DIREITO,
(As.) Zeferino David Faria
P.O. Escrivão de Direito
(As.) Daniel Barros Alves

ADMISSÃO DE ENFERMEIROS DE 2.ª CLASSE HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Para conhecimento de possíveis interessados se publica que se encontram abertas inscrições, para Enfermeiros de 2.ª classe neste Organismo.

Poderão candidatar-se os indivíduos habilitados com o curso de enfermagem geral ou curso de promoção profissional de Enfermeiros de 3.ª classe.

Os candidatos deverão dirigir-se ao Serviço de Pessoal dos Hospitais Cíveis de Lisboa, sito no Campo dos Mártires da Pátria, 91-2.º-Esq.º Lisboa, onde lhes serão prestados todos os esclarecimentos.

Pel' A Comissão Coordenadora
(assinatura ilegível)

Porto: "êxito" da operação policial contra os vendedores ambulantes

PORTO, 3 — Os cerca de 90 agentes da PSP que desde 28 de Junho ocupam lugares estratégicos na baixa da cidade, estão a revelar-se eficazes no desempenho da missão que lhes foi confiada: «limpar» estas zonas dos vendedores ambulantes que nela se instalaram e montaram bancas, atravancando os passeios públicos com as suas exposições de brinquedos, de frutas, de artesanato e de outros produtos.

«Os passeios foram devolvidos aos peões e a cidade apresenta, agora, um aspecto mais limpo, graças a esta acção policial», afirmou ontem Alcino

Martins, comissário da PSP, que acrescentou ter a população cidadina apoiado incondicionalmente a intervenção policial neste campo.

As brigadas que levaram a operação a cabo retirar-se-ão no dia 8, mas a PSP, consciente de que muitos dos vendedores rondam diariamente os locais de que foram expulsos, aguardando uma oportunidade de regresso, começará no dia seguinte a aplicar as sanções previstas na lei para estes casos.

A oportunidade que os vendedores aguardam, afirmou o comissário Alcino Martins, nunca lhes será concedida.

Mais 44 bombeiros para o Batalhão de Sapadores

Na sede do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto presertaram «compromisso de honra» quarenta e quatro novos bombeiros.

À cerimónia da entrega dos capacetes aos novos soldados da paz presidiu Aureliano Velloso, presidente do Município

portuense, o tenente-coronel Maia Gonçalves, comandante do BSB.

Antes da demonstração de aptidão do pessoal, foi apresentada uma nova viatura de pronto-socorro a acidentes, seguindo-se o desfile de material antigo utilizado no ataque a incêndios.

BOMBAS DA ETA NAS PRAIAS ANDALUZAS

O princípio do fim do turismo espanhol?

● Duzentos mil veraneantes do país vizinho esperados em Portugal em Julho e Agosto

MADRID (do correspondente Fernando Jauregui) — Este ano pode significar o princípio do fim para o turismo espanhol, afirmou ontem um funcionário do Ministério do Comércio e Turismo. O terrorismo da ETA levado para as costas do Mediterrâneo, os aumentos do petróleo e a situação económica mundial podem fazer com que 1979 seja um péssimo ano para o turismo do país vizinho. Portugal poderá vir a ser, a médio prazo, o grande beneficiado, segundo acrescentou o mesmo funcionário.

A ETA (político/militar) tem continuado nas últimas horas a colocar explosivos nas zonas Este da Costa do Sol (Andaluzia). No sábado, um casal de turistas belgas ficou ferido por explosões, em Marbella, localidade de onde já começaram a sair numerosos turistas.

Mais de dez explosivos reentaram nos últimos dias nas zonas turísticas espanholas mais populosas: Benidorm, Málaga, Marbella, Castellón de la Plana... mas até agora sempre houve um pré-aviso de que iria registar-se uma explosão, o que evitou (excepto o casal de belgas) a existência de vítimas.

No domingo, o comboio «Porta do Sol» que faz o percurso Paris-Madrid foi metralhado em San Juan de Luz, ao sul de França, onde existem numerosos refugiados da ETA.

O resultado de tudo isto é que a afluência de turistas através da fronteira franco-espanhola diminuiu cerca de quarenta por cento em relação ao ano passado. E a imprensa europeia refere nas primeiras páginas dos jornais o terrorismo «turístico» da ETA.

As autoridades espanholas acreditam que, com esta nova forma de acção contra a principal fonte de receitas de Espanha, o turismo, a ETA pretende pressionar para que o Governo não aceite discutir o estatuto de

autonomia basco elaborado em 1936, conhecido como estatuto de Guernica. O partido governamental, UCD, impõe numerosas limitações ao texto do estatuto de autonomia, argumentando que, tal como está elaborado, resulta anticonstitucional. No entanto, é mais do que duvidoso que os militares admitam uma autonomia tão grande como a que é contemplada pelo estatuto de Guernica (pensam que é um primeiro passo para o separatismo) e já se fala em meios políticos espanhóis na existência de hipotéticos planos para «tomar» militarmente o País Basco, no caso de se dar aquilo a que as Forças Armadas consideram «uma situação da máxima inconstitucionalidade».

ESPAÑHÓIS EM PORTUGAL

Mas existem outras razões para que o turismo tenha diminuído este ano: as económicas. Ontem, a Comissão Governamental para os Assuntos Económicos, presidida pelo próprio Adolfo Sua-



Manuel Ibañez Freire, ministro do Interior: «as forças de segurança estão a defender a democracia com o seu próprio sangue»

rez, aprovou um aumento de sete pesetas por litro de gasolina. Acabam também de ser anunciados os novos preços de alguns produtos alimentares. Espanha deixou de ser definitivamente um «paraíso económico» para as classes médias e menos favorecidas da Europa. Para cúmulo, é muito provável que no próximo Outono seja racionada a gasolina, cabendo 90 litros a cada automóvel.

Os próprios espanhóis parecem ter decidido passar as suas férias longe dos locais habituais: Málaga, Benidorm ou San Sebastian. A partir de agora, segundo afirmam os técnicos de turismo, irão para Marrocos ou Tunes e, num futuro imediato, para Portugal. Mais de duzentos mil espanhóis passarão parte das suas férias em Portugal, durante os meses de Julho e Agosto, segundo as previsões do Ministério do Comércio e Turismo.

«A alta quotização da peseta e a desvalorização do escudo fazem do País vizinho um paraíso turístico» afirmava na sua edição de ontem, o matutino madrilenho

«Diário 16», que adiantava a possibilidade de se comprarem pesetas a par do escudo no florescente mercado negro de Badajoz.

Nos meios oficiais espanhóis recorda-se que, durante o fim-de-semana da Páscoa, estiveram em Portugal mais de cem mil espanhóis, o que significa uma importante fonte de divisas.

Por isso — existem também outras razões do lado português — as autoridades espanholas decidiram não conceder demasiadas facilidades a esta fuga de pesetas para Portugal «congelando» o acordo assinado há mais de dois meses com Portugal, e no qual se suprimia a necessidade de passaporte para passar a fronteira entre os dois países.

«Se Portugal chega a melhorar a sua infra-estrutura turística, com estradas em todas as zonas turísticas, mais hotéis, etc., converter-se-á, sem dúvida, um dos principais competidores de Espanha na Europa, do ponto de vista turístico» — sublinhou o mesmo funcionário.



San Sebastian: também aqui a ETA tem semeado o terror



Caminhos de Ferro Portugueses

Informação

LISBOA — ALGARVE SERVIÇO ESPECIAL DE FIM-DE-SEMANA

A CP põe à sua disposição um serviço especial de fim-de-semana Lisboa-Algarve com os horários que a seguir se indicam:

Rápido (a)	Directo (a)		Directo (b)	Rápido (d)
17 00	17 50	P. LISBOA (Ferreiro do Paço)	20 50	(d) 19 15
17 30	18 20	C. Barreiro	20 20	18 45
17 37	18 40	P. C.	20 07	18 47
			20 03	
18 00	19 05	Barreiro-A	19 52	
		Pinhal Novo	19 36	
		Setúbal	18 50	18 18
	20 07	Alcácer do Sal	18 30	
	20 37	Grândola	18 06	
	21 00	Ermidas-Sado		
		Alvalade	17 39	
		Funchal	17 15	
		Luzianes	17 03	
	21 49	Santa Clara-Sabóia	16 44	
		São Marcos	16 32	
		Messines Alto	16 22	
21 11		Tunes	16 14	14 14
21 25		C. Tunes	16 09	14 08
21 31	22 16	P. Algez	16 03	14 03
21 37	22 22	Alcatrazilha	15 53	13 57
21 41	22 27	Poço Barreto	15 44	13 51
21 51	22 34	Slives	15 38	13 42
21 59	22 43	Estômbar	15 31	13 35
22 11	22 51	Portimão	15 24	13 24
		Alvor	15 15	13 13
22 23	23 01	Mexilhoeira Grande		
22 32	23 10	Lagos		
21 16		C. Tunes		
21 25		P. Albufeira		(c) 15 15
21 44		Loulé		15 00
22 02		Faro		14 40
22 15		Olhão		14 27
22 34		Tavira		14 02
22 59		C. Vila Real de S. António		
		V. de Santo António		
13 30		Guadiana		

(a) — Só se efectuam às sextas-feiras. Se sexta-feira coincidir com dia de feriado oficial, efectua-se a no dia anterior.
(b) — Só se efectua aos domingos.
(c) — Recebe em Albufeira, ligação do Ramal de Lagos.
(d) — Aguarda a chegada do comboio até 10 minutos de atraso.

ALCATIFAS?!

Que grande bronca! O preço é de rir.
Tudo para entrega imediata. Telefone 848948
SUPERMERCADO DE ALCATIFAS
DA RUA MORAIS SOARES 54

A ilegitimidade da "reestruturação" da RDP

Vieram recentemente a público algumas das últimas decisões da Comissão Administrativa da RDP. Abrangem elas um conjunto de medidas tomadas no sector da informação cuja face mais visível é a nomeação e promoção de pessoas sem qualquer experiência no campo da informação radiofónica, admitidas e promovidas única e exclusivamente por motivos de confiança política, enquanto profissionais da RDP com provas dadas são relegados para funções secundárias.

Porém e apesar destes serem os aspectos mais susceptíveis de causar impacto na opinião pública, pelo seu indiscutível carácter de discriminação política e ideológica, a Comissão Administrativa da RDP foi muito mais longe, no arbitrio das suas decisões. A Ordem de Serviço agora divulgada, vibra um profundo golpe na empresa pública — Radiodifusão Portuguesa, EP. Assumindo poderes que ninguém lhe conferiu, a Comissão Administrativa define unilateralmente políticas de informação, criando, como ela própria o escreve, quatro meios de comunicação social distintos, substituindo-se assim ao único órgão a quem, por lei, está atribuída tal função, enquanto não for criada a Assembleia de Opinião prevista nos estatutos da RDP, isto é, o Conselho de Informação para a Rádio.

A RDP é uma empresa pública única e não pode, legitimamente, pelo menos até que a sua reprivatização seja decretada, alienar em qualquer dos seus canais a missão de prestação de um serviço público ao povo português. Não é apenas, como agora se pretende, ao Canal Um, que compete essa missão, mas a

todos os seus canais, independentemente da vocação e dos objectivos que vierem a ser-lhes definidos. A Rádio Comercial, essa figura aberrante criada pelos actuais administradores, não pode, ao contrário do que se afirma, estar condicionada pela rentabilidade da sua exploração económica, pela simples razão de que a RDP é, estatutária e constitucionalmente, independente do poder político e do poder económico. Pela mesma razão não é lícito transformar nenhum dos seus canais, como também foi feito, em «órgão oficial do Estado».

Os ouvintes do chamado Canal Comercial, terão a partir de agora uma informação «ao gosto popular», feita de «fait divers», como «o crime», «a catástrofe», «o facto de sensação». Esta, a política de informação traçada para aquele canal. O «gosto popular» não é, neste caso, senão o gosto da própria CA, o seu profundo desconhecimento do papel que a Rádio pode e deve assumir hoje. Aliar as pessoas, compartimentá-las em «cultas» e «populares», porém, dar a todas gato por lebre, é um dos efeitos desta «reestruturação».

A inconsistência dos conceitos veiculados, as próprias contradições contidas na «política de informação» agora ditada, deixariam atónita qualquer pessoa ligada aos Institutos Europeus de Radiodifusão. A CA parte de pressupostos absolutamente er-

rados e subjectivos, confundindo questões deontológicas com problemas técnicos de comunicação, utilizando e manipulando conceitos, cuja essência desconhece. A linguagem é a de um aprendiz de jornalismo.

Os profissionais da RDP têm agora directivas concretas: Sabem que no Canal 1 a informação deverá ser «oficiosa» e «não manipulada»; no Canal 2 e FM estereo, «sobrealimentada»; na Rádio Comercial «ao gosto popular» e «condicionada à exploração publicitária»; no Serviço Internacional (ondas curtas), baseada no «respeito descomplexado pela independência de cada um».

Pasma-se como é possível, numa democracia que se quer pluralista e baseada na repartição de poderes, um conjunto de indivíduos sem preparação técnica para as funções que desempenha, ultrapassar impunemente decisões de órgãos representativos da vontade popular, como são a Assembleia da República e o Conselho de Informação. A rejeição pela AR do estatuto de excepção para a RDP, impedia, por si só, que esta CA tomasse qualquer das medidas que tomou. Em democracia as leis são para se cumprir sempre e não apenas quando servem os nossos interesses e objectivos. Nunca, depois do 25 de Abril se assistiu na RDP a uma subversão tão descarada de leis e instituições, de valores morais e profissionais. Porque não podem ser classificadas de outra maneira, as medidas agora tomadas: as nomeações e promoções por motivos políticos e

MARIA ESTRELA SERRANO

ideológicos, o afastamento de profissionais competentes, a supressão de programas sem quaisquer motivos válidos; tudo isto à margem das leis vigentes, sem sequer existirem quadros de pessoal que comportem as novas categorias.

Escusado será referir o encargo financeiro que estas nomeações representam para a empresa, quando não são pagos há largos meses os retroactivos em atraso e se mantêm trabalhadores inactivos. Quer dizer que esta CA, que começou por afirmar existir na empresa um grande número de pessoal excedentário e colocou profissionais na bolsa de desemprego; que rescindiu contratos, grande parte dos quais voltou depois a celebrar selectivamente e destruiu equipas de trabalho com provas dadas, não hesita agora em criar novos e grandes encargos a uma empresa que, por sua iniciativa, foi considerada em situação económica difícil.

O que se pretende é, sem dúvida, segurar «homens de confiança» em lugares-chave e a longo prazo, inviabilizar a RDP como empresa pública. Esta CA não ignora o destino que a espera; sabe que o tempo urge e por isso prepara novas «reestruturações». Os Serviços Administrativos, os Programas, a Direcção de Pessoal, são metas próximas. Os «amigos» e os «fiéis» serão recompensados. E preciso deixar o bolo repartido.

Comparados à «perícia» de Proença de Carvalho e dos seus homens, os partidos políticos não passam de simples e ingénuos aprendizes.

PROJECTO GONELHA EM QUESTÃO?

Duzentos militantes de Coimbra contra "desvios da linha socialista"

Aprovada por 200 trabalhadores socialistas reunidos em Cernache, por ocasião do 2.º aniversário da secção do PS na Rodoviária Nacional de Coimbra, foi divulgada pelo gabinete de Imprensa daquele partido, uma moção que saúda em Manuel Alegre e António Arnaut — presentes também — «os socialistas que deram ao PS o seu lutado firme e dignamente por um verdadeiro partido de trabalhadores, na defesa intransigente do seu projecto autónomo e na luta contra as tentativas de desvios da linha socialista».

Visando, aparentemente, o conteúdo e alcance do projecto-lei de Gonelha para os sindicatos, já criticado de forma indirecta por Manuel Alegre, no

órgão oficial do partido, «Acção Socialista», a moção colhe o apoio total dos presentes ao referido almoço. Recorde-se, tal como já noticiamos ontem, ter Arnaut no decurso da sua intervenção, afirmado que «nenhum entendimento para a formação de um Governo pode ter por base o prosseguimento de uma política de direita e do esvaziamento do regime democrático».

Tal afirmação teria que ver, segundo observadores próximos do PS, quer com o projecto Gonelha, quer com uma aliança PS-Inadiáveis que pusesse em causa (como exigem os rivais-dissidentes de Sá Carneiro) as alterações à Lei Barreto e à Lei do Arrendamento.

A "CORRIDA" PARA BELÉM

Presidente de Loulé (eleito pelo PS) foi anfitrião de Galvão de Melo

Só depois de «um conhecimento directo e pessoal» é que os eleitores poderão, «em consciência», votar num candidato à Presidência da República, considerou o general na reserva Galvão de Melo, em declarações transcritas pelo quinzenário algarvio, «A Voz de Loulé».

O deputado independente à Assembleia da República, que tem percorrido diversos pontos do País (para convívios, banquetes, missas, etc.) com o objectivo de preparar a sua candidatura a Belém, justificou a sua campanha, à distância, pela necessi-

dade de «percorrer o País num convívio fraterno» a fim de «proporcionar o conhecimento directo e pessoal».

Galvão de Melo, que tem sido apoiado, discretamente, nas suas andanças pré-eleitorais por militantes ou estruturas regionais do CDS, teve desta vez como anfitrião, na zona de Loulé (a acreditar no citado jornal), o respectivo presidente do município, António Andrade e Sousa, eleito em representação do PS, vencedor em 76 das eleições no concelho.

CEE empresta, mas selecciona

O Banco Europeu de Investimentos (BEI) emprestou 978 750 mil escudos (15 milhões de unidades de conta) ao Banco de Fomento Nacional, para financiar empreendimentos industriais e turísticos.

Os empreendimentos serão seleccionados de acordo com o BEI, que concedeu este empréstimo no quadro do protocolo financeiro assinado em Novembro do ano passado entre Portugal e a CEE. Este acordo abrange um crédito de 270 milhões de dólares, amortizável no prazo de dez anos ao juro de 6,25 por cento.

TAP: só seis mil para oitenta vagas...

Cerca de seis mil pessoas apresentaram-se a um concurso para o preenchimento de 80 vagas na TAP.

As vagas são exclusivamente nos escritórios da companhia.

Um informador da TAP disse à ANOP que estão neste momento a decorrer os exames de admissão e que o concurso é válido por um ano.

Came dos Açores para Lisboa

Com um carregamento de 1200 cabeças de gado açoriano, chegou ao porto de Lisboa o navio «AÇORES», da Companhia de Transportes Marítimos. O gado destina-se a abastecimento dos talhos de Lisboa e arredores.

AÇORES, LAJES, ETC

Nós, os minúsculos

Ai por volta de 1952, na Ilha Terceira, os hidroaviões, essas gaivotas de aço, eram o fascínio dos miúdos da beira-mar, qualidade de todos os nascidos para uma ilha. Em breve, porém, a boca do espanto se fechava pois havia sempre perto um tio, um avô, que dizia que aquilo era «prás guerras». E tão sábios eram na sua sentença que mais ninguém piava. Medo? Julgo que não. Medo que chegava, sim, dos abalos de terra que deitavam as casas abaixo e arrastavam o basalto por sobre a areia da baía do Fanal, liquidando para sempre a única praia da cidade de Angra.

Não tínhamos, nós, os minúsculos, uma ideia concreta do que era a guerra, embora houvesse um grande castelo, visível de boa parte da ilha e muralhas por toda a costa; havia um «forte» para guardar os «presos», não se falava da Coreia mais dos «russos», esses maus, como os presos, que tinham «discos voadores» para andar a meter medo por todo o lado.

Os «americanos», anjos da guarda, estavam nas Lajes, como que vindos do céu; eram

tão poderosos que davam trabalho até gente vinda de outras ilhas. E, dos seus bichos de lixo, havia uns quantos açorianos da Terceira que retiravam artigos de «luxo» que depois comerciavam pela ilha. Meu tio Manuel, durante muitos anos, andou às latas, transformadas em primorosas «canecas de folha», que iam servir em quase todas as cozinhas da terra, depois de pequenos trabalhos de lataria. Isto foi muito antes do aparecimento dos copos de plástico, do contrabando refinado do P.X. e garanto-vos que não são propriamente «belas» recordações da infância, com que gostamos de nos iludir, o que estou a invocar.

Como também não tenho saudades nenhuma, quando, por 1958, se tirava no edifício velho da Polícia, depois transformado em Escola Infante D. Henrique, uma árdua 3.ª classe à custa de decorar os rios e as vias férreas continentais, porque o livro único da «geografia» mandava, ignorando nós, os minúsculos, os nomes dos lugares de proveniência dos açorianos das «ilhas de bai-

xo» ou qual o roteiro a seguir para se chegar às ilhas orientais do arquipélago.

Isto ocorreu-me porque ouvi e vi por aí, na televisão, um «americano», que veio a Lisboa assinar um contrato com senhores do Governo de Portugal, para utilização da Base das Lajes em troca de uns dólares que vão servir, em parte, para os portugueses e suas áreas continentais, porque o livro único da «geografia» mandava, ignorando nós, os minúsculos, os nomes dos lugares de proveniência dos açorianos das «ilhas de baixo» ou qual o roteiro a seguir para se chegar às ilhas orientais do arquipélago.

Isto ocorreu-me porque ouvi e vi por aí, na televisão, um «americano», que veio a Lisboa assinar um contrato com senhores do Governo de Portugal.

Açores, para a «criação de infra-estruturas», disse um senhor do Governo das ilhas, patriota vacilante em tempos já idos numa revolução, desculpado por via disso, mas, ao que insinuou, muito «duro», muito «firme», nas negociações. Explicar-nos o que são, quais são, as infra-estruturas que

vão ser perfumadas com o mòmim, não se deu o senhor governador ao trabalho. Todos os açorianos (ao ouvir assim falar) seriam doutorados, ou, pelo menos, bacharéis, ou, no mínimo, teriam o «sétimo» ano — o que não corresponde, infelizmente, à verdade.

Quando Vitorino Nemésio escreveu nas «Cantigas ao Campo das Lajes»:

**Tanto caga-fogo d'alto!
Quanto bidon, tanto prigo!
Cimento não dá pão/
ALVO,
Como dava o nosso trigo.**

mal ia a gente imaginar que o «pão alvo» podia ser substituído, com vantagens para os senhores de ambos os lados, por aviões, infra-estruturas, coca-cola e chewing-gum. Eles o dizem e nos convençamos a um bom número: à tia de New Bedford, ao primo de Baltimore, aos meus sobrinhos que estão grandes e limpos como céu da Califórnia dos filmes de cow-boys! Sem ranho no nariz e ramelas nos olhos, com calças para vestir e, na albigueira, mòmim prás máquinas. Não é assim que a

J.H. SANTOS BARROS

vantagem também é para a gente, os fícticos, que temos a certeza que as «sacas de roupa» e os «pesos» continuarão a chegar? Minúsculos embora, não é isto bom?

Vai-se a Praia da Vitória, o Pico dos Celeiros, a Agualva, as Lajes portantas almas bem postas na terra «amaricana» ou expostas nas ilhas e no continente à maldade dos discos-voadores? Deixá-lo! Que melhor negócio é que querem? Vale mais não saberes que dar ao teu filho ou poderes perfumá-lo com dólares (poucos que sejam) ainda que nem o próprio ar seja já teu — os barbudos «instudantes» dizem que tem **po-eira radioactiva**. E não é bom ter suspeitas carregadas de certeza que estes anjos da guarda vão continuar a ajudar Portugal a livrar-se do comunismo, mandando todos os Otelos para a reserva?

Ai de nós, os minúsculos... que temos o ano internacional da criança para nosso contentamento!

DONA DE CASA

NÃO DECORE O SEU LAR, SEM PRIMEIRO NOS CONSULTAR

Temos uma vasta gama de Artigos para Decoração



INACIO, CUNHA & REBELO, LDA.

Rua Andrade, 4 r/c e 1.º Dtº Lisboa

Telef: 843244 — 849492 — 849486

Secretariado Nacional do PS: "É possível um quinto Governo"

O Partido Socialista não se opõe à realização de eleições intercalares, embora pense que seja possível a formação de um quinto governo, tendo nesse sentido feito a correspondente proposta de alternativa ao Presidente da República. Esta afirmação que não encerra qualquer nova posição foi feita pelo porta-voz do Secretariado Nacional do PS, Arons de Carvalho, no termo de mais uma reunião daquele órgão. Reunido para apreciar a conjuntura política e para tratar de assuntos de rotina, o Secretariado Nacional reiterou as posições de Manuel Alegre sobre «uma mobilização nacional» caso fossem tentadas manobras inconstitucionais, nomeadamente através de um referendo.

Entretanto, Arons de Carvalho, traduzindo a opinião do Secretariado socialista, referiu que o PS aguarda a comunicação ao País do Presidente da República sobre a saída da crise governativa.

AMANHÃ, NAS NECESSIDADES

Vão ser trocados instrumentos de ratificação do Acordo de Bissau

O ministro português dos Negócios Estrangeiros e o embaixador da República Popular de Angola em Lisboa procederão amanhã à troca dos instrumentos da ratificação do Acordo Geral de Cooperação assinado entre os dois países.

O acordo, geralmente conhecido como Acordo de Bissau, constituiu o primeiro passo para a normalização das relações entre Portugal e Angola, depois da proclamação da independência deste país em 11 de Novembro de 1975. O facto de o Governo português, na altura o VI Provisório, se ter recusado a reconhecer o regime dirigido pelo presidente Neto em Angola

RECADO DA CGTP A EANES:

Apoio dos trabalhadores é a única base sólida para qualquer Governo

O movimento sindical pautará a sua acção em relação a um próximo Governo conforme as medidas que venham a ser tomadas sobre o «pacto laboral» do actual Governo, despedimentos, custo de vida, contratação colectiva e o projecto sindical de Gonelha — sublinhou ontem, à saída de Belém, o dirigente da CGTP/Intersindical, José Luis Judas.

Reafirmando a «necessidade da rápida substituição do Governo Mota Pinto, como um dos aspectos fundamentais da solução da crise política», aquele membro do Secretariado da central sindical portuguesa — que participou no encontro com o PR acompanhado de Álvaro Rana, Armando Teixeira da Silva e Manuel Carvalho — denunciaria ainda o facto do executivo demitido «continuar a sua política nefasta para os trabalhadores, designadamente através de medidas demagógicas no âmbito da contratação colectiva».

Noutro ponto das suas declarações, José Luis Judas vincou que «tão importante como o apoio parlamentar para a constituição de um Quinto Governo é a base social de apoio que só po-

derá ser garantida pelos trabalhadores».

«Terá os dias contados — frisou ainda — qualquer Governo que apareça sem essa base de apoio.»

Esteve ainda presente em Belém para idênticas conversações com Eanes uma representação da UGT, composta por Torres Couto, Oliveira e Costa, José Canessa, Miguel Pacheco e Cardoso Matias.

No final da audiência, o secretário da UGT, Torres Couto informou que tinham sido discutidos com o Chefe de Estado «problemas laborais e a incidência da crise sobre os trabalhadores». Aquele dirigente sindical disse também serem «altamente gravosas para os traba-

lhadores» as últimas medidas tomadas pelo Governo Mota Pinto.

Disse também que o empenhamento da sua organização no «sentido da solução da crise» foi demonstrada pela proposta de um «pacto social».

HOJE: CIP, CAP e CCP

Esta tarde, a partir das 15 horas, serão recebidas sucessivamente pelo Presidente da República, no âmbito também de contactos para a solução da crise governativa, os representantes da CIP, CAP e CCP. A CNA (Confederação Nacional de Agricultura) estrutura representativa dos interesses da generalidade dos pequenos e médios agricultores do Norte e Centro do País, não foi considerada, por Belém, para idênticas consultas.

PSD mantém-se na A.R.

Os socialistas-democratas manter-se-ão no Parlamento, mesmo que sejam criados na Assembleia agrupamentos de deputados independentes — garantiu ontem o porta-voz da Comissão Política do PSD, Ângelo Correia. Este dirigente desmentiu rumores que circularam nos meios políticos de Lisboa, segundo os quais os socialistas-democratas abandonariam o Parlamento se o Regimento fosse alterado quanto aos independentes.

«O povo elegeu-nos para o representar na Assembleia e só a abandonaremos quando o povo disser, ou seja, perante a dissolução do Parlamento e consequentes novas eleições» — referiu, concluindo: «O facto de considerarmos que a Assembleia não funciona bem e não corresponde aos interesses reais dos portugueses e à sua actual forma de pensar não determina a nossa saída» — concluiu Ângelo Correia.

O PSD tinha 73 deputados no princípio de Abril deste ano, quando 37 abandonaram o partido, por discordarem da sua orientação, nomeadamente sobre o Quarto Governo. Com a

renúncia posterior de Sérvulo Correia ao mandato parlamentar, este número desceu para 36.

Dispondo de 37 deputados, o PSD é o mais pequenos dos quatro grupos parlamentares, apesar de ter ficado em segundo lugar nas eleições legislativas de 1976.

O actual Regimento determina

NA APRESENTAÇÃO DE UM LIVRO DE ENTREVISTAS

Papel de Costa Gomes em debate no Centro Nacional de Cultura

A importância do papel apaziguador do general Costa Gomes no 25 de Novembro foi sublinhada em grande parte das intervenções havidas no debate que ontem à noite se efectuou no Centro Nacional de Cultura, em Lisboa.

O debate integrou-se na sessão pública de lançamento do livro «Costa Gomes — Sobre Portugal, Diálogos com Alexandre Manuel» da editora «Regra do Jogo».

Trata-se de um trabalho que abarca o período compreendido entre 1961 («golpe» de Botelho Moniz) até 1976 (saída de Costa Gomes da Presidência da República), com particular incidência no processo da descolonização e no chamado «Verão quente» de 1975 que culminou com o 25 de Novembro.

As intervenções dos participantes no debate centraram-se vincadamente nos acontecimentos do 25 de Novembro, alargando-se ainda a outros aspectos mais gerais do processo desencadeado após o 25 de Abril

(28 de Setembro, 11 de Março, descolonização, greve do sexto Governo, etc.), graças a questões postas por César de Oliveira, Lopes Cardoso, jornalista Mário Cardoso e ainda por militares como o major Tomé, e o capitão Cabral e Silva, e o major Otelo Saraiva de Carvalho.

Alguns dos intervenientes referiram que Costa Gomes terá mesmo evitado o eclodir de uma guerra civil, acção de apaziguamento em que Otelo Saraiva de Carvalho também teve papel de relevo.

Otelo afirmou na sua intervenção que se deve a Costa Gomes que no 25 de Novembro o Partido Comunista se tenha absterido de acções de rua.

Quadro de pessoal da Embaixada de Portugal em Pequim

Uma portaria do Ministério dos Negócios Estrangeiros cria com efeitos a partir de 1 de Maio de 1979, o quadro de pessoal assalariado da Embaixada de Portugal em Pequim. Do pessoal fazem parte um chanceler, três secretários, 4 contínuos e motoristas e 3 auxiliares de serviço, além do porteiro e do jardineiro.

Frente de direita vai concluir acordo pré-eleitoral

O PSD, o CDS e o PPM voltam a reunir-se na quinta-feira, na sede do partido de Sá Carneiro, com vista à concretização do anunciado acordo pré-eleitoral. O texto desse acordo deverá ser apresentado no final da reunião. Entretanto, uma minuta do acordo político tripartidário foi já assinada pelo PSD e CDS, no início de Junho, e pelo PPM, na última quarta-feira.

Entre os pontos da agenda da próxima reunião, contam-se o programa de Governo, os aspectos eleitorais, tendo em vista a possibilidade de eleições inter-

calares, e a revisão constitucional.

A constituição das delegações ainda não foi oficialmente divulgada, sabendo-se apenas que, quanto aos aspectos eleitorais, incluirão António Capucho e Rui Oliveira, respectivamente secretários-gerais do PSD e CDS — e Ferreira do Amaral, do Directório do PPM. O alargamento deste bloco aos «reformadores» e à Comissão Cívica Eleitoral (Vitorino Magalhães Godinho, entre outros) poderá ser também abordado na reunião.

Estes três partidos defendem eleições intercalares, tendo Sá Carneiro, no último fim-de-semana, considerado «anticonstitucional» a formação de um Executivo até 1980, com base no actual Parlamento. O PPM preconiza a intercalação de eleições legislativas desde 1977. O PSD desde o ano passado e o CDS desde Abril, quando Freitas do Amaral propôs uma frente excluindo os socialistas.

Os três partidos admitem uma colaboração com o PS quanto à revisão constitucional e, nalguns casos, quanto às autarquias.

LIQUIDAÇÃO TOTAL EM 3 PONTOS DO PAÍS



AVEIRO • SACAVÉM • BARREIRO

ESTRADA DE S. BERNARDO, FRENTE
À VARIANTE PORTO FIG. DA FOZ

RUA VASCO DA GAMA (À ENTRADA
DA AUTO-ESTRADA DO NORTE, JUNTO
DOS ARMAZENS BRÁS & BRÁS)

RUA DA INDÚSTRIA, 11-15
LAVRADIO

MÓVEIS BAÍA

LIQUIDAMOS TOTALMENTE A PREÇOS MUITO BAIXOS UMA VASTA SÉRIE DE MODELOS ANTERIORES MAS COMPLETAMENTE ACTUALIZADOS NO MERCADO NACIONAL DO MÓVEL, PARA DAR INÍCIO AO FABRICO DAS NOVAS LINHAS 79 E 80, MAIS VIRADAS À EXPORTAÇÃO.

TODOS OS DIAS (INCLUINDO SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS) DAS 12 ÀS 22 HORAS

Mais manifestações contra "Lei Gonalha"

Manifestações de protesto contra o «projecto Gonalha» vão realizar-se na próxima quinta-feira nas vilas alentejanas de Montemor-o-Novo e Vendas Novas, por iniciativa das uniões sindicais locais.

A «liberdade e unidade sindical», «as ilegalidades e a repressão» e a «defesa da Reforma Agrária» também fazem parte dos objectivos destas concentrações.

Entretanto, a União dos Sindicatos de Lisboa tornou pública uma saudação aos trabalhadores que participaram na manifestação do passado dia 27 em Lisboa.

«Mais uma vez o Povo trabalhador dos distritos de Lisboa e

Setúbal deu indelével prova da sua consciência social e política. (...) Mais uma vez ordeiramente, como ficou comprovado pela compostura cívica com que se manifestou, e patrioticamente, conforme ressaltava das

palavras de ordem, denunciou as arbitrariedades, prepotências e violências de uma linha política reaccionária que se pretende impor ao País e revelou o seu

empenho em colaborar, de forma decisiva, para a ultrapassagem da actual crise política e social, e contribuir com a força criadora dos seus braços para a recuperação económica do País» — afirma a União dos Sindicatos de Lisboa.

Trabalhadores consulares mantêm greve para amanhã

A greve de um dia dos trabalhadores das representações diplomáticas portuguesas na Europa, marcada para quarta-feira, poderia ser adiada se, até ao meio-dia de hoje, o Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) apresentasse uma proposta.

A informação foi prestada à ANOP por um dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Consulares, que acusou alguns funcionários do MNE de Lisboa de divisionistas, pois, segundo disse, têm telefonado para postos consulares, nomeadamente da Bélgica e da região de Paris, anunciando que «vai haver aumentos salariais».

«O Sindicato — disse o porta-voz sindical — que reivindica o direito de parceiro social, ainda não recebeu nenhuma informação nesse sentido.»

O mesmo informador afirmou que «a perseguição de alguns chefes têm exercido sobre os funcionários é quase de terror», pelo que o sindicato está a preparar um «dossier» sobre o assunto, que será «divulgado oportunamente».

O dirigente sindical, que não mostrou grandes esperanças que o MNE venha a fazer qualquer proposta até amanhã, lamentou que haja funcionários consulares «com 20 anos de serviços que nunca tiveram uma inspecção médica».

Os trabalhadores das representações diplomáticas exigem a obtenção de um estatuto pro-

fissional, a actualização da tabela salarial e alguns benefícios sociais, como são os casos de um subsídio de cinco sextos do vencimento em caso de doença e o direito a justificar faltas, por doença, de familiares e por motivos de exames.

Na Europa há aproximadamente 600 trabalhadores nas representações diplomáticas portuguesas espalhadas pelo Continente, 300 dos quais em França. Destes, cerca de 100 trabalham na região de Paris, local onde se realizou o plenário que decidiu a greve.

CONTABILIDADE PÚBLICA

Foi suspensa a greve dos trabalhadores da Direcção-Geral da Contabilidade Pública que estava marcada para hoje, depois dos sindicatos terem obtido a promessa de que o projecto de diploma de reestruturação das carreiras, de há muito pretendido, seria entregue ainda hoje para discussão, em princípio até às 12 horas.

Os trabalhadores (cerca de 700) exigem uma solução justa para o problema da reestruturação das carreiras, chamando a atenção dos responsáveis para os perigos de autonomização da resolução dos problemas das chefias e para a degradação relativa da sua situação perante as transformações operadas noutros organismos do mesmo ministério (Finanças).

Impasses nos ACT's paralisam transportes

- Comboios e Carris pararam esta manhã
- Transtejo pára sete horas na quinta-feira

As perturbações no sector dos transportes, resultantes de paralisações determinadas pelos organismos sindicais do sector, mantêm-se e têm até tendência para o agravamento, face àquilo que consideram um boicote governamental à contratação colectiva.

Assim, face às dificuldades de negociação, particularmente do clausulado com incidência salarial, os trabalhadores da Carris deixaram a capital sem transportes, esta manhã, durante hora e meia (entre as 9 e 30 e as 11 horas), enquanto os trabalhadores ferroviários iniciaram, às 9 horas, uma paralisação que se prolongará até às cinco horas da madrugada de quinta-feira, com interrupções durante as horas de ponta, ou seja entre as 5 e as 9 e as 18 e as 21 de cada dia.

Mas novas frentes de luta se abrem já neste domínio, como acontece na Transtejo, onde as dificuldades encontradas também no que respeita ao novo ACT, deverão conduzir a uma greve de sete horas, (entre as 10 e as 17 horas), na quinta-feira (depois de amanhã).

Igualmente neste caso, nesta nova luta que se segue a duas outras greves de menor duração, o impasse na negociação do ACT constitui o motivo.

Excepção à regra talvez se encontre no caso das negociações que decorrem para revisão do ACT do Metropolitano de Lisboa, uma vez que a Federação Regional dos Sindicatos de Escrição do Sul, anuncia mais optimismo, face a uma proposta, por parte da CA, de 18% de aumentos salariais.

COMBOIOS: PODE SER PIOR

Quanto à paralisação de hoje no sector ferroviário (o desbloqueamento pode acontecer à última da hora, pois decorre, desde ontem, uma reunião no MT) deve assinalar-se que pela última vez será respeitado o período de «ponta».

De facto, em plenário nacional efectuado no domingo, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, foi aprovada uma proposta de acordo com a qual as próximas paralisações determinadas pela CSN serão contínuas.

A tal não será alheia a posição assumida pelo CG da CP e pelo Governo, que, mantendo-se absolutamente relutantes nas negociações com a Federação dos Sindicatos Ferroviários (representativa de 95% dos ferroviários), aceitou negociações com sindicatos paralelos e cedeu aumentos salariais que atingem em alguns casos os 55% por cento.

Como temos noticiado, a proposta salarial da CSN envolvia aumentos de 23% contra os 10% pretendidos pela entidade patronal. Mas em causa está também o regulamento de carreiras, subsídios de almoço, diuturnidades, regime de transferências, etc.

CARRIS: DINHEIRO E REFEIÇÕES

No caso da Carris, que esta manhã concretizou uma paralisação de hora e meia, o Acordo

Colectivo de Trabalho caducou em Março e desde então a Comissão Administrativa da empresa tem manifestado a intenção de protelar o mais possível o aumento da massa salarial.

As dificuldades têm sido muitas e o exemplo está aí: a última contraproposta da administração prevê aumentos de 18,1% com efeitos a partir de um de Junho, enquanto os trabalhadores defendem a retroactividade a partir de 1 de Março.

Por outro lado, não foi ainda possível ultrapassar a questão dos subsídios de almoço, até aqui de 60 escudos. De facto, havendo trabalhadores em estações distantes e que portanto não podem tomar as suas refeições no refeitório da empresa, parece justo que lhes seja atribuída uma verba para que possam fazê-lo noutro local. A exigência, nesse caso, é tão somente do valor real de uma refeição na cantina da Carris.

Por outro lado, mesmo no capítulo dos aumentos salariais, a situação não é, por enquanto, muito clara: durante a vigência do anterior ACT, o custo de vida aumentou 25% e a proposta sindical era de 23,36%. Como se

vê, há uma certa diferença relativamente à contraproposta patronal.

TRANSTEJO: BAIXAM AS RETRIBUIÇÕES

Na Transtejo, a situação é bastante semelhante às que foram descritas para as duas anteriores empresas públicas. A proposta sindical a contraproposta do respectivo CG foi, inicialmente, de 10,6%.

Mas regista-se por parte do CG da Transtejo a recusa de negociar diversas cláusulas «de extrema importância, como seja a das diuturnidades, subsídios de turnos e reformas». Mais, os retroactivos estão por negociar e foi retirada uma proposta de aumento do subsídio de alimentação para 60 escudos.

Assinale-se, para que se faça um perfeito juízo da situação, que as presentes tabelas salariais datam de Setembro de 1977 e que as despesas totais com retribuições na Transtejo, de 1977 para 1978, baixaram 8%.

POR DECISÃO DA "GERÊNCIA"

Suspensão dos contratos para "salvar" a Luso-Alemã

A administração da empresa de construções pré-fabricadas Luso-Alemã, desde há algum tempo atribuída a uma outra empresa, a Luso-Suiza, propõe-se resolver as dificuldades que enfrenta à custa dos seus trabalhadores.

Nesse sentido, foram enviadas oportunamente cartas a trabalhadores (à totalidade?) avisando da suspensão do contrato

de trabalho a partir do primeiro dia do mês que se já iniciou. Para tanto, no mesmo documento, esgrime algumas justificações.

A interpretação que a CT da Luso-Alemã faz da situação é a seguinte: «A administração, alegando que lhe é impossível comportar o montante salarial mensal vem, com este estafado argumento, integrar-se na brutal ofensiva que o grande capital nacional e internacional desenvolve presentemente em conluio com o Governo Mota Pinto, agora exonerado, contra os trabalhadores e o regime democrático saído da revolução do 25 de Abril.»

Para a administração, na carta que enviou suspendendo os contratos de trabalho, têm existido «tremendas dificuldades e tem visto a sua actividade no País pouco mais do que limitada a obras contratadas entre 1972 a 1974, cujos prazos de execução e custos ultrapassaram, em termos francamente insustentáveis, tudo quanto tinha sido previsto quando das respectivas adjudicações».

A CT da empresa, ao denunciar a última medida administrativa, tem outra interpretação: «Na verdade, a responsabilidade da situação que actualmente se vive na Luso-Alemã é da exclusiva responsabilidade da administração e dos sucessivos Governos Constitucionais que nunca demonstraram o mínimo empenho em concluir as obras iniciadas (designadamente escolas e bairros de renda económica) ficando, assim, milhares de contos em parque, o qual pertence ao Estado e, consequentemente, foi pago pelo povo português.»

A administração entende que a falta de obras novas (quando

há algumas para acabar) e a falta de uma política governamental nos sectores da construção civil e das obras públicas tem a sua parte da responsabilidade. E, claro, os trabalhadores são também acusados: «Uma grande percentagem dos nossos trabalhadores muitas vezes parece não entender, muito embora não possa ignorar que a organização vem, de há muito, suportando crescentes encargos salariais e sociais...»

De certo modo, a resposta da CT: «Os trabalhadores, através dos seus órgãos representativos, fizeram várias propostas construtivas de solução para os problemas da empresa, tendo a administração sempre recusado aceitar o diálogo.»

E acrescentam: «A sua única resposta tem sido a de protelar o pagamento de salários para meados de cada mês, a de não liquidar o 13.º mês de 1978 e o subsídio de férias de 1979, para além de só ter pago 50 por cento do vencimento de Maio, havendo ainda retroactivos em atraso e reclassificações profissionais por efectuar há cerca de seis meses.»

Perspectivas pelo lado da administração? Ei-las: «Vai continuar a pressionar o Governo e a banca nacionalizada para ser, o mais rapidamente possível, ultrapassado o impasse em que nos encontramos e, assim, logo que possamos obter obras novas, será, de imediato, chamada a retomar a efectividade de serviço.»

A Luso-Alemã tem maioria de capital alemão (federal), da empresa Hochtief A.G. que, com a Luso-Suiza, constituem uma das mais poderosas multinacionais de construção civil a nível mundial, com sede em Essen.

ARMAZÉNS PETRÓLEO

MAIORES ALCATIFAS E TAPEÇARIAS

Alcatifa industrial	110\$00	m2
Alcatifa cópia Robilon (Carac.) ...	220\$00	m2
Alcatifa cópia Lider Cortel Mimo ..	385\$00	m2
Alcatifa conforto	395\$00	m2
Alcatifa Superconforto Estamp.	415\$00	m2
Alcatifa Criyil	340\$00	m2
Alcatifa P.S. copi	350\$00	m2
Alcatifas revestimentos		
casas de banho e cozinhas desde	195\$00	m2
Tapeçarias decorativas parede bonitas		
Tapeçarias género persas — encantos		
Tapeçarias de Arraiolos	2.000\$00	m2
Capachos de cairo para entradas e outros.		
Passadeiras género persas e outras.		
Temos fábrica própria por isso os nossos preços são os melhores de todo o País.		

CORES—QUALIDADES—E PREÇOS

Orçamentos grátis.

Avenida Grão Vasco 56 - Benfca-Telf. 706119
Rua das Portas de S. Antão 136-138-Telf. 372443-Lisboa
No Porto — Estrada Exterior da Circunvalação
12.000 — Senhora da Hora — Porto
Abertos ao sábado — Benfca

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES

MOBÍLIAS E MÓVEIS SOLTOS
DIV. ESTÍLOS. BOA PINTURA. PRATAS, CRISTAIS, PORCELANAS ORIENTAIS E EUROPEIAS, MARFINS, CARPETES, EUROPEIAS UTILIDADES, ROUPAS, VELHARIAS, ETC.

LEILÃO

BOM ESPOLIO

Do Ex.mº professor e artista-pintor Augusto do Nascimento, por falecimento de sua esposa, por ordem da ex.mª herdeira será vendido pela maior oferta e sem base de licitação na Rua dos FERREIROS 7-2.º E.º (À ESTRELA)

RUA DOS FERREIROS 7-2.º E.º (À ESTRELA)

AMANHÃ
DAS 15 ÀS 19.30 e DAS 21.30 ÀS 24 H

Recomendamos uma visita prévia, dadas as pequenas dimensões do andar — dificultar a visão no acto da praça, pelo que faremos

EXPOSIÇÃO AMANHÃ das 9 às 13.



SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, Nº 1
Telf. P.P.C. (9 Linhas)
332929 - 31470 - 47018/7

AFRAFILHOS, Lda

CRÓNICA À MARGEM

Boas férias

Começou o Verão... Começaram as férias... O número de acidentes na estrada vai uma vez mais ultrapassar a escala do admissível.

Causas conhecidas? — Claro, as mesmas de sempre: estradas más, viaturas piores, muito egoísmo e incompetência, distrações, velocidades excessivas e outros atropelos ao código... além de múltiplas falhas técnicas e humanas igualmente do conhecimento geral.

Que fazer, então? Manter as mesmas medidas dos outros anos (com os mesmíssimos resultados)? Ensaiair formas mais drásticas de controlo do trânsito nas estradas? Intensificar campanhas de esclarecimento e de prevenção?

Tudo isso — não podemos esquecer-lo — foi feito anteriormente sem que o sangue deixasse de correr em quantidades preocupantes.

Certo e sabido, ano após ano, o drama repete-se aos fins-de-semana para se intensificar por ocasião das «pontes» e — como agora — redonda em tragédia nacional em tempo de férias.

Perante tão dura realidade — e sem a pretensão de descobrir a mezinha infalível — permito-me adiantar algumas das sugestões que a mais comum das experiências me ensinou ao longo de alguns anos de volante (o diabo seja surdo...) sem acidentes.

Nada de novo, como verão. Mas tudo seria diferente,

ninguém duvida, se fossem escrupulosamente acatadas as mais elementares (e conhecidas) normas de segurança e prevenção.

Como as dez que se seguem, por exemplo:

1.ª — A estrada não é só tua.

2.ª — A estrada, má ou boa, não é uma pista de corridas.

3.ª — O teu automóvel não é o mais rápido.

4.ª — Tu não és o que tens mais urgência em chegar ao destino.

5.ª — Guarda SEMPRE a distância regulamentar em relação ao veículo da frente.

6.ª — Nunca ultrapasses sem que se verifiquem TODAS as condições de segurança.

7.ª — Não te distraias: podes conversar mas NUNCA olhes para o lado.

8.ª — Cumpre sempre, rigorosamente, os sinais de trânsito.

9.ª — Antes de qualquer viagem, por mais pequena, lembra-te dos pneus, do óleo, da água, da bateria, da direcção, etc.

10.ª — Não julgues que os acidentes acontecem só aos outros, olha que podes nem ter tempo de tirar a contraprova.

Bom... e por hoje é tudo porque também vou para férias. Daqui a um mês voltarei ao assunto, valeu? Então... boas férias. Sem acidentes.

Rodrigues Borges

Ordem dos Médicos contra legalização do aborto

A poucas horas do início do julgamento da jovem Conceição Massano, acusada de ter praticado um aborto, a Ordem dos Médicos, isto é, a sua direcção, veio reafirmar publicamente o «repúdio pela legalização do aborto», posição essa que já tinha assumido em anteriores situações.

Recordamos que foi a direcção Regional do Norte da Ordem dos Médicos, uma das primeiras instituições (e das únicas) a protestar contra o conteúdo do filme «Aborto não é crime» que levaria a jornalista Antónia Palla a Tribunal,

Violação de um «diário» leva jovem a tribunal

Relativamente à notícia publicada no nosso jornal do passado dia 28 de Junho com o título «Violação de um «Diário» leva jovem a tribunal onde se lê «Conceição foi acusada por uma antiga colega que lhe indicou a morada de uma parteira em Lisboa», deverá ler-se «foi incriminada igualmente uma antiga colega da ré, Maria Engrácia Santos, que lhe terá indicado a morada de uma parteira em Lisboa».

Do lapso pedimos desculpa aos implicados Conceição Massano dos Santos, Maria Engrácia Santos e aos nossos leitores.

num julgamento recente, e da qual ficou absolvida.

Num comunicado assinado pelo presidente do Conselho Nacional Executivo da Ordem, Gentil Martins, afirma que «se verificou um aumento global deste, nos países em que foi legalizado, revelando-se essa legalização como um desastre humano, sanitário e económico, trágico se viesse a ser reproduzido em Portugal».

Do texto do comunicado da Ordem dos Médicos, pelo menos daquilo que nos chegou às mãos, é claro que a Ordem se opõe à legalização, mas parece não ter o mesmo repúdio pela sua prática «na clandestinidade».

Entretanto, está marcada para amanhã, às 14 e 30, junto ao Tribunal da Boa-Hora, uma concentração de apoio à ré Conceição Massano.

Curiosamente, enquanto os poderes executivos e legislativo não têm qualquer intenção de abordar a questão do aborto, cabe ao poder judicial tomar uma posição sobre esta matéria, na série de processos que estão a

ser enviados a julgamento. E os juizes estão a braços com os artigos do «velho» Código Penal que penaliza a prática do aborto, que nem o executivo nem o Parlamento pensam, ao que parece e pelo menos neste capítulo, alterar nos próximos tempos.

POSIÇÃO DA UMAR

«O processo de Conceição Massano é um desafio às mulheres portuguesas, que está a ser feito pelas forças mais retrógradas e reacçãoárias do nosso país» afirma num comunicado de solidariedade a UMAR (União das Mulheres Antifascistas e Revolucionárias).

«As mulheres portuguesas saberão enfrentá-lo, porque o aborto, para além de um grave e dramático problema social, onde a morte se conta em números grandes e que nenhuma moral ou hipocrisia pode ocultar, é também uma questão que tem a ver com os nossos direitos e com a situação de discriminação da mulher».

Jovem acusada de aborto foi hoje a tribunal

Começou esta tarde, no 1.º Juízo Criminal da Boa Hora, o julgamento de Maria da Conceição Massano, de 22 anos, doméstica, acusada de ter praticado um aborto há três anos.

Co-réu de Maria da Conceição é o seu marido, José Hélder Mestre, operário, electricista de 23 anos.

A Campanha Nacional pelo Aborto e Contracepção que ontem promoveu uma conferência de imprensa sobre o caso e sobre a legalização do aborto em Portugal, convocou uma concentração de solidariedade e apoio ao jovem casal para as 14 e 30 desta tarde, junto ao Tribunal.

A CNAC, que lançou um abaixo-assinado de mulheres que praticaram o aborto, em todo o País, documento em que foram já recolhidas mais de 600 assinaturas, previa que uma cópia desse abaixo-assinado seria entregue ao juiz antes de começar a audiência.

ENSINO

Lista de professores eventuais e provisórios

Foi tornada pública na folha oficial a lista provisória respeitante ao concurso de professores provisórios e eventuais do ensino secundário. As reclamações podem ser feitas mediante impresso preenchido para o efeito e entregues na escola em que o candidato se encontre em funções, ou onde foi entregue a documentação relativa à candidatura ou ainda podem ser enviadas para a Direcção-Geral de Pessoal do MEIC (apartado 2908, 1123 Lisboa Codex) para os candidatos residentes no estrangeiro, em Macau ou nos novos países africanos.

Crianças portuguesas

visitam zonas rurais

PORTO, 3 — A Câmara Municipal vai organizar, entre os dias 9 e 13 deste mês, uma série de excursões, nas quais tomarão parte mais de 1300 crianças de cinco freguesias rurais. As crianças visitarão o porto de Leixões, o aeroporto de Pedras Rubras e as praias de Vila do Conde e da Póvoa de Varzim.

A iniciativa integra-se nas comemorações do Ano Internacional da Criança que está a ser assinalado em diversas localidades do País.

Opções unitárias vencem nas escolas — afirma a UEC

«Nas escolas e entre os estudantes a tendência dominante é de reforço das posições democráticas e unitárias», afirma a União dos Estudantes Comunistas que acrescenta no mesmo comunicado terem sido as listas unitárias as que ocuparam o primeiro lugar na Universidade, no ano lectivo que agora termina, com um total de 38 por cento dos votos expressos.

No total das 25 eleições realizadas nas escolas superiores, as listas unitárias obtiveram 8317 votos, o que corresponde a 38 por cento dos votos expres-

sos. Em segundo lugar, ficou a Juventude Social Democrática que alcançou 7243 votos (33 por cento) não estão incluídas neste número algumas escolas da Universidade do Porto em que não houve eleições para as direcções das associações estudantis.

No ensino secundário, o panorama foi o seguinte: as listas unitárias obtiveram 40 mil votos, vencendo em 67 escolas, enquanto a JSD teve 18 mil votos, as listas de coligação JSD/CDS 14 200 votos, do CDS 9 mil e do MIRD 8 mil votos.

Conselho do Ensino Superior em debate

A Assembleia de Representantes da Faculdade de Letras de Lisboa vai debater a criação dos Conselhos de Reitores e o Conselho Nacional do Ensino Superior em reunião que se efectua amanhã, às 15 e 30.

Qualquer dos organismos foi criado pelo Governo Mota Pinto

sem o devido debate prévio quanto à sua criação, objectivos e composição. Integram elementos afectos ao Governo e pretende-se que os referidos conselhos sejam os sustentáculos da política de descentralização e autonomia universitária defendida pelo ministro Valente de Oliveira.

SAÚDE

Defendida a criação em Aljustrel de uma unidade de saúde integrada

A Comissão Integradora dos Serviços de Saúde Locais (CISSL) de Aljustrel dirigiu ao Ministério dos Assuntos Sociais uma exposição na qual revindica a criação urgente de uma Unidade de Saúde Integrada. O projecto de integração data de 1976, mas até aqui, nada foi feito nesse sentido, continuando a verificar-se uma assistência repartida por três instituições que funcionam em edifícios separados entre si por cerca de um quilómetro, com o inevitável des-

perdício de recursos humanos e técnicos.

Conforme se afirma na exposição, «estão constantemente a surgir situações de duplicação e de carência que poderiam ser muito melhor resolvidas através da concentração de todo o equipamento num só edifício, ultrapassando pelo trabalho em equipa as barreiras que a burocracia teima em manter».

Efectivamente, está projectada há mais de três anos a ampliação do edifício do Centro

de Saúde de Aljustrel, integrando, além deste Centro, o hospital concelhio e os serviços médico-sociais.

A população e os técnicos de saúde de Aljustrel consideram tal obra absolutamente necessária. Conforme se afirma no documento em causa, a «articulação já existente entre os serviços de saúde e o esforço desenvolvido no âmbito da saúde comunitária constituem os argumentos mais fortes para a criação da Unidade de Saúde Integrada».

Terapêutica ocupacional: exposição em Viana

Nos antigos Paços do Concelho de Viana do Castelo, vai estar patente ao público, a partir de amanhã e até ao próximo dia 8, a III Exposição de Terapêutica Ocupacional.

Esta iniciativa visa dar conhecimento dos meios terapêuticos usados em psiquiatria, nomeadamente nos hospitais psiquiátricos de Gelfa e Paredes de Coura.

No entender dos organizadores, a exposição não é apenas um certame, pois aponta a necessidade de fazer «saltar para fora das paredes dos hospitais»

parte do trabalho que os técnicos de saúde desenvolvem no sentido da prevenção, tratamento e reabilitação do doente mental.

Paralelamente, à realização da mostra vão realizar-se três colóquios, na Escola de Enfermagem de Viana do Castelo, subordinados aos temas seguintes: «O doente mental e a sociedade», «Toxicómanos e alcoolismo» e «Saúde e Higiene Mental».

Durante a exposição, será lançado um inquérito às visitas e distribuído um texto sobre os motivos e objectivos desta ini-

ciativa.

Os organizadores pretendem assim recolher dados para uma avaliação da atitude das populações perante o doente mental e as suas opiniões acerca da estrutura da saúde mental no distrito, no sentido de melhorar os seus vários aspectos.

A exposição é organizada pelo centro de saúde mental de Viana do Castelo, em colaboração com a comissão instaladora da zona Norte do Instituto de Assistência Psiquiátrica e com os alunos do 3.º ano da Escola de Enfermagem de Viana.

Frutas e legumes: aí vão alguns preços

Com este súbito e gravoso aumento dos artigos de pastelaria, para a maioria dos consumidores impeditivo de ter acesso à chamada «bucha» no almoço (forma muito eufemística daquela substituir este durante os cinco dias de trabalho da semana), o pessoal fica confuso e pode até julgar que a fruta também subiu. Dai a oportunidade dos seus preços, e também dos

legumes, a cargo da JNF, a serem praticados durante a semana ora em curso nos postos regularizadores de todo o País: Banana, 40\$00; cerejas, 38\$00; limões, 48\$00; maçã golden, 7\$50; maçã starking, 10\$00; morango médio, 52\$00; morango miúdo, 44\$00; pêsegos, 40\$00; alfaces, 12\$00; alhos, 39\$00; batata, 10\$00; cebolas, 13\$00; cenouras, 12\$00;

couve portuguesa, 8\$00; couve repolho, 13\$00; ervilha, 15\$00; feijão verde, 22\$00; nabos, 11\$00; pepinos, 13\$00; pimentos, 38\$00; tomate, 16\$00; feijão avinhado, 33\$00; feijão branco apatalado, 34\$00; feijão branco miúdo, 24\$00; feijão-canário, 33\$00; feijão-catarino, 33\$00; feijão frade, 49\$00; grão-de-bico, 48\$50; e miolo de amêndoa inteiro, 310\$00.

Durante quarenta e seis anos carrasco dos progressistas portugueses e uma autêntica maldição para a vila, o forte de Peniche, que as autoridades prometeram transformar no «Museu da Resistência» ao fascismo, vê essa aspiração adiada ao continuar ocupado por cerca de quinhentos retornados das ex-colónias que ali chegaram em meados de setenta e sete, vindos sobretudo de Moçambique. E mais: partindo de uma imposição dos «leaders» dos ocupantes, só pode visitar a fortaleza quem for portador de uma credencial passada pela Cruz Vermelha Portuguesa (entidade que coordena o apoio a estes desalojados), facto que dada a burocracia que rodeia a obtenção de tal autorização, vem reduzindo nos últimos tempos quase a zero o número de visitantes interessados em observarem no próprio local, a forma como tantos revolucionários queimaram, alguns durante décadas, os melhores, e mais produtivos, anos das suas vidas.

Manuel Geraldo (texto)

Mário Gomes (fotos)

Mesmo para a nossa reportagem não foi fácil a tarefa, pois à apresentação da credencial a um dos elementos da «segurança» prostrado à entrada da fortificação, seguir-se-ia uma longa e complexa operação de transferência de responsabilidades, até que chegássemos ao topo da hierarquia, instalada no sector em que a PIDE fazia funcionar os seus serviços de secretaria. Ali a profusão de «Diabos» era notória e a hostilidade à presença dos repórteres mais do que perceptível.

A «hierarquia» avançar-nos-ia como porta-vozes dois elementos (ex-funcionários da administração colonial) vindos de Moçambique para Portugal já muito tempo depois da independência, os quais desde logo se mostrariam profundamente anticomunistas e que só já na final da nossa permanência no forte, saíram da «clandestinidade» nominal ao apresentarem-se como o Correia e o Macedo.

«NUNCA DE LÁ DEVERIA TER SAÍDO»...

Não possuímos a experiência de como actuava a PIDE ao conduzir um prisioneiro desde que entrava no forte até que se dirigia para a cela escolhida, com passagem certamente pela secretaria. Mas não será talvez exagero afirmarmos que durante as cerca de duas horas que lá permanecemos, nos ocorreu essa analogia, ao sentirmo-nos sempre vigiados, impossibilitados de vermos livremente o que desejávamos, seguidos passo a passo pelos dois hierárquicos, como se estivessemos em terra ocupada. Foi uma sensação desagradável, sobretudo quando sabíamos ter ao nosso lado duas pessoas que fizeram questão de afirmar: «Não estamos nada interessados em sair daqui sem termos a certeza de que os nossos problemas irão ser resolvidos, para fazer do forte um museu antifascista, o que para nós não diz

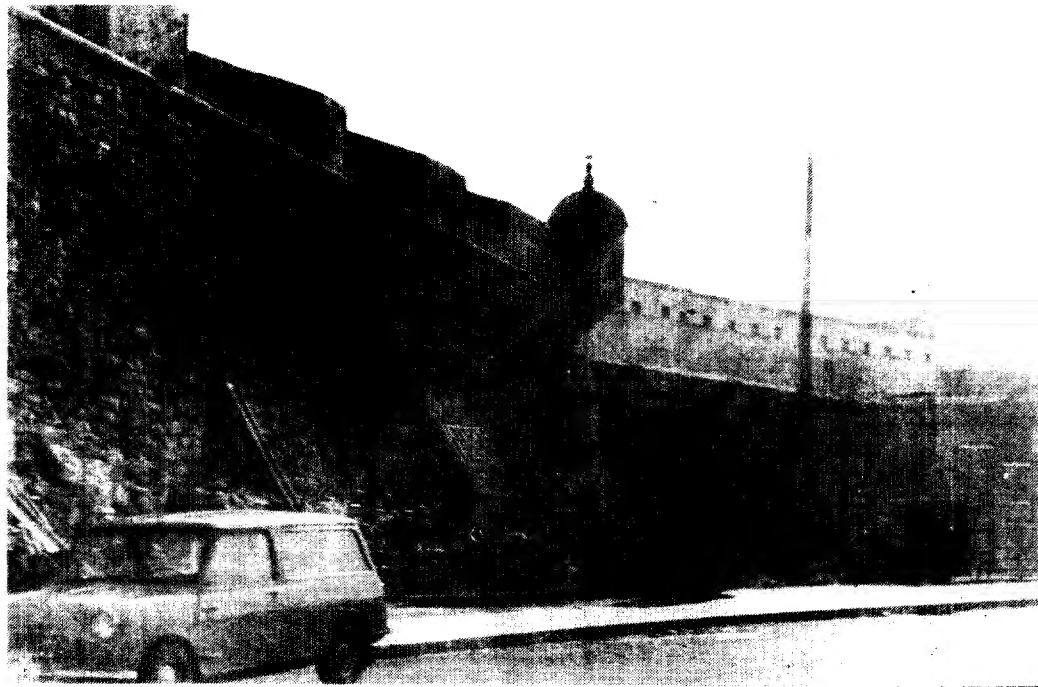
FORTE DE PENICHE OCUPADO

Retornados de cúpula sabotam «Museu de Resistência» ao fas

nada. Não iremos daqui de mãos a abanar só para Portugal ter um museu antifascista.»

Não tivemos oportunidade de confirmar se essa seria a opinião generalizada dos restantes ocupantes, pois sempre que tentávamos contactar com alguém fora do círculo da «cúpula» éramos ostensivos, ou subrepticamente, desviados. Só Correia e Macedo falavam, só eles demarcavam o roteiro permitido, só eles seleccionavam o que «tinha interesse» em ver ou fotografar. E, entre eles e nós, a «segurança» sempre presente.

Estranha situação de estarmos no interior de um forte libertado com o 25 de Abril e o termo a sensação de que, qual maldição, as suas paredes continuavam a destilar obscurantismo (bastava atentar nas «fotos» e cartazes expostos) e ódio contra os valores da Revolução. Uma frase de Correia ao passarmos num corredor, ao fundo do qual se divisavam algumas celas fechadas: «Numa daquelas esteve o Alvaro Cunhal... e nunca de lá deveria ter saído!» Recorde-se que o secretário-geral do PCP conseguiu evadir-se do forte (com mais seis camaradas) na noite de 3 de Janeiro de 1960, numa fuga surgida na sequência de uma outra realizada anos antes, igualmente com êxito, por dez detidos.



A sombra de uma muralha que durante 46 anos representou para o povo trabalhador de Peniche uma espécie de maldição

Também sempre que fotografávamos alguma coisa ou alguém, Correia disparava de igual forma a sua objectiva. E já no final fazia força em nos fotografar. Seria para arquivo?

JOSÉ PADEIRO: UM SIMBOLO VIVO

Antes da visita pelos três pavilhões (dois com três pisos e um com dois) traváramos uma, de certa maneira, conversa com a «hierarquia». Correia que gravámos e que Correia faria igualmente questão em registar na sua fita magnética. Como é natural quisemos saber até quando pensavam ocupar o forte. E seria nesta altura que os nossos dois interlocutores avançariam com a sua diatribe sobre o facto da fortaleza poder vir a ser transformada num museu sobre a resistência ao fascismo. Correia acompanharia a sua crítica, reportando-se ao momento em que ali chegaram, de um novo ataque às forças de esquerda, ao dizer que então as instalações se encontravam «conspurcadas», devido a uma festa que ali teria havido, «organizada pelos comunistas, pelo 'Avante', ou lá o que foi». Correia referia-se certamente a uma festa realizada pelo povo de Peniche para festejar a «tomada» do forte no pós-25 de Abril e a libertação dos trinta presos políticos (elementos do PCP e de organizações marxistas-leninistas). Nessa data um ex-presos do forte que ao longo de anos associou o nome daquela vila à repressão fascista, José da Costa, conhecido entre os penichenses por José Padeiro, entraria na fortaleza num gesto simbólico da sua «tomada» pelo povo.

Posteriormente haveria diante do portão principal do forte uma grande manifestação popular, animada pela banda de Atouguia da Baleia, pelas sirenes das fábricas e dos barcos de pesca, tendo-se seguido um comício em que falaria representantes dos Sindicatos dos Pescadores e Conserveiros, o presidente da Câmara, e, em nome dos ex-presos do forte, José Vitorino, um homem que ali esteve encarcerado durante catorze anos.

No decorrer do comício seria aprovada uma moção enviada depois ao Presidente da República, na qual se requeria que o forte deixasse de ser prisão (política ou não) passando a ser considerado monumento nacional aberto a toda a gente, passando a figurar nos roteiros turísticos para que aqueles que nos visitem possam aperceber-se do que a fortaleza representou durante os anos mais negros do fascismo.

Logo, Correia apostado em condenar às cegas, esquecer-se-ia, ou talvez não, de que os últimos ocupantes do forte, antes da chegada do grupo de retornados de que faz parte, foram duzentos e cinquenta «pides». Logo se alguma coisa estava «conspurcada», sobretudo as celas, só os «pides» poderiam disse ser responsabilizados.

CONTENCIOSO COM A FRELIMO

Mas Correia e Macedo (salvaguardando a forma arquivista e revisionista) como o fazem até têm razão (reconheçamo-lo) em muitas das reivindicações de que são portadores. Viver eterna-

mente no forte (para além de adiar o projecto do «Museu da Resistência») também não constitui futuro para ninguém. Mas sair de mãos a abanar (sem casa nem emprego) ainda será o menos. Antes ter casa (embora essa casa seja uma antiga cela prisional «pidesca», ocupada nalguns casos por famílias de seis pessoas) do que dormir ao relento. Antes comer à «rancho militar» do que estender a mão à caridade ou mesmo passar fome. Até porque algumas celas (individuais ou colectivas), fruto do trabalho paciente e da inventiva dos seus ocupantes, até conseguem apresentar um aspecto minimamente confortável.

Mas, no meio de tudo isto, o que se avizinha nos semblantes destas centenas de desenraizados (na sua maior parte mentalizados por ditames saudosistas) é a incerteza sobre o que os esperará amanhã, quando os subsídios cessarem e os «profetas» neocolonialistas desertarem, depois de os terem utilizado. Neste momento apenas têm promessas, já que as certezas são praticamente nulas. E isto depois de já terem sido gastos com a sua manutenção cerca de 180 mil contos, oriundos de vários departamentos provenientes de vários paí-



O subsídio de um desalojado é pequeno: aumentá-lo, das formas m quotidiana de cada um dos actuais quinhentos residen

FORÇA AÉREA

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE PESSOAL

CENTRO DE RECRUTAMENTO

RECRUTAMENTO DE OFICIAIS

MILICIANOS PILOTOS

1. Faz-se público que está aberto concurso documental até 20 de Julho de 1979, para admissão de pessoal voluntário destinado ao curso de oficiais milicianos pilotos.

2. SÃO CONDIÇÕES DE ADMISSÃO:

- Ser cidadão português;
- Ser solteiro;
- Ter altura compreendida entre 1,62m e 1,85m;
- Ter bom comportamento moral e civil;
- Ter menos de 20 anos de idade, no dia 31 Dez 79;
- Estar autorizado a concorrer, pelos pais ou por quem exerça a responsabilidade paternal, no caso de ter menos de 18 anos;
- Possuir o Curso Complementar do Ensino Secundário ou habilitações equivalentes de preferência com as disciplinas de matemática e ciências físico-químicas.

3. FASES DO CONCURSO

- O concurso processa-se em 2 fases:
- Concurso documental
- Provas psicotécnicas e médicas

4. INFORMAÇÕES

Os candidatos devem dirigir-se ao Centro de Recrutamento da Força Aérea, Rua Martens Ferrão, 26-2.º — 1000 — LISBOA (TEL. 573315-573915 e 573962)

scismo

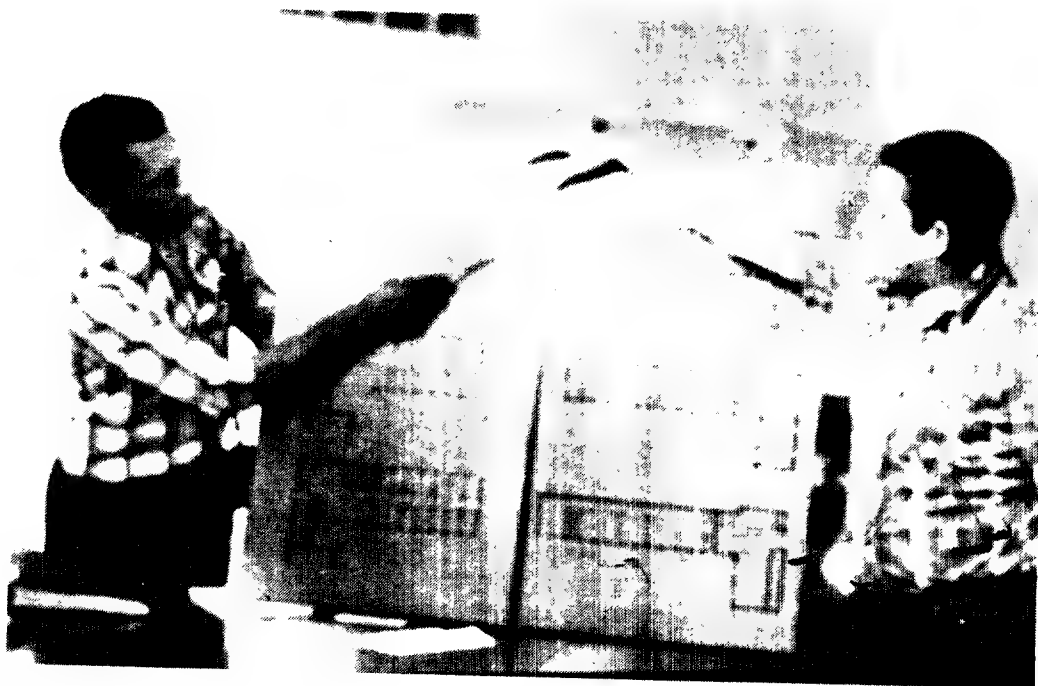
ses ou da Comissão da ONU para os Desalojados, controladas pela Cruz Vermelha Portuguesa, via Ministério da Defesa, gastando uma família de seis pessoas, em média, trinta contos por mês.

Para uma não resolução do problema, sobretudo no campo habitacional, Correia e Macedo acusam o Estado e a sua máquina burocrática, já que têm aparecido várias alternativas sempre travadas no último momento, sem uma justificação aceitável. Ainda recentemente, segundo Correia, esteve em Portugal uma delegação suíça interessada em dar o apoio económico e técnico para a construção de um bairro em Santarém, cujo município já havia cedido terrenos para esse efeito. Só que, à última hora, surgiram obstáculos (Correia não sabe quais) e os suíços acabariam por partir ficando tudo como no princípio.

Mas, ainda de acordo com Correia, só com casa e sem emprego, nenhum dos retornados alojados no forte abandonarão Peniche. Não pudemos, no entanto, constatar se seria realmente essa a opinião generalizada dos cerca de duzentos cabeças de casal (só crianças são 243). E isto porque tal como já escrevemos atrás a «hierarquia» e a «segurança» não nos deixavam livre um palmo de terreno sequer. Mas ficou-nos a sensação de que haveriam diferentes perspectivas, não necessariamente coincidentes com a expressão por Correia, o qual em dado momento, confessaria mesmo existirem entre os desalojados várias facções, já que, frisou, «é sabido que onde há muita gente junta existem divisões».

Também sobre a força efectiva da sua representatividade, nos ficariam dúvidas, já que ao perguntarmos se a «hierarquia» de que fazia parte fora escolhida por votação, Correia responderia qualquer coisa como não acreditar nessas democracias da votação, do braço no ar, mas sim na nomeação.

Correia dir-nos-ia depois que entre os desalojados de Peniche rareavam as especializações, ou profissões credenciadas, existindo apenas alguns funcionários coloniais e dois ou três técnicos, facto que impedia a maioria a sua colocação no mercado nacional. «E a hipótese de emigração», perguntámos-



Correia e Macedo: controlo do forte esta nas suas mãos

lhe. Resposta: «Dada a falta de especialização de que lhe falei, no estrangeiro a colocação ainda será mais difícil. Até porque nós somos como o Citroen. Viemos para ficar e vamos ficar». Também aqui não nos foi possível saber se todos os desalojados estariam de acordo com a fórmula de Correia (um quadro co-

lonial que pelo que nos disse e mais que pelo que deixou nas entrelinhas, deve ter um pesado contencioso com a Frelimo), sobretudo no que se refere à possibilidade de um retorno às suas pátrias.

Enfim! Forte de Peniche um museu da resistência adiado (à primeira vista por razões de pro-

funda incidência social), mas sobretudo um local que, em nome dessas mesmas razões, podera continuar a ser um «gheto», controlado por uma «segurança» injustificada e insuportável, porque retrógrada e enfeudada com um presente (passado) que nega os ideais de Abril.



Crianças brincam onde outrora a PIDE flagelava. Neste momento e aqui a sua casa. Até quando?

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 26 de Junho de 1979, lavrada de fls. 7 a fls. 9, do Livro A-128, para Escrituras Diversas, deste Cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação Notarial, na qual José Lourenço que, também, usa o nome de José Lourenço Matias, e mulher Maria da Luz Quintas Mendonça, residentes no lugar da Chamboeira, freguesia de Bucelas, concelho de Loures, justificaram que, com exclusão de outrem são donos e legítimos possuidores do seguinte imóvel: — Prédio urbano composto de moirão de vento «e logradouro» no sítio da Musgueira, Vale e São João, freguesia do Milharado, concelho de Mafra, inscrito na respectiva matriz urbana, sob o artigo 1235, com o rendimento colectável de 389\$00, de que resulta o valor matricial e atribuído de 7 780\$00. — Que este prédio encontra-se descrito na Conservatória do Registo Predial, sob o número 560, a folhas 265 vº, do Livro B 4 e registado, a favor de Francisco Simões, pelo número 1, a folhas 266, do Livro B 4. Que, por escritura cuja data e cartório notarial eles, outorgantes, desconhecem — pelo que estão impossibilitados de o comprovar pelos meios normais — aquele Francisco Simões e mulher venderam o referido imóvel a José Simões Cabral, casado no regime da comunhão geral de bens com Rosária Teresa, residentes no Casal do Chão da Choca, freguesia do Milharado, já referida, os quais, por sua vez, por escritura outorgada neste Cartório, alienaram a título oneroso o referido prédio a João Lourenço Matias. E que, no inventário obri-

gatório — que correu seus termos no Tribunal Judicial de Mafra — instaurado por óbito de Camila da Conceição Matias que foi casada no regime de comunhão geral de bens com o referido João Lourenço Matias o indicado imóvel foi adjudicado em comum e partes iguais ao outorgante José Lourenço Matias, Gregório Lourenço Matias, Francisco Lourenço Matias e Luís Lourenço Matias, por sentença proferida em dezasseis de Novembro de mil novecentos e vinte e nove, conforme consta de certidão passada, em 18 de Junho do corrente ano, pela Secretaria do indicado Tribunal. — Que, por escritura outorgada, neste Cartório, os referidos Gregório Lourenço Matias que, também, usava o nome de Gregório Matias Lourenço, e mulher Pulqueria Camila Ribeiro, casados no regime da comunhão geral de bens, residentes no lugar de Pero Pinheiro, freguesia de Montelavar, concelho de Sintra; Luís Lourenço Matias que, também, usa o nome de Luís Matias Lourenço e mulher Maria Amélia Rodrigues Lourenço, casados no regime da comunhão geral de bens, residentes no indicado lugar do Vale São João e Francisco Lourenço Matias que, também, usa o nome de Francisco Matias Lourenço e mulher Judite Ribeiro Lourenço, casados no regime da comunhão geral de bens, residentes no lugar do Freixial, da mencionada freguesia de Bucelas, venderam a parte que lhes pertencia no indicado imóvel aos justificados José Matias Lourenço e mulher.

—E CERTIDÃO NARRATIVA PARCIAL, que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita, e, certifico que na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever. — Mafra, 26 de Junho de 1979.

O Ajudante

(Maria Manuela Beirão Climaco Delgado)

GALERIA DE BELÉM

BANDA DESENHADA PORTUGUESA E CINEMA DE ANIMAÇÃO

Inauguração 17 de Julho às 18.30 horas

HORÁRIO
DIAS ÚTEIS — DAS 15 AS 20 HORAS
SABADOS — DAS 14 AS 20 HORAS
DOMINGOS E FERIADOS — DAS 10 AS 12 E DAS 14 AS 20 HORAS
ENCERRA AS 2.ªS-FEIRAS

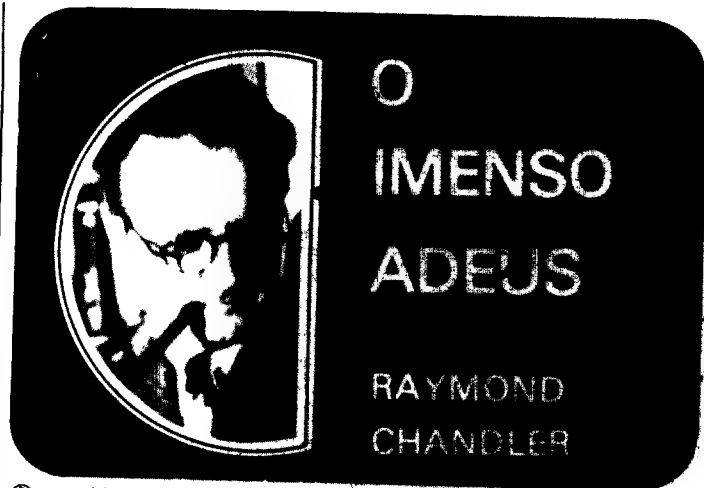
ENTRADA LIVRE

AV. BRASILIA — BELÉM (JUNTO AO MERCADO DO POVO)
DIRECÇÃO-GERAL DA ACÇÃO CULTURAL

EM ALMADA

Diário de Lisboa

AMADEU & VERÍSSIMO
Praça da Restauração, 12



© — Livros do Brasil/College Trustees

Fu segui-o através de uma porta que ele fechou logo que eu passei. Parte do barulho desapareceu. A sala onde entrei era de canto, ampla e fresca, com janelas de vidro até ao chão e ar condicionado. Pelas janelas via-se o lago. O Wade estava deitado de costas sobre um sofá em couro claro. Ao lado, sobre uma secretária de madeira quase branca, estava uma máquina de escrever e uma pilha de papel amarelo.

— Obrigado por ter vindo, Marlowe — disse-me com um ar indolente. — Sente-se. Já bebeu alguma coisa?

— Ainda não. — Sentei-me e fiquei a olhar para ele. Ainda estava ligeiramente pálido e magro. — Como vai o seu trabalho?

— De vento em popa. Só que me canso muito depressa. É estranho como uma bebedeira de quatro dias custa tanto a passar. Mas geralmente trabalho melhor depois destas crises. Logo a seguir não consigo deitar cá para fora a mínima palavra. Tudo o que é bom sai com facilidade.

— Depende do escritor — respondi-lhe. — O Flaubert escrevia com dificuldade e foi um ótimo escritor.

— Ótimo — disse o Wade enquanto se sentava. — Lá porque você leu Flaubert considera-se um intelectual, um crítico, um sábio do mundo de letras. — Ele esfregou a testa. — Deixei de beber e estou furo. Tenho raiva a quem quer que tenha uma bebida na mão. Tenho que ir lá dentro e sorri-los aqueles parvos. Não há um que não saiba que eu sou um alcoólico. E fazem conjecturas sobre o que me leva a beber. Qualquer criança hoje em dia sabe isso. A culpa foi do Freud. Se eu tivesse um filho de dez anos — e Deus me livre de o ter — já me tinha perguntado: «A que é que o pai quer fugir quando se embebeda?»

— Mas, segundo me contaram, isso é bastante recente.

— Está pior, mas eu sempre bebi forte. Quando se é novo consegue-se aguentar muito vinho, mas logo que se entra nos quarenta as coisas passam-se de outra maneira.

Encostei-me na cadeira e acendi um cigarro.

149



Cartil Comunicações Eletrónicas

Este, é o nosso cartão de visita. Trabalhamos na vanguarda da técnica. Representamos marcas de prestígio internacional. Os nossos profissionais estão aptos a responder com eficiência à manutenção e assistência técnica de todo o material de comunicação.

Comunique cc
Trabalhamos pa

CARTIL

Radiotelefonos Fixos, Móveis e Portáteis de VHF e UHF
Antenas e Acessórios para Radiocomunicações.

Praça Olegário Mariano, 5.1.2.º Dt.º Telefones 83.58.80 e 83.10.80



O
IMENSO
ADEUS
RAYMOND
CHANDLER

© -- Livros do Brasil College Trustees

-- Quais as razões que o levaram a querer falar comigo?
-- De que pensa *voce* que eu ando a tentar fugir?
-- Não faço a menor ideia. Não o conheço suficientemente.
Além de que toda a gente foge sempre de qualquer coisa.
-- Mas nem toda se embreda. De que foge *voce*? Da sua juventude, ou da sua consciência ou de ser um detective sem grande categoria e com pouco dinheiro?
-- Já percebi que *voce* neste momento precisa de insultar alguém. Continue. Quando magoar eu digo-lhe.
Ele sorriu e meteu as mãos pelo cabelo encaracolado.
-- *Voce* tem diante de si um tipo sem grande categoria, Marlowe. Todos os escritores são aldrabões e eu sou o maior de todos. Escrevi doze novelas que tiveram grande sucesso. E são todas uma porcaria. Tenho uma casa maravilhosa num bairro reservado aos multimilionários. Tenho uma mulher linda que me adora e um editor ótimo que me adora e eu gosto mais de mim próprio do que todos eles juntos. Sou um egoísta, prostituo-me literariamente, e sou um malandro. E agora que sabe tudo, ainda acha que pode ajudar-me?
-- Ajudá-lo em quê?
-- Por que não se zanga?
-- Não há razão para isso. Estou simplesmente a ouvi-lo enquanto *voce* se detesta. Não é divertido mas não me ofende.
Ele riu-se.
-- Gosto de si. Vamos a uma bebida.
-- Aqui não, amigo. Nunca a sós. Não estou interessado em assistir à sua primeira bebida.
Ele levantou-se.
-- Não é indispensável ser aqui. Vamos até lá dentro observar o género de pessoas que passamos a conhecer quando temos dinheiro para viver onde elas vivem.
-- Oiça, acalme-se. É gente como outra qualquer.
-- Mais não deviam ser. Se o são, para que servem? Representam a fina flor do país e não valem mais do que uns carroceiros cheios de *whisky*. Nem mesmo valem tanto.

150

MIDA
RECOMENDA

No seu stand em Lisboa, na Av. Defensores de Chaves, 3-A, tem para entrega imediata as fresas para madeira

FREZITE 

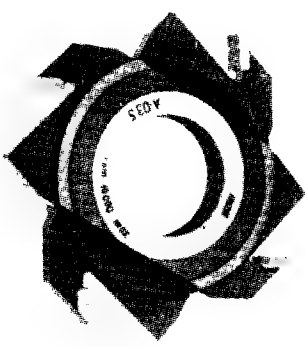
que são um produto de qualidade da indústria Nacional.

No seu próprio interesse exija do seu fornecedor as fresas

FREZITE 

com assistência técnica em todo o País garantida pela fábrica

FREZITE 



AFRICA

Muzorewa na Grã-Bretanha

O primeiro-ministro da Rodésia, bispo Abel Muzorewa, chega na próxima semana à capital britânica para conversações com Margaret Thatcher, primeiro-ministro, conservador, da Inglaterra — anunciou ontem o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A visita de Muzorewa efectua-se num momento em que o novo governo britânico procura legitimar a Rodésia. Mas Thatcher ao deixar prever anteriormente em Cambera o levantamento das sanções britânicas contra a Rodésia no próximo mês de Novembro, corre o risco de suscitar muitas reacções hostis, nomeadamente dos membros africanos do Commonwealth cuja reunião começa no próximo mês em Lusaca, capital da Zâmbia, e à qual assistirão a própria Thatcher e a rainha de Inglaterra. Nessa cimeira o novo primeiro-ministro britânico tentará persuadir os outros países a «seguir-nos» na mesma decisão.

As reacções hostis poderão seguir-se as consequências económicas: a Nigéria, que importa cerca de mil milhões de libras de produtos britânicos por

ano, e que fornece aos Estados Unidos 15% das suas importações de petróleo, fez saber recentemente que reagiria fortemente ao levantamento das sanções contra Salisbúria por Londres ou por Washington.

Por outro lado a declaração da sr.^a Thatcher consagra abertamente o desacordo latente entre Londres e Washington sobre o problema rodésiano. Ocorre pouco depois do presidente Carter ter surpreendido os observadores ao declarar-se favorável à continuação das sanções contra Salisbúria.

Se o governo conservador britânico levantar efectivamente as sanções no próximo mês de Novembro será, também, segundo a declaração do primeiro-ministro, um primeiro passo no sentido do reconhecimento do regime rodésiano. Tal medida é totalmente posta de parte pelo Estados Unidos que consideram que as recentes eleições rodésianas não foram «nem livres» nem «equitativas». Certos observadores não excluem até que a iniciativa da sr.^a Thatcher possa fazer deteriorar as actuais

relações entre Londres e Washington.

AGRESSÃO À ZÂMBIA

A agressão de domingo das forças armadas da Rodésia próximo de Lusaca saldou-se em

três mortos e quatro feridos, indica um comunicado das autoridades zambianas transmitido pela rádio nacional.

O anúncio foi a primeira reacção da Zâmbia ao ataque, o segundo contra um campo de refugiados perto da capital zambiana, durante a semana passada.

UGANDA:

Cimeira Nyerere/Binaisa

O presidente Julius Nyerere teve ontem uma reunião cimeira não anunciada com o presidente Binaisa.

Um breve comunicado emitido em Dar es-Salaam revelou que Nyerere e o seu homólogo ugandês partiram para a cidade de Mwanza, no Norte da Tanzânia,

para as suas primeiras conversações desde a substituição do presidente Lule, há duas semanas.

Lule foi levado sob escolta para a Tanzânia, onde se encontra aparentemente detido na residência oficial de Nyerere na capital.

OS PAÍSES DA LINHA DA FRENTE começaram hoje uma reunião na cidade tanzaniana de Arusha. Tudo parece indicar que se trata mais de uma conferência de ordem técnica do que política, essencialmente dedicada ao es-

tudo dos meios de reforçar as comunicações e os transportes

entre os cinco países aliados, e subtrai-los, assim, à dependência económica em relação à África do Sul.

ASIA

IRÃO

Bazargan contra guerrilheiros

O primeiro-ministro Mehdi Bazargan acusou o grupo de guerrilheiros que mais contribuiu para o derrube do xá de trair o regime islâmico actualmente implantado no Irão.

Bazargan declarou que a organização marxista dos «Fedayine-Khalq» (Guerrilheiros do Povo) esteve envolvida em todas as lutas que rebentaram entre as minorias regionais nas fronteiras do Irão desde a revolução de Fevereiro.

O ataque do primeiro-ministro estava contido no discurso que proferiu ontem à noite para os guardas revolucionários depois de um encontro dos dirigentes políticos e religiosos do país com

Khomeiny. As suas declarações são um eco da crescente atitude crítica do «ayatollah» em relação aos seus opositores não islâmicos.

Por outro lado Bazargan apelou para o estreitamento da cooperação entre os comités revolucionários e o Governo.

«Não podemos ter diversos órgãos — os líderes religiosos, os guardas revolucionários, os comités, a Frente Nacional e os Tribunais Revolucionários — actuando em diferentes direcções», disse acrescentando que «a mais pequena divisão, e mais pequeno desvio em relação a uma direcção unida, podem conduzir ao nosso colapso.»

China reforça cooperação militar com a Grã-Bretanha

O chefe do Estado-Maior adjunto do Exército chinês, Yang Yung, iniciou hoje em Londres com «sir» Neil Cameron, chefe do Estado-Maior britânico, uma série de conversações sobre o desenvolvimento militar anglo-chinês.

«Sir» Neil, que criou em Abril último uma situação embaraçosa a Whitehall ao proclamar, numa visita a Beijing, que a URSS era o «inimigo comum da China Popular e do Reino Unido», declarou que as presentes conversações irão incidir nas perspectivas duma contribuição britânica para a modernização das forças chinesas. Fez notar todavia que não é de prever «nenhum resultado concreto» no final destes contactos.

O chefe do Estado-Maior adjunto chinês que ontem chegou a Londres em visita oficial de doze dias, foi recebido no Ministério da Defesa com todaas honras

militares.

Yang Yung que chefia uma importante delegação de peritos, é a mais alta individualidade militar chinesa a deslocar-se à Grã-Bretanha desde 1949.

O empenho do novo governo de Londres em estreitar os seus laços militares e comerciais com Beijing poderá concretizar-se antes do fim do ano com a venda de uma centena de caças britânicos «Harrier» de descolagem vertical, transacção esta da ordem dos 600 milhões de dólares.

Durante a sua estada no Reino Unido, Yang Yung terá conversações com o ministro da Defesa, Francis Pym, e percorrerá várias instalações militares, incluindo um centro de telecomunicações ultra-secreto, devendo igualmente visitar os estaleiros navais da «Royal Navy» em Portsmouth.

Pub

AOS UTENTES DA TRANSTEJO A POPULAÇÃO EM GERAL

Os trabalhadores da Transtejo efectuarão uma paralisação **ENTRE AS 10 E AS 17 HORAS DO PRÓXIMO DIA 5 DE JULHO, 5.^a FEIRA**, como forma de luta para obterem uma revisão justa do seu Acordo Colectivo de Trabalho.

A Gerência da empresa e o Governo insistem em manter uma posição de intransigência e fazer propostas inaceitáveis, nomeadamente:

- Propõem cerca de 18% de aumento nas tabelas, quando o aumento de custo de vida em 1978 foi de 24%;
- Recusam-se a negociar cláusulas muito importantes como as referentes a diuturnidades, subsídio de turnos e reformas;
- Recusam-se a aceitar qualquer retroactividade na aplicação das tabelas, quando os actuais salários estão em vigor desde Setembro de 1977;
- Retiram a sua proposta de aumento no subsídio de alimentação de 45\$00 para 60\$00, em protocolo, bem como a negociar a proposta dos Sindicatos nesta matéria.

Os trabalhadores da Transtejo lamentam profundamente os transtornos causados aos utentes mas estão convictos de que estes compreenderão a situação (tal como já aconteceu nas paralisações de 2 e 4 horas efectuadas nos passados dias 7 e 21 de Junho) e saberão identificar a Gerência da empresa e o Governo como os únicos responsáveis pela situação existente.

Lisboa, 29 de Junho de 1979

A COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL

(Sindicatos dos Trabalhadores dos Transportes Fluviais)
(Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca)
(Sindicato dos Maquinistas Práticos da Marinha Mercante)
(Sindicato dos Capitães e Oficiais Pilotos da Marinha Mercante)

AMÉRICA LATINA

Sandinistas dominam Norte da Nicarágua

As posições militares da Guarda Nacional nicaraguense deterioraram-se no Norte do país durante as últimas 48 horas, tendo a cidade de Matagalpa, 125 quilómetros ao norte de Manágua, caído nas mãos dos sandinistas.

Sebaco, importante encruzilhada rodoviária e Chinandega encontram-se na mesma situação.

Em Esteli e Leon, os sandinistas dominam a maior parte das cidades e continuam a sitiar os guardas que se enfileiraram naquelas localidades. Se não se verificar rapidamente uma ofensiva governamental, estes centros poderiam ser igualmente tomados, o que deixaria as mais importantes cidades do Norte nas mãos dos guerrilheiros, consideram os observadores.

No Sul, os sandinistas destruíram na segunda-feira de manhã dois camiões que transportavam soldados, a 2 quilómetros de Masaya. Teria havido numerosos feridos.

Masaya, em poder dos sandinistas desde o passado dia 24 de Junho, tornou-se uma base crucial para os guerrilheiros. Uma coluna de cerca de 1500 homens abandonou na última quinta-feira Manágua para se instalar nesta cidade.

Moise Hassan, único membro sandinista do Governo provisório nicaraguense, avaliou em cinco mil o número de guerrilheiros actualmente aí estacionados.

Hassan revelou que as forças de Masaya aguardam um avanço para norte do exército sandinista estacionado junto à fronteira da Costa Rica «para isolar Manágua a norte e a sul» antes de uma ofensiva final sobre a capital.

JUNTA DENUNCIA APOIOS A SOMOZA

A Junta Provisória de Reconstrução Nacional denunciou o envio de reforços militares provenientes do estrangeiro para o



Guerrilheiros sandinistas conduzem membros da Guarda Nacional que foram feitos prisioneiros depois de terem desertado

general Somoza. Afirmou que um avião «hercules» transportando 400 «roquetes» e 80 bombas destinadas a serem lançadas sobre a cidade de Leon aterrara na segunda-feira no aeroporto de Manágua.

A Junta indicou por outro lado que onze aviões do tipo «P-51» eram aguardados em Puerto Cabeza, porto da costa atlântica nicaraguense, para reforçarem a aviação do presidente Somoza. A origem destes aviões não foi precisada.

Entretanto, o Governo israelita ordenou o regresso de dois petroleiros destinados à Nicarágua, anunciou hoje a secretaria de Estado norte-americana.

Esta ordem está de acordo com a posição dos Estados Unidos que pediram aos países fornecedores de armas e combustível à Nicarágua para deixarem de abastecer o regime de Somoza.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latian e Reuter

Unicef faz o mundo diferente contribua para isso

Actualmente, quando muitas crianças não têm acesso às suas necessidades básicas, a UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância, fornece-lhes o que é mais indispensável para sobreviver. Milhões de crianças, em mais de cem países têm necessidade urgente de ajuda, sem a qual muitas não chegarão à idade adulta. Não o conseguirão, se não formos todos nós a contribuir para isso. Ajude-as a viver. Apoie a UNICEF. Informe-se sobre os seus objectivos e colabore com o Comité Português em formação.



1979
Ano Internacional da Criança

CORTE POR AQUI

Para informações contacte:

Unicef - Fundo das Nações Unidas para a Infância
Rua Almirante Pessanha, 11 - 1200 Lisboa - Tel: 36 50 41

Nome _____

Morada _____

CHILE

Sindicalistas contra "Plano Laboral"

Fontes sindicais chilenas afirmaram hoje que o «Plano Laboral» aprovado pelo Governo contém ligeiras concessões destinadas a permitir uma adaptação «às difíceis condições internas e externas com que Pinochet se defronta».

Estas condições traduzem-se pela elevada taxa de desemprego, inflação, dívida externa, conflitos fronteiriços, críticas pela política repressiva contra a liberdade de imprensa, caso Letelier, descoberta de corpos de presos políticos assassinados, luta dos trabalhadores no interior do país e ameaça de boicote internacional.

No conjunto, o Plano Laboral ontem anunciado pelo ministro do Trabalho contém tímidos avanços para o movimento sindical chileno como o direito de reunião sem autorização prévia, o desconto nominal da quotização, a greve limitada e os tribunais arbitrais.

Referindo-se ao objectivo anunciado pelo Executivo de «despolitizar» o movimento sindical, as fontes sindicais consideraram ser «lógico que um Governo que não permite partidos políticos implante um sindicalismo despolitizado».

O plano laboral estabelece, por outro lado, que existe liberdade de reunião sindical para tratar apenas de matérias de carácter laboral, mas os sindicalistas perguntam quem poderá decidir onde acaba o plano puramente sindical?

Quanto à prevista liberdade de filiação que permite a existência de vários sindicatos numa mesma empresa, sublinham que tal medida «pode, por um lado provocar o enfraquecimento das organizações, e dado que a filiação não é automática, o trabalhador vê-se submetido às pressões do patrão para que não se filie nem participe no sindicato».

MÉDIO ORIENTE

Sauditas aumentam produção de petróleo

A Arábia Saudita decidiu aumentar a sua produção de petróleo bruto, noticiou a Rádio saudita.

Citando informadores oficiais do Palácio Real, a emissora precisou que o aumento de produção seria temporário, sem especificar a sua duração ou quantidades.

A mesma fonte adiantou que a ampliação da produção petrolífera era necessária para fazer face às despesas envolvidas no plano de desenvolvimento do país para 1976-81 e que orçam em 142 mil milhões de dólares.

A produção petrolífera da Arábia Saudita, que é o maior exportador mundial, cifra-se actualmente em 8,5 milhões de barris por dia. Os preços da sua variedade «árabe leve» são, actualmente, os mais baixos dos praticados pela OPEP (18 dólares por barril).

Antes da cimeira da OPEP da semana passada, o ministro saudita do Petróleo, xeque Ahmed Zaki Yammani, anunciou que o seu país poderia aumentar a produção petrolífera em um milhão de barris por dia se os principais países consumidores do Ocidente adoptassem medidas com vista a reduzir o consumo.



Xeque Ahmed Zaki Yammani, ministro saudita do petróleo

Peritos em matéria petrolífera observaram que, se a Arábia Saudita aumentar as suas exportações em um milhão de barris por dia, sem que outros importantes produtores diminuam a sua produção, tal poderá contribuir consideravelmente para «aliviar» as condições do mercado de petróleo.

Actualmente, as «faltas» de petróleo a nível mundial estão calculadas entre 1,5 e 2 milhões de barris de petróleo por dia.

Pub

GRUPO NAZARENO INTERNACIONAL



A fim de homenagear a criança portuguesa chegou a Lisboa o conjunto Discovery, vindo da Suíça, integrado no Grupo Nazareno Universitário, que actuará dentro do âmbito do Ano Internacional da Criança em colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa e a Comissão Nacional para o Ano Internacional da Criança. São 12 jovens universitários de várias nacionalidades.

Este conjunto é composto por elementos dos Estados Unidos da América, Canadá, Grã-Bretanha, Dinamarca e Portugal, pois que oito são portugueses.

Aguardam este agrupamento musical, no aeroporto, multissimas pessoas com cartazes e bandeiras, dando assim a conhecer ao público o trabalho que vai ter em Portugal durante a sua estada. Dali partirão em cortejo automóvel que percorreu as ruas da capital.

Actuará em recintos fechados, deixando uma mensagem de esperança para todos aqueles que vivem indiferentes à verdade do Evangelho de Cristo e apresentará também vários números musicais em diversas praças e parques do País, destinados especialmente às crianças. Para elas haverá fantoches, magia e outras coisas próprias, que serão o encanto e deslumbramento inevitáveis.

Certamente não faltará o momento de cada elemento do conjunto dar publicamente o seu testemunho da forma como conheceram Deus nas suas vidas. Para isso, nos dias 5 a 8 do corrente falarão, às 19.30 horas, na Igreja do Nazareno, Av. Oscar Monteiro Torres, 44-A e B, ao Campo Pequeno, onde a entrada é franca e todos serão bem-vindos.

A partir do dia 8, das 10 às 17 horas, uma quarta parte do conjunto dirigirá uma escola bíblica para crianças, dos 4 aos 12 anos de idade, no local acima citado, a fim de que possam aprender algo de bom e espiritual para a formação moral e futuro das suas vidas. Todas serão bem-vindas, mesmo os próprios pais.

Todos podem participar nesta campanha em homenagem à criança portuguesa, atingindo-se assim o alvo em vista que é a satisfação completa, a alegria e a fraternidade cristã entre os homens no Mundo actual.

JORNADA DE SOLIDARIEDADE COM A FRENTE SANDINISTA DA NICARÁGUA

- Com um representante da FRENTE SANDINISTA
- Organizada por OUT, PRP e PSR
- Com o apoio do CIDAC e da CSPA
- Participam:

FANHAIS

FAUSTO

SÉRGIO GODINHO

SHEILA

VUM-VUM

"VOZ DO OPERÁRIO"

4.ª feira — 4-7-79 — 21.30 h

Trabalhadores organizam-se para ver "A Noite"

Diversas organizações de trabalhadores e estruturas populares organizaram já deslocações colectivas ao Teatro da Academia Almadense, onde está em cena, desde o passado dia 6, o novo espectáculo do Grupo de Campolide, «A Noite», de José Saramago, encenado por Joaquim Benite e em que intervêm, no desempenho dos principais papéis, os actores Henriqueta Maya, Luis Alberto e António Assunção.

Trata-se, aliás, de uma prática desde sempre mantida e desenvolvida pelo Grupo de Campolide que corresponde ao esforço do seu projecto teatral: a produção de um teatro intimamente ligado às massas trabalhadoras do nosso país.

Muitas destas deslocações colectivas são organizadas pelos membros do Grupo de Campolide, que, para o efeito, se mantêm em estreito contacto com estruturas sindicais, comissões de trabalhadores, colectividades e órgãos do poder local, principalmente as que se localizam na Margem Sul. Outras dessas deslocações partem da iniciativa das próprias populações e trabalhadores da região, uma vez que o impacto e a qualidade do espectáculo agora apresentado pelo Grupo de Campolide constituem, por sua vez, incentivos suficientes para que ao Teatro da Academia Almadense acorram grupos organizados de espectadores.

Recorde-se a propósito que o Teatro da Academia Almadense e, neste momento, a única sala exclusivamente dedicada à actividade teatral profissional exis-

tente em todo o distrito de Setúbal.

Até agora, deslocaram-se já colectivamente à sala onde o Grupo de Campolide apresenta «A Noite» trabalhadores da Lisnave e do «Diário de Notícias» (numa iniciativa das respectivas comissões de trabalhadores), moradores do concelho do Seixal (numa ida organizada pela Câmara Municipal deste concelho), sócios do Sindicato da Construção Civil de Setúbal, trabalhadores bancários da Margem Sul, da Companhia Portuguesa de Pescas, do Arsenal do Alfeite. Estão já organizadas deslocações de trabalhadores da Parry and Son, de moradores do concelho de Almada, numa ida organizada pela respectiva Câmara Municipal, e de moradores de Moscavide e Sacavém, numa ida organizada por amigos do Grupo de Campolide destas localidades.

Sempre que para isso tem sido solicitado, o Grupo de Campolide promove, no final dos espectáculos em que estas sessões se realizam, colóquios que contam com a participação do autor e do encenador da peça e, eventualmente, de trabalhadores da Informação.

Assim aconteceu, por exemplo, quando os trabalhadores da Lisnave esgotaram totalmente a sessão do passado dia 13, bem como quando os trabalhadores do «Diário de Notícias» se deslocaram a Almada na tarde do passado sábado.

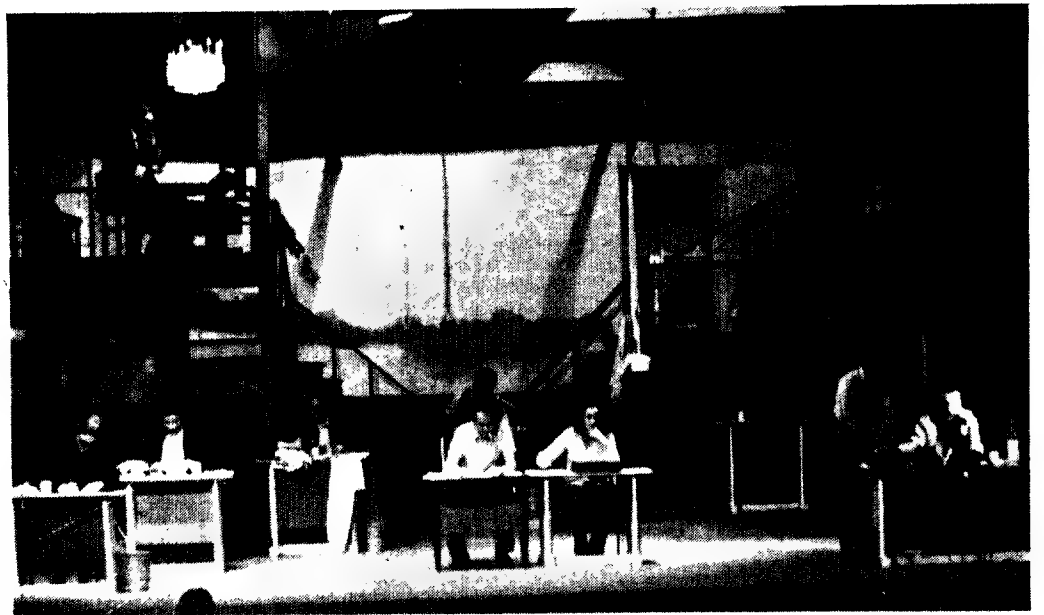
A primeira dessas sessões contou com a participação, além de José Saramago e de Joaquim Benite, do jornalista e crítico

Mário Castrim, tendo a troca de impressões entre os presentes comprovado o carácter popular do espectáculo agora apresentado pelo Grupo de Campolide, bem como a sua qualidade artística e o seu rigor ideológico.

O mesmo aconteceu, aliás, na sessão que contou com a participação dos trabalhadores do «Diário de Notícias», tendo-se aqui registado uma maior especialização do debate, em virtude das próprias características do público, que, aliás, assistiu emocionado ao desenrolar do espectáculo.

EM DUAS SEMANAS MAIS DE 3 MIL ESPECTADORES JÁ VIRAM «A NOITE»

É superior a três mil o número de espectadores que, ao fim de duas semanas de espectáculos, se deslocaram já ao Teatro da Academia, onde está em cena o novo espectáculo do Grupo de



Campolide: «A Noite», de José Saramago, com encenação de Joaquim Benite.

O vivo interesse que este espectáculo está a despertar junto do público deriva de várias razões. Em primeiro lugar, trata-se do primeiro original português cuja acção decorre nas primeiras horas do dia 25 de Abril de 1974. Em segundo lugar, «A Noite» assinala a estreia como drama-

turgo do escritor José Saramago. Depois, esta peça é essencialmente uma homenagem a todos os trabalhadores da imprensa que tanto antes como depois do 25 de Abril se bateram pela liberdade de imprensa. Finalmente, e também como facto assinalável, o rigor e o acerto da encenação, bem como a qualidade da interpretação, que concorrem para transformar este

espectáculo num dos acontecimentos teatrais de relevo deste ano.

Pelo menos é essa a opinião generalizada do público que, até agora, acorreu ao Teatro da Academia Almadense, onde, todas as noites de terça-feira a domingo às 21,45 h., e aos sábados e domingos também às 16 horas, o Grupo de Campolide apresenta «A Noite».

“PARIS REVISITADA”:

Ciclo de Cinema Francês na Fundação Gulbenkian

No âmbito das actividades culturais que estão a decorrer nas instalações da Fundação Gulbenkian, integradas na Exposição «Paris Revisitada», que tem registado enorme afluência de público, vai realizar-se uma importante Retrospectiva de sete filmes subordinada ao tema «PARIS NO CINEMA», numa organização conjunta da Embaixada de França em Lisboa, da Câmara Municipal de Lisboa e daquela Fundação.

Serão exibidos alguns filmes clássicos do cinema francês, cuja acção decorre em Paris em várias épocas da história desta cidade.

Assim, a inaugurar o ciclo, veremos Paris da «Belle Epoque» e dos fins do século XIX na obra-prima de Jean Renoir, «Frech-Can-Can», que há muito não se exhibe entre nós. Ainda recentemente, como o leitor deve estar lembrado, também em colaboração com a Embaixada de França, a Fundação Gulbenkian prestou homenagem a este grande cineasta francês, de que veremos essa famosa película, interpretada por Jean Gabin, Françoise Arnould e Maria Félix, nos principais papéis.

Paris dos anos 30 será evocada através de duas obras-primas da cinematografia francesa desse período: «Carnet de Ball», de Julien Duvivier (1937), filme que reúne no seu elenco os mais célebres actores da época, como Marie Bell, Raimu, Fernandel, Louis Jouvet, etc. e «Hotel du Nord», de Marcel Carné e Jacques Prévert, filme dominante do chamado realismo poético.

Também com um «cast» de actores impressionante, em que avultam Arletty, Louis Jouvet, Anabella, este filme é uma das melhores películas da época.

Paris dos anos da guerra e da ocupação é igualmente evocada, através do clássico de Claude Autant-Lara, «Le traversée de Paris», com Jean Gabin e Bourvil.

Voltaremos, depois a épocas mais recuadas, vendo a Paris de Zola através da adaptação de René Clément, do famoso romance «A Taberna», a «Gervaise», com Maria Schell e François Périer.

Paris dos anos 20 e dos grandes pintores deste século é, por sua vez, evocada através de «Monparnasse», sobre a vida de Modigliani. Gerard Philippe faz o papel do pintor, ao lado da célebre actriz Anouk Aimé. Finalmente, veremos a Paris dos anos 60, através do filme de Sket-ches, «Paris vu Par...», com realização dos melhores cineastas da «nouvelle-cague», como Goddard, Chabrol, Rohmer, Jean Rouch, Jean Douchet, Jean-Daniel Pollet.

As sessões realizar-se-ão no Grande Auditório da Fundação, às 18 e 30, com excepção da última, que se efectuará às 21 e 30, no mesmo local.

A inauguração deste importante ciclo de cinema está marcada para o dia 2 de Julho próximo, com «Frech Can-Can», de Jean Renoir, precedida de uma conferência do grande crítico francês Henri AGEL, professor da Universidade de Montpellier, que falará sobre «O CINEMA E PARIS».

Os bilhetes encontram-se à venda nas bilheteiras da Fundação, a partir do dia 29, ao preço único de 20\$00.

As sessões para exibição destes filmes, realizam-se nos dias 2 a 7 de Julho, neste último dia com espectáculos às 18 e 30 e às 21 e 30 e todos os filmes serão exibidos em cópias não legendadas à excepção de «Paris visto por...», que tem legendas em português.

A conferência do crítico Henri Agel efectuar-se-á no Auditório Trés

VIAGEM A UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO e FANTÁSTICO!

Pela primeira vez no cinema a música e o espírito de

LED-ZEPPELIN
ROCK É ROCK MESMO

concerto
ao vivo
filmado no
MADISON
SQUARE
GARDEN DE
NEW YORK



THE SONG REMAINS THE SAME

LED-ZEPPELIN

no palco e para além do palco

FANTASIA e REALIDADE!

JOHN PAUL JONES ROBERT PLANT JIMMY PAGE JOHN BONHAM

SOUNDTRACK ALBUM AVAILABLE ON BGM RECORDS AND TAPES. DISTRIBUTED BY ATLANTIC RECORDS.

From Warner Bros. A Warner Communications Company. TECHNICOLOR

Banda sonora original editada em discos distribuídos por RADIO TRIUNFO, LDA.

5.ª SEMANA NO **cinemas**

NAO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

CURSOS

MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas IBM e UNIVAC
Início 4 e 12 de Julho

GRAVAÇÃO/VERIFICAÇÃO
IBM 3742 DISKETTES
Início 4 e 12 de Julho

DACTILOGRAFIA
Início: todos os dias
Inscrições limitadas

EXTERNATO CONTINENTAL
Telf. 325652 — R. do Arsenal,
100-1.º

TOQUIO

10 DIAS DE VIAGEM

— incluindo —
AVIÃO • HOTEL • VISIT • CIDADE
part. todas as 3.ª Feiras
desde 45.000\$00

consulte o seu
agente de viagens
MUNDIVIAGENS
OPERADORES TURÍSTICOS

ALBERTO

p. de espanha (palhavá) telef. 77 09 69



grupo 4
apresenta

CORPO-DELITO
na sala
de espelhos

de JOSÉ CARDOSO PIRES

encenação
de FERNANDO GUSMÃO

TODAS AS NOITES ÀS 21.30
DOMINGO (ÚLTIMO DIA) TAMBÉM ÀS 16 H.

ULTIMA SEMANA

Anuncie no «DL»

O «DL» atinge diariamente muitas dezenas de milhares de leitores, potenciais compradores e utilizadores de coisas e serviços e tem, actualmente, a maior venda de entre os jornais da tarde. Anuncie no «DL»: as tabelas são moderadas e os resultados serão espectaculares. Experimente!

DE FÉRIAS COM O

Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias

pelo período de 10 dias,
ao preço de 10\$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

Canal da Crítica

Sobre "O Astro": num lado se põe o ramo. E noutro se vende o vinho...

O Astro está a dar as últimas. A parte propriamente do enredo superficial, está satisfeita.

VCV - vem cá ver

NO THEATRO LAURA ALVES

às 21.45 h. Tel. 86 47 56

Sábado - duas sessões

20.30 h. - 22.45 h.

Domingos e Feriados

Matinée às 16 horas

Noite 21.45 h.

IVONE SILVA



numa
notável
interpre-
tação

a TITINE DAS BRONCAS
na farsa musical

QUE GRANDE BRONCA

ao lado
do sensacional
actor cómico
da nova geração

HERMAN JOSÉ

e ainda
CARLOS MIGUEL
VERÓNICA
NUNO EMANUEL
frente
dum grande elenco

NOTARIADO POR- TUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE
MAFRA A CARGO DA LICEN-
CIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ
PIMENTEL PIQUILRA E SILVA

Certifico para efeitos de publicação que no dia 25 de Junho corrente, de 1979, a 1.ª e 2.ª, do Livro C-32, para Escrituras Diversas, deste Cartório, foi lavrada uma escritura de justificação notarial, na qual Maria do Carmo, viúva, residente no lugar da Lagoa, freguesia de Santo Isidoro, distrito concelho de Matra, justificou que, com exclusão de outrem, e dona e legítima possuidora do seguinte imóvel: Predio misto composto de casa com cinco divisões, servido uma delas para estabelecimento comercial e casa de arrecadação, casa para arrecadação com 4 divisões, abegoaria, palheiro, cavalariça e pátio; e cultura arvense, denominado "Cerrado da Lagoa", sito na indicada freguesia de Santo Isidoro, inscrito na respectiva matriz urbana, sob os artigos 247 e 248 e, na matriz cadastral, sob o artigo 97. Secção C, com os respectivos rendimentos colectáveis de 778\$000, 312\$000 e 44\$000, de onde resultam os correspondentes valores matriciais de 15 560\$000, 6240\$000 e 880\$000, sendo o valor matricial total de 22 680\$000, ao qual atribui o valor de 23 000\$000. Que este predio encontra-se descrito, na competente Conservatória do Registo Predial, sob o número 14746, a folhas 98 do Livro B-1 e registado, a favor de Maria do Carmo, no estado de solteira, pela inscrição número 4611, a folhas 183 do Livro G-6. Que, por obito de Antonio Bernardo, que foi casado no regime da comunhão geral de bens com a referida Maria do Carmo, ficou o indicado predio a pertencer a Maria do Carmo, na escritura de declaração e partilha cuja data e Cartório Notarial ela, outorgante, desconhece pelo que esta impossibilitada de o comprovar.

Cumpra-se a curiosidade própria dos ouvidores de histórias.

Claro que, para além disso, houve aspectos importantes numa telenovela que, de forma alguma, pode considerar-se paradigmática da telenovela brasileira que, no seu conjunto, se aproxima (e muitas vezes ultrapassa) a noção que temos em Portugal da telenovela: a superficialidade de estilo, a falsidade psicológica, a engrenagem da alienação social. Algo que tem a ver com a pouca (ou nenhuma) exigência estética, que não convida ao exercício da inteligência crítica, mas à efervescência passageira das emoções de cécegas cardíacas.

Era a este perigo que ontem, no segundo programa, se referia o deputado Vital Moreira. Contou-nos ele, entre várias outras coisas dignas de ponderação, que em determinado colóquio, a sala só começou a compor-se depois da transmissão do Astro. Vital Moreira per-

guntava o que seria a vida social deste País se aumentasse o número de telenovelas. Dá-nos como exemplo o próprio Brasil onde a televisão se encontra ao serviço da alienação do povo brasileiro, opinião corroborada depois pelo jornalista José Sarauva que apontou a televisão como único divertimento e alimento espiritual de 75 por cento dos brasileiros!

Só que este fenómeno não é especificamente brasileiro. Ele é característico da maneira social de organização nos países ocidentais, de base capitalista. Nos países socialistas-democratas, quem tem dinheiro, faz, quem não tem, vê fazer. Quem tem dinheiro, vive; quem não tem, assiste à vida. Ontem, num inquérito de rua a propósito do aumento do custo de vida, o depoimento de um reformado pôs tudo em pratos limpos: «Eu continuarei a tomar a minha bica - e a ver os outros correrem».

As acções tornam-se recíprocas. A burguesia, detentora do poder, encarece a vida, dificulta os transportes, aumenta os preços do cinema e do teatro; assim, encurrala os trabalhadores em casa, entrega-os à bicharada da Televisão que os bombardeia com a ideologia da classe decadente e lhe impinge a mais desastrosa desinformação. Depois, a audiência vicia-se na alimentação televisiva, refugia-se em novos hábitos, deixa o circuito dos amigos e, pela constante ausência, os teatros fecham, fecham salas de convívio, e como os espectadores rareiam, aumentam os preços dos espectáculos.

Ha anos, foi Alves Redol convidado para fazer um colóquio numa colectividade fora de Lisboa. Precisamente no dia em que jogavam o Benfica e o Real Madrid para a final dos Campe-

MÁRIO CASTRIM

Hoje



Bette Davis e Henry Fonda numa cena do filme «Jezebel, a Insubmissa»

I PROGRAMA

19.00 Rei Artur

19.25 Manuel e Beatriz

19.30 Jornal RTP-1

20.30 O Astro - episódio n.º 184

21.15 Boletim Meteorológico

21.20 Era uma vez... Amanhã. Filme muito original, em que mostra o Mundo de hoje e de amanhã (patente na Feira Internacional de Lisboa).

21.35 A comédia e a vida, com o filme de grande metragem intitulado «Jezebel, a Insubmissa» realizado por William Wyler e interpretado pelos artistas Bette Davis, Fay Bainter, George Brent e Henry Fonda.

23.30 24 Horas

23.45 Fecho.

II PROGRAMA

18.45 Ano Propedéutico

20.30 Síntese

21.00 O Astro em debate a influência das telenovelas na linguagem corrente.

22.00 Informação/2

22.30 Concurso «Ecran Mágico» 5.ª sessão

23.30 Fecho.

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!

DESTAQUES

«Jezebel, a Insubmissa»
(21.35)

Concurso «Ecran Mágico»
(22.30)

Amanhã

I PROGRAMA

09.15 Ano Propedéutico, 19.00 Informação a laço, 19.25 Manuel e Beatriz, 19.30 Jornal RTP-1, 20.30 O Astro - episódio n.º 185, 21.15 Boletim Meteorológico, 21.20 Música para todos, 21.55 Os Novos Vinhedores, 23.00 24 Horas, 23.15 Fecho.

II PROGRAMA

18.45 Ano Propedéutico, 20.30 Síntese, 21.00 O Astro em debate, 22.00 Informação/2, 22.30 Escrita em dia, 23.30 Fecho.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

AULA MAGNA DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



VIII CONCURSO INTERNACIONAL VIANNA DA MOTTA

HOJE

PROVA FINAL A SOLO

AMANHÃ DIA 5 PROVAS FINAIS COM ORQUESTRA DA
RADIOPHONIA PORTUGUESA

SOB REGÊNCIA DE SILVA FRIEDRICH

RECITAL E DISTRIBUIÇÃO DE PRÊMIOS: dia 6 às 18.30 h

OS Finalistas: PISTORIUS - R.D.A.,
PAPASIAN - U.R.S.S.,
DI WAAL - HOLANDA,
BIRGER - FRANÇA,
PAPIAN - U.R.S.S.,
RIGACCI - ITALIA

INFORMAÇÕES, TEL. 777007
BILHETES À VENDA

Futebol de Salão



1979
TORNEIO
Unidade

Iniciativa da C.T. da R.G./L

INSCRIÇÕES TERMINAM JÁ NO PRÓXIMO DIA 6

Em face do elevado número de contactos estabelecidos, sob várias formas, com a Comissão Organizadora solicitando esclarecimentos sobre o Torneio, consideramos oportuno informar sobre as dúvidas mais comuns que nos têm sido apresentadas e indicar a forma mais simples de connosco contactar.

Informações:

Cada equipa pode inscrever um máximo de 12 (doze) elementos e utilizar em cada jogo um máximo de 8 (oito).

Cada equipa indicará obrigatoriamente um árbitro.

A ficha de inscrição terá de ser subscrita por um organismo de trabalhadores (Grupo Desportivo, CT, Comissão Sindical, etc.).

Cada empresa ou local de trabalho pode inscrever mais que uma equipa e cada equipa pode representar mais que uma empresa.

O início do Torneio está previsto para 1 de Outubro.

As inscrições terminam no dia 6 de Julho de 79, e podem efectuar-se de segunda a sexta-feira das 9 às 22 horas no Diário de Lisboa, Rua Luz Soriano n.º 44 e no Barreiro na sede social do Lusó Futebol Clube.

A base de cálculo para a formação das séries da fase de apuramento é de 6 equipas por série com o apuramento das duas primeiras classificadas.

Eventuais alterações nas fichas de inscrição poderão ser solicitadas a COT mesmo depois de encerradas as inscrições.

As Fichas de inscrição Regulamento do Torneio e Leis do Jogo, podem ser levantadas nos locais referidos ou pedidos pelo correio e enviando para o efeito um selo de 5 escudos.

Contacto: Telefone 32 02 71/2-3 ou 32 11 54/5

Escândalos e certezas em Pretória

Depois do escândalo que conduziu, na África do Sul, a uma demissão inglória de Vorster, chefe do Estado e «pai na nação», podia pensar-se que a comunidade branca, vendo os valores cristãos de que ela se reclama, metidos no lamaçal desse negócio de desvio de fundos, faria um exame de consciência, ou, pelo menos, uma reflexão sobre os abismos que separam os seus princípios e a maneira como o Estado do apartheid se comporta. Mas nem as novas medidas tomadas em Johannesburg nem a mudança do gabinete de Botha permitem pensar que uma tal revisão esteja a esboçar-se.

No plano da liberdade de imprensa seria necessária ao primeiro-ministro mais do que audácia para manter o projecto de lei celebrada, em preparação há um mês, e que prevê a interdição da publicação de toda e qualquer notícia sobre os casos de corrupção ou má gestão dos dinheiros

públicos. Como não dar um passo atrás quando a imprensa teve um papel decisivo na revelação das actividades do antigo ministro da Informação? Connie Mulder foi pois protegido nas altas esferas, nas suas duvidosas tentativas de melhorar, comprando jornalistas e jornais, a imagem da República, «difamada» no estrangeiro.

Não entanto, o primeiro-ministro sul-africano mantém a criação de um lugar de «advogado geral» encarregado de fazer com que a imprensa tenha um «papel responsável». Uma lei também impedirá os jornais de publicar informações sobre as actividades da Polícia, sem que estas lhes tenham sido previamente submetidas, a fim de que os «erros sejam corrigidos» e ela dê o seu aval. Noutros termos, escreve o jornal de Johannesburg **The Star** no seu editorial, este texto torna impossível toda e qualquer notícia de um motim, de uma vaga de

prisões ou de serviços policiais. Nunca teria permitido que o caso Steve Biko fosse tornado público.

Aqueles que tinham ficado edificadas sobre os métodos praticados na República Sul Africana, com a morte do dirigente negro, poderão encontrar, nesta modificação ministerial uma pequena satisfação. Jimmy Kruger, «ministro da Justiça e das Prisões», já não pertence, com efeito, ao novo gabinete. Depois do «caso Biko» teve o apoio de Vorster e viu a sua posição ainda reforçada. O ministro sempre se distinguiu pelo cinismo das suas declarações, e um dia considerara mesmo «muito simples» o facto de um detido «ter saltado pela janela enquanto o interrogávamos». O seu estranho ministério jurídico-repressivo foi separado, por uma tardia preocupação de decência, em duas pastas, confiadas a conservadores. E Kruger tornou-se presidente do Senado.

Um dirigente ultraconservador do Partido Nacional no Transvaal, Andreas Treurnicht, entra no Governo para um posto secundário, enquanto que o ministro dos Transportes Louwrens Muller pede a demissão a fim de mostrar o seu despeito por não ter sucedido a Vorster na presidência da República.

A oposição, recusando dar a mínima importância à mudança vê nela uma sábia dosagem entre as diversas facções do partido no poder, que não corresponde às exigências da situação. É o menos que se pode dizer. Nada daquilo que faz da África do Sul uma sociedade bloqueada na sua injustiça, é posto em causa. Nem o dogma do «desenvolvimento separado», alibi de boa consciência, nem a farsa dos **bantoustans** «independentes», nem a ferocidade da repressão. Era preciso mais do que um escândalo para abalar essas certezas.

CASA PIA: 199 ANOS

Festival e pintura no Pavilhão dos Desportos

Uma exposição fotográfica e artística assinala desde ontem a obra educacional da Casa Pia de Lisboa, no átrio do Pavilhão dos Desportos. O certame integra-se nas comemorações do 199.º aniversário daquela instituição, que hoje prosseguem com diversas actividades, nomeadamente um festival gimnodesportivo e cultural, actuação da Banda de Pina Manique e exibição do Coro da Casa Pia.

De assinalar, de entre os participantes no festival, a presença de uma classe mista dos cinco aos nove anos, com crianças normais e deficientes, uma classe feminina de ginástica rítmica com cordas, uma de danças folclóricas, exercícios de destreza no solo, luta grego-

romana e danças e cantares e conjuntos musicais de diversas secções da instituição. Quer a exposição, quer o festival integram-se no AIC, conforme afirmou ontem o provedor da Casa Pia de Lisboa, eng.º Simões.

O trabalho oficial e os objectos confeccionados e modelados nas aulas de artes visuais figuram no certame para todos os visitantes, de par com a cartanagem e a pintura que transmitem ao conjunto cor e alegria. É o gosto pela natureza em realce, assim como (para muitos) o desejo de uma habitação condigna. Dai este desabafo-confissão de Vítor Guerreiro: «Eu gostava de ter uma casa com jardim. E toda cheia de flores à volta».

O ENSINO DE ENGENHARIA EM PORTUGAL

PONTOS DE VISTA PARA A SUA ESTRUTURAÇÃO

Este é o tema do Colóquio a realizar pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa no

AUDITÓRIO II da FUNDAÇÃO GULBENKIAN

dia 5 de Julho às 21.30

CONVIDADOS:

Actuais e antigos responsáveis pelo MEIC, Órgãos representativos das escolas de Engenharia, Comissão de Educação da Assemb. da República Professores e personalidades ligadas à Engenharia, Associações Profissionais.

NA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Miguel Torga: mais uma homenagem

COIMBRA, 3 — «O segredo da indiscutível e sempre renovada qualidade estética da poesia de Miguel Torga reside precisamente na impossibilidade de es-

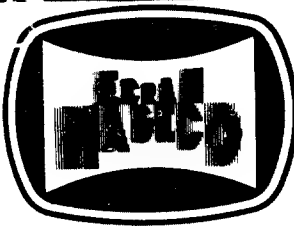
tabelecer um paradigma poético. Fazê-lo seria condenar a mensagem ao esvaziamento da novidade, à disciplina que a submissão a essas regras implica» —

afirmou Carlos Reis no decurso de uma sessão comemorativa dos 50 anos da vida literária do autor dos «Bichos», promovida pelo Conselho Científico da Fa-

culdade de Letras da Universidade desta cidade, a que presidiu o reitor Ferrer Correia. Entre outros, assistiram ao acto o governador civil, dr. Fernando Vale e o presidente da CM, dr.ª Judite Mendes de Abreu.

«Miguel Torga e o Paradigma Perdido» foi o título da conferência proferida por Carlos Reis no anfiteatro daquela escola, onde está patente uma montagem de textos do homenageado levada a cabo pelo TEUC, e uma exposição bibliográfica organizada pela Faculdade de Letras.

Carlos Reis falou, na conferência que apresentou, da «razão de ser da constante procura de um paradigma poético» que em Torga «decorre da necessidade de configurar uma espécie de absoluto artístico que corresponda ao destaque conferido ao acto de criação» e da autenticidade fundamentada em constante insatisfação: «se há um comportamento que mais visivelmente impeça não só a fixação de princípios paradigmáticos, mas sobretudo o respeito por eles, esse comportamento é, como é óbvio, o da rebeldia».



CONCURSO da RTP 2

RTP Radiotelevisão Portuguesa, EP
Apartado 1266
1008-Lisboa-Codex

CONCORRENTE

Nome.....

Morada.....

Localidade..... Telf..... Distrito.....

RTP

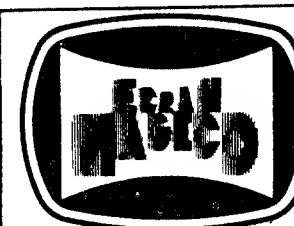
ACOMPANHANTE

Nome.....

Morada.....

Localidade..... Telf..... Distrito.....

IMPORTANTE: Escrever em letra bem legível os nomes do par de concorrentes. O boletim deve ser recortado pelo tracejado e remetido ao Apartado 1266-1008-Lisboa-Codex, colado em postal modelo normal dos CTP



CONCURSO da RTP 1

RTP Radiotelevisão Portuguesa, EP
Apartado 1423
1012-Lisboa-Codex

Sessão Nº.....

Filme.....

Data de emissão do Filme...../...../.....

RTP

Nome.....

Morada.....

Localidade..... Telf..... Distrito.....

IMPORTANTE: Escrever em letra bem legível, título do filme a resposta e o nome do concorrente. O boletim deve ser recortado pelo tracejado e remetido ao Apartado 1423 1012-Lisboa-Codex, colado em postal modelo normal dos CTP

ACADEMIA ALMADENSE

A NOITE DO 25 DE ABRIL
PELA 1.ª VEZ NO TEATRO

2.º MÊS

A NOITE

de JOSE SARAMAGO
Enc. de JOAQUIM BENITE
Cen. de ANTONIO ALFREDO
com
HENRIQUETA MAYA
LUIS ALBERTO
ANTONIO ASSUNÇÃO
EMA PAUL - DANIEL GARCIA
- FRANCISCO COSTA - FERNANDO LOURO - TERESA GAFFEIRA - VAL-
DEMAR DE SOUSA

TODAS AS NOITES AS 21.45 h
SABADOS
E DOMINGOS
TAMBEM AS 16 h
SEGUNDA
DESCANSO

GRUPO DE CAMPOLIDE

50 DIAS DE NOITE EM JORNAL DAS COLECÇÕES
RTP 1 11.11 2752175

Transportes Cam. P. Espanha: 20.10
20.30 20.50 h Alameda 0.15 h Barcos
C. Sodre, C. Paço, Alameda 15 em
15 m. Ligação camionetas imediata



Caminhos de Ferro Portugueses

Informação

LINHA DO NORTE —

COMBÓIOS RÁPIDOS

ENTRE LISBOA E PORTO

VENDA DE BILHETES

E RESERVA DE LUGARES

A CP tem à sua disposição um novo sistema de venda de bilhetes e reserva de lugares para os comboios rápidos da Linha do Norte. Utilize-o nas estações e horários de acordo com o que a seguir se indica.

LISBOA (ST.ª APOLÓNIA), PORTO (CAMPANHA), AVEIRO, ESPINHO e GAIA:

— A venda de bilhetes efectua-se desde as 9.00 horas do décimo dia anterior ao dia da partida até à hora de partida.

LISBOA (ROSSIO) e PORTO (S.BENTO):

— Desde as 9.00 horas do décimo dia anterior ao dia da partida até 3 horas antes da partida dos comboios de Lisboa (St.ª Apolónia) e Porto (Campanha), com excepção dos comboios com partidas às 7.45 e 10.45 horas de Lisboa (St.ª Apolónia) e Porto (Campanha), cuja venda de bilhetes termina no Rossio e em S. Bento às 19.00 horas da véspera do dia da partida.

COIMBRA:

— Dede o décimo dia anterior ao dia da partida das 9.00 às 12.00 horas e das 14.00 às 19.00 horas até:

- às 19.00 horas da véspera para os comboios com partida de Coimbra-B às 9.49 horas (para Porto) e às 9.01 horas (para Lisboa);
- às 12.00 horas do próprio dia da partida para os comboios com partida de Coimbra-B às 16.38 horas (para Porto) e às 15.59 horas (para Lisboa);
- às 15.30 horas do próprio dia da partida para os comboios com partidas de Coimbra-B às 19.13 (para Porto) e às 18.26 (para Lisboa);
- às 19.00 horas do próprio dia da partida para os comboios com partida de Coimbra-B às 22.39 horas (para Porto) e às 22.01 horas (para Lisboa).

COIMBRA-B:

— Poder-se-ão comprar bilhetes uma hora após o horário acima indicado para a estação de Coimbra.

TRIBUNA LIVRE

Agostinho da Silva Costa

O desporto: meio de recuperação social dos deficientes

Indivíduo e realidade concreta — Todo o indivíduo se realiza no mundo. Esta expressão, que à primeira vista parece extremamente simples, tem uma diversidade de implicações que a tornam difícil de traduzir. É que, se o mundo pode ser concebido como algo de muito concreto, outro tanto não se passa com o indivíduo. Este é bastante mais complicado... e, esta realização não implicará a construção do próprio mundo?

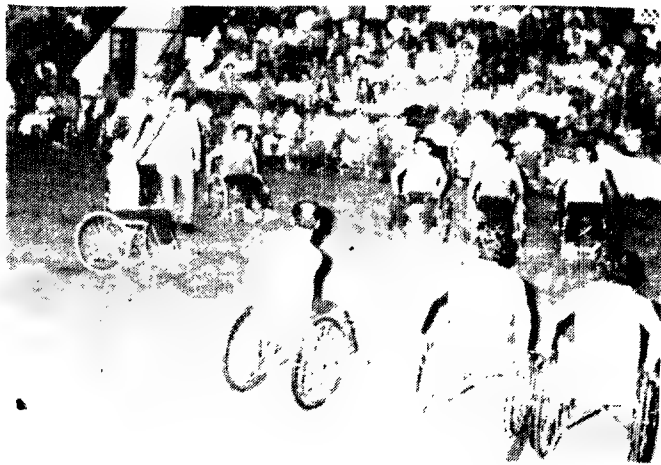
Eis um grande problema: aceitar que o mundo, a realidade concreta, é algo de dado, de existente independentemente do «sujeito», temos que aceitar também que, essa realidade concreta, esse mundo, é «feito» pelo indivíduo. Aceitemos, então, estas conclusões: a realidade concreta é a «matriz» em que o indivíduo, na sua acção prática, se inscreve. A forma de relação é levada a cabo pelos órgãos dos sentidos e pelos órgãos motores. São estes, na sua maior ou menor aptidão, na sua maior ou menor conexão, que vão ser os responsáveis pela construção do mundo... melhor, de dois mundos: um, aquele que existe independentemente do indivíduo, e onde ele se inscreve através da actividade psicomotriz; o outro, aquele que, por que vai construir no próprio indivíduo através do pensamento, é formado por imagens, ideias, que, digamos, são a «cópia» do mundo exterior. Ora, quanto maior for a cooperação existente entre os órgãos implicados numa apreensão imediata do real, maior será a riqueza do «mundo» interior do indivíduo. E, assim, mais possibilidades há na reconstrução do mundo exterior.

Percebemos, pelo que foi dito, que existe uma dinâmica, mais ou menos constante, entre o indivíduo e o meio, a realidade concreta. Essa dinâmica, como também ficou dito, varia de indivíduo para indivíduo, sendo essa variação, em certa medida, motivada pela maior ou menor cooperação dos órgãos imediatamente implicados na apreensão do real, e, consequentemente, afectando a recepção interior dos elementos. Isto dará origem, entre outras coisas, à deficiente saúde psíquica, que pode dar origem a muitas coisas.

Do indivíduo ao grupo — Ora, uma das coisas a que o deficiente estado psíquico pode dar origem, é a possibilidade de relação com os outros. Entenda-se «deficiente estado psíquico» numa acepção o mais flexível possível, já que nem sequer teríamos possibilidades de estabelecer um gráfico do estado psíquico, para construir um esquema mencionando as características do que é normal e do que não o é. Interessa-nos apenas fazer entender que este deficiente estado psíquico tem muito que ver na possibilidade de relação com os outros. Isto porque: se considerarmos fundamental para a realização do indivíduo, a realidade do exterior, estamos longe de considerar os outros indivíduos menos importantes nessa realização.

Portanto, será a maior identificação de ideias, existente entre os indivíduos, uma responsável pela organização em grupos. Para além dessa identidade de ideias, há o aspecto dos objectivos. As pessoas, os grupos mesmos, unem-se em grupos mais alargados quando os objectivos são coincidentes.

Dados os últimos elementos, podemos estabelecer três espécies de grupos, que são três estádios na via da identificação: o mais espontânea possível entre o maior número de indivíduos: aquele que se encontra virado para dentro de si mesmo; aquele que existe em si mesmo; e aquele que está virado



para fora de si. Sem querer estar com grandes definições, direi: o primeiro grupo é aquele que, estando à margem, tem um estatuto que não lhe permite ultrapassar as suas próprias fronteiras de grupo (essa marginalização pode ser consciente ou inconsciente, pode ser imposta de fora ou de dentro); o segundo grupo é aquele que, pelo facto de estar «dentro» da realidade social maior, mas porque o seu estatuto de grupo não tem em conta uma objectivação exterior ao próprio grupo, se mantém unido e actuante, embora em circuito fechado, podendo a todo o momento ultrapassar esse circuito e projectar-se para além de si; o terceiro grupo é aquele que existe projectado, que existe lançado, não se confinando dentro das suas próprias fronteiras.

Tudo isto é um bocado abs-

tracto, mas, com a continuação deste trabalho, há-de tornar-se claro o que me interessa tornar claro.

O que é ser deficiente — Para além da maior ou menor qualidade da relação indivíduo-mundo em pessoas normais, existe a mínima do «não normal». Isto é, se nas pessoas «normais» varia a qualidade da relação, quanto não variara no deficiente. Um cego, que não vê aquilo que o cerca, esta, à partida, profundamente afectado na sua relação, e, consequentemente, no efeito dela. Isto, sendo verdade, é normalmente o que é pensado pelos «normais». O mito está aqui: se um cego não vê, é porque vive nas trevas, não tem, ou tem minimamente, contacto com o real. Este pensamento não tem razão de existir, não há nada que o fundamente, pois, pelo facto de não haver vi-

são, não se pode pensar que a dicotomia indivíduo-realidade seja assim tão grande. Não quero dizer que ela não exista, ela existe, mas... estou convencido o seu fundamento é social e não operacional. Isto é, essa dicotomia resulta muito mais do abandono, da marginalização, da imensa carga de mitos, que caiu sobre, neste caso, o cego. Foi mais esse peso que a sociedade tem feito sentir sobre o deficiente que o impediu de reagir à sua deficiência. Pois, pelo facto de a cooperação entre os órgãos ter sido afectada, não quer dizer a sua morte. Todos os outros órgãos passam a cooperar mais activamente, superando a falta dos outros. Não que os outros órgãos aumentem o seu potencial, ele existe lá, não estando devidamente aproveitado. Assim, por exemplo, não se pode dizer que um cego ouça melhor que qualquer outra pessoa, o que ele terá é que aproveitar, qualitativamente, muito mais esse e outros órgãos.

Assim, não é tanto uma questão do apto e não apto, do deficiente e do não deficiente, isto traduz uma dicotomia que a sociedade sempre se encarregou de manter. Essa oposição traduz uma impossibilidade de dar lucro. À partida, um deficiente é um não apto, portanto incapacitado de produzir.

Como resultado da pesada carga social, como resultado da sua falta de iniciativa, o deficiente foi-se deixando ficar isolado, fechado dentro de si, sem contacto com os outros, já que não o tinha com o mundo exte-

rior. Essa falta de dinamismo, ainda que circular, essa falta de iniciativa, resulta, pois, da sua «incapacidade» de se relacionar com a realidade concreta. É claro que esta incapacidade tem muito mais a ver com a sua falta de iniciativa, falta de consciência de si do que da sua falta de um órgão importante.

O desporto — Desporto é actividade física, sendo actividade física e actividade psíquica. O desporto é o maior contacto com o real, portanto maior sanidade psíquica, maior possibilidade de socialização.

E, salvo raras excepções, o deficiente é apto para o desporto. No caso de um cego, para exemplo, ele poderá praticar: natação, futebol, atletismo, basquetebol, ciclismo e outros mais. Ora, que aconteceria se o deficiente praticasse desporto? Que aconteceria se lhe fossem dadas condições para sair da sua apatia? Muita coisa aconteceria, estou bem certo. Ele tomaria consciência de si, a sua sani-

dade psíquica, e física, seriam mais efectivas, e ele poderia projectar-se para além de si, para além do seu grupo, até aos outros indivíduos. De uma coisa o deficiente deve estar certo: não acredite quando lhe disserem que o vão integrar na sociedade, isso é puro jogo de palavras, ele, sim, ele é que terá que se alargar até aos outros.

A prática do desporto vai permitir ao deficiente ultrapassar a terrível separação entre ele, o não apto, e os outros, os aptos, os normais. Essa separação só tem razão de existir quando não for possível, ao deficiente, ultrapassar-se. Quando ele o conseguir, e a prática desportiva permitir-lhe-á isso, não terá mais razão de existir. E, se agora o deficiente não tem lugar nesta sociedade, lá virá o tempo em que o terá.

Comunicação apresentada ao 12.º Congresso Latino de Medicina Desportiva, realizado em Lisboa.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
CÓPIA DO EDITAL

O DOUTOR MANUEL NUNES FERREIRA, JUIZ DO DÉCIMO PRIMEIRO JUIZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA.

2.ª Publicação

Faz saber que pelo Décimo Primeiro Juízo, Primeira Secção, do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito Av. 1.ª Almirante Reis n.º 49 3.º, correu nos autos de acção ordinária, de Contrato Individual de Trabalho, registados sob o n.º 21.78 cujo valor é de SEISCENTOS E CINQUENTA E TRÊS MIL QUATROCENTOS E TRINTA E DOIS ESCUDOS correspondentes a diferenças salariais, subsídios de férias e 13.º mês de 1976 que MARIA HELENA SOUZA SILVA E OUTROS movem a SOCIEDADE NACIONAL DE CONFECÇÕES LDA, cujo última sede conhecida foi na Av. 1.ª da República, n.º 23, 2.º em Lisboa, citando aquela Re. para no prazo de 10 dias, findos que sejam os editos de TRINTA DIAS, querendo contestar a acção, sob pena de não o fazendo no referido prazo serem considerados como confessados os factos articulados pela autora, na sua petição inicial cujos duplicados se encontram na Secção à disposição da Ré.

E para constar se passou o presente edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares designados pela Lei.

Lisboa, 6 de Junho de 1979

O JUIZ

O ESCRIVÃO DE DIREITO

3.º JUÍZO
CORRECCIONAL
DA COMARCA
DE LISBOA

PROC.º 968/77
1.ª Secção

EDITAL

O Doutor Afonso de Melo
Juiz de Direito deste Juízo

Faz saber que no processo correccional n.º 968/77 pendente nesta comarca contra o réu Vasco Manuel Andrade Fragoso, filho de Carlos Fragoso e de Maria Alzira Andrade Tavares, natural da Freguesia de S. Miguel — Açores onde nasceu a 14.11.1942, casado, motorista e com última residência conhecida na Rua D. Fias Roupinho n.º 20, civ. dt.º, Lisboa, e o mesmo notificado para no prazo de 10 dias, com a dilatação de 30 dias, a contar da afixação deste Edital, contestar, querendo, a pedido Cível de 314 632500, deduzido nos termos do Artigo 67.º do Código da Estrada pelo autor Manuel Jorge Lopes Silva Santos, constante do duplicado que se encontra às ordens na Secretaria deste Juízo.

Para constar se passou o presente e outros que vão ser legalmente afixados.

Lisboa, 25 de Junho de 1979
O Juiz de Direito

1.ª AFONSO DE MELO

Pel' O Escrivão de Direito
a) Arnaldo dos Santos Madureira

COMUNICADO
DO TOTOBOLA
PAGAMENTO DOS PRÉMIOS
DO CONCURSO N.º 21

Conforme foi oportunamente noticiado, o Totobola suspendeu o pagamento dos dois únicos 1.ºs prémios do concurso n.º 21 desta época, por suspeita de atribuição indevida desses prémios — e de mais quatro 2.ºs — a um bilhete do Totobola de Moçambique. A investigação a que se procedeu, conjuntamente com as entidades moçambicanas, permitiu confirmar a irregularidade daquela atribuição, tendo sido excluídas do direito aos prémios as apostas constantes do referido bilhete.

Em consequência, este Departamento vem comunicar o seguinte:

1. Têm direito à repartição do 1.º prémio do Concurso n.º 21 as apostas com doze resultados certos, no total de dezoito.
2. A cada uma destas apostas cabe a importância total de 675 281\$60 tendo já sido processada a importância de 552 503\$10, há agora lugar ao processamento da diferença, no valor de 122 778\$50.
3. Têm direito à repartição do 2.º prémio as apostas com onze resultados certos.
4. Dado admitir-se que nem todas as apostas com onze resultados certos tivessem sido devidamente escrutinadas e ser praticamente impossível, em tal hipótese, a reclamação dos concorrentes prejudicados, vai efectuar-se um segundo escrutínio das matrizes daquele concurso.
5. Este segundo escrutínio realizar-se-á no próximo dia 4 de Julho, e os concorrentes com onze resultados certos serão avisados, nos termos regulamentares.
6. A partir da data referida no n.º anterior, começa a correr o prazo das reclamações dos 2.ºs prémios do concurso, que terminará em 24 deste mês.
7. Só depois de corrido esse prazo serão enviadas as ordens de pagamento dos 2.ºs prémios e das diferenças do valor dos 1.ºs prémios.

Lisboa, 2 de Julho de 1979

DEPARTAMENTO DE APOSTAS MÚTUAS DESPORTIVAS

PUB.



**sindicato dos trabalhadores
da função pública da zona sul**

SUSPENSÃO A GREVE DOS TRABALHADORES
DA CONTABILIDADE PÚBLICA

No seguimento do pré-aviso de greve enviado no passado dia 27 de Junho ao abrigo dos artigos 2.º, 3.º e 5.º da Lei 65/77 de 26 de Agosto, para os trabalhadores da Direcção Geral da Contabilidade Pública, e dado que ficou garantido hoje, dia 2, por parte do Sr. Director Geral da Contabilidade Pública, a entrega do projecto de diploma da reestruturação de carreiras daqueles trabalhadores e utilizando a prática responsável que sempre tem norteado a actuação desta Direcção Sindical, Informa-se que fica suspensa a greve que deveria ter lugar amanhã, dia 3 de Julho.

Lisboa, 2 de Julho de 1979

NOVOS LIVROS

"Igreja: quem a confessa?"

de Manuel Dias

«A Igreja, aqui e agora, transformou-se num ponto verdadeiramente quente. As posições assumidas pela hierarquia, antes e depois do 25 de Abril, começaram, na verdade, a ser frontalmente debatidas no próprio seio da Igreja, e de tal forma as vozes das contestatárias ganharam volume que passaram a repercutir-se na opinião pública», diz o autor, numa nota introdutória.

Trata-se dum trabalho muito breve, de tipo jornalístico. Aliás, o autor é jornalista, no «Jornal de Notícias», e o livro apenas reproduz uma série de escritos que ali foram oportunamente publicados. Daí talvez a expectativa criada pelo título (sugestivo, certamente) e pelas palavras de introdução, não encontre grande correspondência na leitura que depois se proporciona.

Fala-se aqui do debate actual no âmbito da Igreja, de algumas das suas cúpulas, com inevitável distinção entre, sumariamente, uma atitude conservadora e fechada e outra aberta, dialogante.

e progressista; entrevista-se o arcebispo de Braga e o bispo de Setúbal e faz-se o levantamento dum caso de crendice numa localidade do distrito de Aveiro: Tropeço do Concelho de Arouca.

Os comentários sobre o debate interno da Igreja como reportagem sobre este «caso» (para não referirmos as entrevistas, porque aí o autor mais não podia fazer do que recolher as respostas dos entrevistados) fica a impressão de que não se foi demasiado longe nem demasiado fundo na abordagem das questões. A preocupação económica — o objectivo de sintetizar, de dizer tudo, muito, em poucas palavras, dizer o fundamental, evitar o supérfluo —, que se impôs em função do jornal deveria talvez ser repensada quando se tratou de organizar o livro.

Naturalmente, não se lê um livro como se lê um jornal: há outra atenção, outra detenção. Outra exigência.

L.M.R.

"CANTOS DE SILÊNCIO",

de Helga Moreira

«Contos de Silêncio», uma colectânea de poemas de Helga Moreira é daqueles livros sobre os quais uma leitura, por mais esforçada e empenhada em descobrir motivos de interesse, não tem grande coisa a dizer. Trata-se de peças feitas sem grandes artifícios construtivos. Mas a ausência disso não é muito significativa: a simplicidade, em poesia, não é expressiva só por si.

Estes poemas versam os temas mais correntes e comuns na imensa tradição do lirismo, e isso exigira desde logo todo um labor no sentido de uma mínima originalidade, de uma mínima diferença. No caso, a falta desse labor não tem compensação.

Dois poemas, ao acaso: «Passei o dia todo assim: a desnudar silêncios encantos revol-

tas tormentos. De dentro para dentro de mim» (p.14); «Olhei-te com rigor/anoitecia// Com rigor as palavras nasceram/ nesse dia» (p. 32).

O acaso da escolha não é muito favorável, e é talvez injusto. Há em muitas outras peças atractivos assinaláveis. Luís Veiga Leitão, numa nota a apresentar, fala de «uma estrutura de contenção e rigor, avessa ao derrame emotivo». Mais: «o verso curto, a composição breve, o poema legenda, ilustram e confirmam a suspeita e a escolha de forma».

As imagens e as metáforas são quase sempre fracas. Mas é visível certo esforço no sentido da clareza expressiva. Pouco, mas alguma coisa, temos de convir.

L.M.R.

ROTEIRO CULTURAL

Já temos dito muitas vezes que o País «adormece» culturalmente às segundas-feiras para recordar lá para o meio da semana e que este sono tende a prolongar-se à medida que o bom tempo se aproxima e que as pessoas começam a aproveitar os seus tempos livres para apanhar sol. Esta semana não constitui excepção à regra — antes pelo contrário. Não estão previstas para hoje estreias, inaugurações ou acontecimentos culturais de grande interesse, embora, esta regra tenha, como não podia deixar de ter, uma excepção.

Parece-nos, porém, que os leitores deste Roteiro tem muito que fazer hoje, já que podem aproveitar esta «pausa» para verem algumas das muitas coisas que, certamente, deixaram ficar para trás nestes últimos dias que tão férteis foram em festas e folguedos.

Comecemos, porém, pelo que está marcado para hoje. A excepção a que acima nos referimos é o «ballet» «A Bela Adormecida» em cena hoje e amanhã no Teatro Nacional de S. Carlos. Trata-se de um grande espectáculo, em 1 prólogo e 3 actos, que os leitores deste Roteiro interessados em «ballet» não quere-

rão perder (música de Tchaikovsky, coreografia de Alicia Alonso). Acrescentamos que este «ballet» é interpretado pelo antigo e prestigiado «Ballet de l'Opera de Paris».

No sector das belas-
-artes, há muita coisa a ver e só quem, realmente, andar afastado do mundo da cultura é que deixará passar os próximos dias sem visitar a notabilíssima exposição de Escada na Galeria S. Mamede. Depois de uma ausência de dois anos, este pintor regressou à vida, revelando-se mais rico do que nunca e, sobretudo, mais «pintor» (dizemos «mais pintor» e não «mais filsofante com pinceis», mais teórico, ou mais literário) o que nos agrada registar. Chamamos a atenção de todos para esta exposição que, em nosso entender, ninguém deverá perder e estamos certos de que os nossos leitores que a visitarem agradecerão este conselho.

Termina no dia 15 a exposição de aquarelas de Mário de Oliveira na Galeria de «O País». Esta exposição foi um êxito e todos a deverão visitar, tanto mais que vai ser difícil voltar a ver a grande maioria das aquarelas expostas (já

foram vendidas mais de 20) que, a partir do dia 15, farão parte de colecções particulares. Antes de expor na galeria de «O País», Mário de Oliveira expôs em Badajoz, onde a sua obra foi invulgarmente bem recebida pelo público e pela crítica. A Galeria de «O País» fica à entrada da Rua da Rosa, mesmo ao pé da Rua da Escola Politécnica.

Outra exposição que termina este mês (no dia 7, para sermos mais precisos) é a de Boavida Amaro, na Galeria de Arte Moderna da SNBA. (Rua Barata Salgueiro, 36). Natural do Ladoeiro, este artista estudou gravura com Alice Jorge, Carmen Grácio e Hogan e serigrafia com o pintor belga Dacos.

Elsa, Cristina Paula, Isabel Sabino e Maria de Oliveira expõem, a partir de hoje, na Galeria de Arte Moderna da SNBA. Trata-se de uma exposição a não perder.

Em Coimbra, é hoje inaugurada uma exposição sobre as actividades do Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC) no átrio do Gil Vicente. Com esta exposição abrem as «I.ªs Jornadas de Cultura Popular» em que se

integram várias actividades de interesse, como é o caso do colóquio sobre cultura popular que tem lugar amanhã, pelas 21.30, nas instalações da Academia, e espectáculos de música e de canções previstos para os próximos dias.

Prosseguem as suas carreiras algumas peças de que já temos falado, mas que nem todos os leitores deste Roteiro já viram. Estão neste caso «Corpo-Delito na Sala de Espelhos», de José Cardoso Pires, em cena no Teatro Aberto; «D. João VI», de Helder Costa, na «Barraca»; «A Noite», de José Saramago, na Academia Almadaense e «Faztudo, Faztudo, Faztudo» na Casa da Comédia. Todas estas peças tem a qualidade que os leitores deste Roteiro certamente exigem para se deslocarem ao teatro e não há dúvida de que todos lucrarão em vê-las. Acrescentamos, a título de informação adicional, que a peça em cena no Teatro Aberto deverá terminar a sua carreira no dia 8, por estar previsto, para essa data, o início do período de férias anual da companhia. Restam, portanto, poucos dias que os leitores do Roteiro Cultural do «DL» farão bem em aproveitar.

rádio

1.º Programa

17.00 «Trajectória» (Programa da juventude); 19.00 Música Portuguesa; 19.30 «Jornal da Noite»; 20.00 Retrospectiva; 20.30 Poemas e poemas por Herminia Tojal, 20.45 15 minutos com...; 21.00 8.º Episódio do Folhetim «A posada sexta-feira», de Alan Burgess numa adaptação de Judite Navarro; 21.20 Música Variada; 23.00 «Programa da Noite»; 24.00 «Último Jornal».

2.º Programa

17.30 Música de Chopin: Prelúdios op. 28 (n.ºs 1 a 15); 18.00 Música Portuguesa em loco; 19.00 «Terra viva» (pianeta azul); 19.30 A Cravista Wanda Landowska; 20.00 Ciclo Haydn: Abertura «L'incontro improvviso» — Grande Missa de órgão do ano de 1766, em re bemol maior; — Sinfonia n.º 96, em re maior «Milagre»; 21.20 Música de Câmara — Rondó para harmonica de vidro, dois violinos, viola, violoncelo e contra-baixo de Reichardt; 21.30 Aspectos da Moderna Música Espanhola; 22.30 «O Gosto pela Música», pelo Dr. João de Freitas Branco; 23.00 «Inter-câmbio musical»: Concertos de sexta-feira da radiodifusão holandesa, em gravações cedidas pela NOS Radiodifusão Holandesa; A Orquestra da Rádio (NOS) sob a direcção de Garcia Navarro; 1.ª Parte: — «Haroldo em Itália», sinfonia com um violão principal op. 16, de Berlioz; Intervalo: Canções populares pelo tenor Wilfred Brown, acompanhado a guitarra por John Williams; 2.ª Parte: — Sinfonia de Tristan Keuris — Suite do bailado «O Passaro do Fogo» de Stravinsky; 01.00 Fecho.

Rádio Comercial (290 m)

17.03 Contacto; 17.40 «Contacto com a música»; 18.45 «O Mundo da Fórmula 1»; 19.45 «Teatro Trágico» (com. Paroquianos de Lisboa); 20.00 Quando o telefone toca; 20.33 Cartaz; 21.00 Novas de Alegria; 21.33 Quando o telefone toca; 22.33 O tema é...; 23.00 Projectação.

Emissão Estereofónica

15.03 Rock em Stock; 18.03 Hora de Ponta; 19.00 Em Órbita; 21.03 Fórum.

Rádio Renascença

18.08 Apelos; 18.15 Igreja em Notícia-Palavra do dia; 18.30 Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito; 19.00 Programa da Liga dos Amigos de R.R.; 20.00 Objectivo; 20.54 Apelos; 21.05 Espaço musical; 21.30 Ao Encontro da Grande Música; 22.00 Quando o telefone toca; 22.30 Temas vivos; 23.30 Dicionário de Economia; 23.55 Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 12 375

HORIZONTAIS

1. Pessoa bondosa (fig.) Cabelos
2. Escudeiro. Cidade do Egipto
3. Grandes. Nome de fruto
4. Preparação e artigo. Vou em socorro de alguém. Clima
5. Corda de espanto. Entre os filipinos a divindade
6. Utensílios domésticos. Carta de jogar. Ruido
7. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Proposição. Aqui
8. Transpirar. Peso turco, cerca de um quilo. Bromo (s.g.)
9. Dançar. o samba
10. Ruins. Juça
11. Que tem ramos. Abreviatura de Santíssima

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

HORIZONTAIS

1. Arquipélago inglês do Atlântico, ao n. das grandes Antilhas onde Cristóvão Colombo aportou quando descobriu o Novo Mundo. Mestiço chinês em Timor
2. O mesmo que amouraras
3. Serra de Portugal. Misturara
4. Reino da Federação Indochinesa. Prisar no mar (o avião)
5. Da massagens a.
6. Cidade da Galileia. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais
7. Ilha de coral que forma um anel (mais ou menos contínuo. Sódio (s.g.) Atomo.
8. Com de Itália. Cabelos brancos. Rum
9. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Rio de França. Suíço que designa estado
10. Cipó. Limalha
11. Cursos de água naturais e abundantes. O mesmo que uma (ant. e pop.). Antes do meio dia

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 374

HORIZONTAIS:

1. Cafre. Morla.
2. Amas. A Saos
3. Noz. Dam. Sra
4. Sr. Tolas. Cr
5. Aarau. Tarai
6. Urrai
7. Seda. Zara
8. Melodia. Oro.
9. Aca. Aar. Ser.
10. Rosa. In
11. Es. Ru. UNIÃO.

VERTICAIS:

1. Canas. Maré
2. Amora. Secos
3. FAZ. Ruelas
4. Rs. Tardo. Ar
5. Dourada.
6. Aal. A. las
7. Matizar
8. Os. Sa. In
9. Ras. Raros
10. FORÇA. Areia.
11. Asaria. Orno

Provérbio: A UNIÃO FAZ A FORÇA.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8 435

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

VERTICAIS

1. Retribuem. Artigo definido. Mulo
2. Metal precioso de cor amarela. Meia curta para homem
3. Macere. Murada. Cidade da antiga Caldeia.
4. Sádios. Nome de flor
5. Antes de Cristo. Crómio (s.g.). Toleramos
6. Chalças (fig.). Grande desordem
7. Soldado. Sino pequeno
8. Apologia. Paga. Bismuto (s.g.)
9. Cauda. Bondosos
10. Fecharam as asas para descer mais depressa. Arterias

VERTICAIS

1. Deus supremo da religião ienica. Forma hebraica, na Bíblia, do nome de Babilónia.
2. Planta de amieros. Atração
3. Gorgulho tropical. Filtra. Nesse lugar
4. Madelais. Que tem predilecção pelos bosques e florestas
5. Clima. Prefixo de privação. Sádias
6. Cidade de Espanha.
7. Montão. Cidade da Suíça
8. Dinheiro (fig.). A pá para levantar a terra cavada.
9. Guarneceras de asas.
10. Batráquio. Cidade do México.
11. Amachuacaram.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 434

HORIZONTAIS:

1. Arca. Acaro
2. Cora. Catara
3. Carmona. Am
4. MIV. Acero
5. Umas. Orar
6. Rasoira
7. Isar. Ps.
8. Camaia. Gr
9. Al. Ul. Anas
10. Ga. Polaca
11. Cassa. Asara

VERTICAIS:

1. AC. Mu. lça.
2. Rogin. Salga
3. Cravaram. As
4. Aar. Sarau
5. Me. Ripa
6. A. O. O.
7. Canário. Ala
8. Atacar. Gras
9. Ra. Eca. Rica
10. Orar. Aar
11. Amorous

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO
ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava limpo ou pouco nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	23°
BRAGANÇA	15°
VILA REAL	17°
PORTO	20°
P. DOURADAS	14°
COIMBRA	20°
CABO CARVOEIRO	—
PORTALEGRE	22°
LISBOA	20°
ÉVORA	20°
SINES	18°
BEJA	21°
SAGRES	—
FARO	21°
PONTA DELGADA	19°
FUNCHAL	19°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
9.17 3,1 m	2.36 1,6 m
21.39 3,1 m	15.03 1,7 m
Dia 4	
10.22 3,2 m	3.43 1,6 m
22.48 3,2 m	16.12 1,7 m
Dia 5	
11.26 3,3 m	4.45 1,5 m
23.51 3,3 m	17.14 1,5 m

PREVISÃO DO TEMPO
ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu limpo nas regiões de norte e centro temporariamente muito nublado nas regiões do sul, vento fraco soprando de norte à tarde e começo da noite no litoral oeste a sul do Cabo Mondego, neblinas matinais nas regiões do sul.



NASCE ÀS 6.16
OCASO ÀS 21.05

DIA 9	DIA 16	DIA 24	DIA 1
-------	--------	--------	-------

Lisboa

PERMANENTE

SANTO AMARO - Rua Filinto Elísio 29 A-B. Tel. 637070; **BARRETO** - Rua do Loreto 30. Tel. 327284; **PINHEIRO** - Rua Campo de Ourique 135. Tel. 686640; **NOVA** - Rua de Campolide 297-C. Tel. 687475; **AVIS** - Av. Roma 56 B-C. Tel. 895370; **MORGADO LOURENÇO** - Lg. D. Estefânia 4-5. Tel. 554908; **FERNANDES BORGES** - Rua Cidade Benguela Lt. 300. Tel. 311091; **HIGIENICA** - Rua Heliodoro Salgado 20-A. Tel. 844361; **VIEIRA BORGES** - Rua Alexandre Herculano 28-30. Tel. 40536; **COMBATENTES** - Av. Comb. Grande Guerra 166. Tel. 2104953; **TAVARES DE MATOS** - Rua 8 Lote 308; **LEITÃO** - Rua Guilherme G. Fernandes 62. Tel. 910051.

REFORÇO

BRISÁLIA - Av. Rio de Janeiro 66-66-A. Tel. 882368; **FATIMA** - Av. 5 de Outubro 147-A. Tel. 763107; **SIRIUS** - Rua Fialho de Almeida 38-A. Tel. 44000; **SILVA CARVALHO** - Rua dos Fanqueiros 126. Tel. 873875; **BOM SUCESSO** - Rua Bartolomeu Dias 63-A. Tel. 611454; **REBOCHO** - Rua Ten. Cor. Ribeiro dos Reis 12-B. Tel. 743871; **NUNES** - Rua Ângela Pinto 32 B-C. Tel. 549756; **S. NUNES SIMÕES** - Rua do Quelhas 1-3. Tel. 661275; **ALAMEDA** - Alm. Linhas Torres 201 B. Tel. 790942; **MARLUZ** - Cç. da Picheleira 140 B-C. Tel. 880703; **VAZ MARTINS** - Rua António Ferro 6-A. Tel. 970660; **NOVA** - Rua Açores 11 A. Tel. 910305; **CRUZ CORREIA** - Est. Santo Elói 41-A. Tel. 992453; **MATOS** - Tv. Pnoras (Viv. Morgadinho). Tel. 2519939.

Outra Banda

ALMADA - Castro Rodrigues - R. Capitão Leão, 21-A. Tel. 2750076; **COVA DA PIEDADE** - Atlântico - Av. Rainha D. Leonor, 45-A. Tel. 2764466; **LARANJEIRO** - Feijó - R. Borges Rego, 7. Tel. 2490911; **COSTA DA CAPARICA** - Carlos - Av. do Mar, 34-A-Quinta de St.º António, SESIMBRA - Lopes - R. Cândido dos Reis, 21. Tel. 2233028; **BARREIRO** - Normal - Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel. 2073035); **AMORA** - Matos Lopes - R. 1.º de Maio, Lote 401 (Tel. 2216355); **SEIXAL** - Godinho - L. da Igreja, 51. Tel. 2218580; **MONTJO** - S. Pedro - Av. Camões, 16 (Tel. 2311153); **MOITA** - Silva Rocha - P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS** - Portugal - Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE** - Nunes - L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

Linha de Cascais

ALCABIDECHÉ - Carvalho - Até às 21 horas; **PORTO SALVO** - Ferreira Bastos - Até às 21 horas; **CARCAVE** -

LOS - Central - Até às 22 horas; **Vilar** - Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira - Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS** - Godinho - Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS** - Mourão Vaz, Ld. - Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS** - Leal - Até às 24 horas e das 0 às 9 horas; **PARADE** - Macau - R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PARADE** - Junqueiro-Mendes - Até às 21 horas; **AMOREIRA** - Amoreira - (Tel. 262313-267314) Até às 22 horas; **ES-TORIL** - Parque - Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CASCAIS** - Misericórdia - R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141) Até às 21 horas; **R. Conde Monte Real** - B.º Caxias (Tel. 282407) Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA - Confiança - Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149) Permanente; **Jardim** - Av. Conde Oeiras, 120 - Reboreira (Tel. 938424) Até às 22 horas; **DAMAIA** - Confiança - R. D. Maria II, Lote D (Tel. 9710231); **QUELUZ** - Zeller - R. da República, 83 (Tel. 950045); **CAMARATE** - Bata-lha - R. Avelino S. Oliv.º 5 (Tel. 2518669); **CACÉM** - Araújo e Sá - Est. de Paço de Arcos, Lote - B (Tel. 2940781); **MEM MARTINS** - Miranda Garcia - Est. Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103) Permanente; **AGUALVA-CACÉM** - Mira Sintra - P. N. Torre, 310 - Até às 20.30 horas; **MERCÊS** - Claro Russo - Até às 21 horas; **RIO DE MOURO** - Riomouro - Av. Oscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194) Até às 23 horas; **SINTRA** - Gomes da Silva - (Portela permanente); **COLARES** - Abreja - (Tel. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)
NAU VITÓRIA - Rua Nau Vitória 723. Telef. 490427; **ORDEM DA TRIN-DADE** - Rua Heróis e Mártires de An-gola, T. 27420; **CONFIANÇA** - Rua de Santa Catarina, 960. T. 22884; **ANTAS** - Av. Fernão de Magalhães, 1076. T. 481158; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL** - Campo Mártires da Pátria, 122 T. 24262; **FERREIRA** - Praça D. Afonso V, 55-B T. 681975; **LOUSADA** - Largo do Campo Lindo, 62. T. 480353.

(De dia e toda a noite)
ALVES DA SILVA - Av. da Boavista, 1016. T. 60342; **AZEVEDO** - Rua de Azevedo, 136. T. 52344; **GOMES FERREIRA** - Rua Faria Guimarães, 449. T. 481907; **FALCÃO** - Rua de Santo Ildefonso, 61. T. 21566

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)
BAPTISTA - Praça da República, 9-10. T. 23747; **RAINHA SANTA** - Rua Fi-gueira da Foz, 11-B. T. 24737.

abCINE

803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A - 18 anos
14.45, 17.15, 21.45
EQUUS
As 24 horas
BANANAS
SALA B - 13 anos
15, 17, 19, 21.45, 24
UM AMOR EM NEW YORK

ALVALADE

897480

Av. de Roma

As 15.00, 18.15 e 21.30
N. ac. men 13 a
DESTINOS CRUZADOS
c/ Dharmendra, Sanjeev Kumar
e Hema Malini
2.ª semana

APOLO

763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30
e 21.30 h
O CEU PODE ESPERAR
Não acons. men 13 anos
Hoje e todos os dias às 23.30
Não acons. men 13 anos
A HISTÓRIA DE FERNÃO
CAPELO GAIVOTA

AVIS

547163

Av. Duque D'Ávila, 45

15.30 18.30 e 21.30 h
Não acons. men 13 anos
Os Demónios das Artes Marciais!
OS MELHORES KUNG-FU DE SHA-OLIN
Com Huang Chia-fu - Ku Lung

BERNA

776098

Av. Marquês de Tomar

Sessões às 14.00 16.30 19.00 21.30
JOHN THAW DENNIS WATERMAN
DIANE KEEN em
"SWEENEY"
- Detective em acção -
Um filme de DAVID WICKES
Technicolor
Não acons. a men de 18 anos

CALEIDOSCÓPIO

795093

Campo Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men 13 anos
um filme de Randal Kleiser - colondo
GREASE
(Brilhantina)

CASITIL

580194

Rua Castilho

As 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men 18 anos
Premiado com 2 "Oscars"
4 Globos de ouro
A obra-prima de terror volta novamente
ao "ecran"
O EXORCISTA
Com Ellen Burstyn, Linda Blair, Mak
Von Sydow

CINEBOLSO

573407

Rua Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
ORGAS LOUCAS
Int. men 18 anos
Pornográfico
As 24 h - N. ac. men. 18 anos
JOGO DUPLO

CINE CAMÕES

324194

Rua do Loreto, 15

14.15, 16.30 e 21.30
O MURRO ATÓMICO
Um filme de Marcello Fondato
Com Bud Spencer, Hebert Lon, James
Coco
Class. Não acons. a men 13 anos

CITY CINE

549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

As 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
DUELO NO MISSOURI
Um filme de Arthur Penn
com Marlon Brando, Jack Nicholson
As 23.45 h
O HOMEM DA MARATONA

CONDES

322523

Av. da Liberdade, 2

As 14.00 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. men 18 a.
Um acontecimento cinematográfico!
NOSFERATU
O FANTASMA DA NOITE
c/ Klaus Kinski
Realização de Werner Herzog
Filme de qualidade

DOIS MIL

2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Alges

15.30 e 21.30 h.
GREASE
Não acons. men 13 anos

D. JOÃO V

971794

Praça Centro Comercial - Damaia

As 21.15 horas
Não acons. men 13 anos
OS 39 DEGRAUS
Policial

EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21

14 16.30 19 e 21.30 h
Patrick Wayne, Doug McClure, Sarah
Douglas
O 7.º CONTINENTE
Colorido
Não acons. men 13 anos
Hoje estreia às 21.30

ESTUDIO

555134/5

Av. Afonso Henriques, 35

As 15.30 18.30, 21.30
Não acons. men 13 anos
Enrico Maria Salerno, Renato Salvatori
em
ERA NOITE EM ROMA
Um dos filmes mais importantes de
Roberto Rossellini

ESTUDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves, 83

15.30 18.30 e 21.30h
Não acons. men. 13 anos
a grande comédia de Louis de Funes
NUMA ÁRVORE EMPOLEIRADO
Com Geraldine Chaplin

EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35

As 21.30 horas
Não acons. men 18 anos
Os grandes senhores da aventura
DOIS HOMENS E UM DESTINO
Paul Newman e Robert Redford
Amanha às 18.15
Não acons. men 18 anos
TEMPO DE MASSACRE
Franco Nero, George Hilton

IMPERIO

555134-5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 21.30
Não acons. men. 18 anos
O maior espectáculo jamais filmado!
Foi só uma pequena farsa e a noite
ardeu num abrasador "suspense"
A TORRE DO INFERNO

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
UM CASAMENTO
c/Vittorio Gassman-Mia Farrow
5.ª Semana

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha

3 sessões, 15.15, 18.15, 21.30 Horas
não acons. men. 13 anos
Em homenagem a John Wayne
Um filme de Hal Wallis
O XERIFE
John Wayne e Katharine Hepburn

MONTECARLO

Tel. 681117

A. Pedro Alvares Cabral, 37

As 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
A SENTINELA
2.ª semana
um filme de Michael Winner
com Cristina Raines, Chris Sarandon
Martin Balsan e Ava Gardner
Av. Alvares Cabral 35 entre a Estrela
e o Rato

MUNDIAL

538743

R. Martens Ferrão, 12-A

15.15 18.30 e 21.30h
Hoje estreia às 21.30
O NOSSO AMOR DE ONTEM
2.ª "Oscars" da Academia
Barbra Streisand, Robert Redford
Não acons. men. 13 anos

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
LED ZEPPELIN
num concerto ao vivo em
ROCK É ROCK MESMO
ATENÇÃO: O filme começará a ser
projectado logo no início das sessões
Em 3.ª Semana

NOVOCINE

840678

Av. General Roçadas, 7

15.15, 21.30
Interdito men. 18 anos
A mais tenebrosa aventura
O ÚLTIMO COMBOIO DA NOITE
Com Flávio Bucci e Macha Meril
Contém cenas eventualmente chocan-
tes

ODEON

326283-4

R. Condes, 12 a 20

15.15 18.15 e 21.30 h
Int. men 18 a
EMMANUELLE
A mais longa carícia do cinema francês
Contém cenas eventualmente chocan-
tes

PATHÉ

821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
Não acons. men. 13 anos
NUMA ÁRVORE EMPOLEIRADO
Com Luis de Funes

POLITEAMA

326305

R. Portas de St.º Antão

14.15, 16.30, 19, 21.30
Não acons. men 18 anos
CIDADE VIOLENTA
c/ Telly Savalas e Jill Ireland

QUARTETO

771378

R. Flores do Lima, 16

SALA 1
As 15.17 19.21 e 23h
UM DIA EM NEW YORK
(6 anos)
Real: Stanley Donen
SALA 2
As 14.30 16.45 19.21 15.23.30
JONAS
Int. men 13 anos
Realiz: Alain Tanner
SALA 3
As 15.17 19.21 e 23h
O DISFARCE
Não acons. men 18 anos
Realiz: Sandor Pal
SALA 4
As 15.17 19.21 e 23h
DR. ESTRANHO AMOR
Não acons. men 13 anos
Realiz: Stanley Kubrick

RESTELO

610375

Av. Torre de Belém

15.30, 21.30
Interdito men. 18 anos
Em 4.ª semana
O ÚLTIMO COMBATE
DE BRUCE LEE
Um filme de empolgante acção!

ROMA

887778

Av. de Roma, Lote JRB

Int. men 13 anos
15.30, 18.30, 21.30
Homenagem a John Wayne
O ATIRADOR
Com James Stewart e Lauren Bacall
A legenda do mais temível pistoleiro do
Oeste!
2.ª semana

ROXY

548560

Av. Almirante Reis, 20

Ti Lung, Lily Li, Lo Lih
em
MAGIA NEGRA
Um filme de Ho Meng-Hua
Colorido
Não acons. men. 18 anos
14 15 16.30 18.45 e 21.30h

SÃO JORGE

579144-579344

Av. da Liberdade, 175

As 15.15, 18.30 e 21.30
Ciclo Grandes Realizadores
IPHIGENIA
de Michael Cacoyannis
Um drama actual, com 2500 anos
Int. men 13 anos

SATÉLITE

562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Atenção ao horário especial para este
programa
As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Int. men 13 anos
FILME DE QUALIDADE
A COLINA MALDITA
Projectação do filme 5 minutos após o
início das sessões

STAR

804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Int. men 13 anos
As 14.30, 17.30, 21.30
OS NOVOS MONSTROS
com Vittorio Gassman, Ornella Muti,
Alberto Sordi e Ugo Tognazzi

TERMINAL

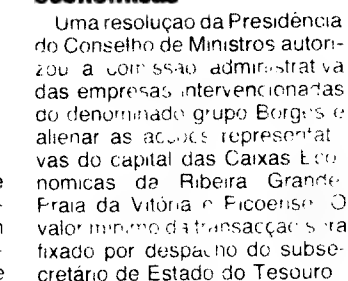
371573

Estação do Rossio

11 13 15 17 19 21.30 e 23.30 h
e 23.30
Int. men 18 a
OS TRÊS AMIGOS
A historia de 3 amigos inseparáveis
que viveram a incerteza, a amizade e o
amor
Jan-Michael Vincent, William Katt,
Gary Busey

TIVOLI

570595



Irão: OS PARTIDOS RELEGIOSOS.

EUA: Díficeis relações com o México.

Zimbabwe: A história de uma grande civilização africana.

Petróleo: As dificuldades da CEE.

A DEFESA DOS INTERESSES AMERICANOS

Le Monde

Uma primeira reunião, consagrada à criação de uma força especial de intervenção, foi organizada no dia 21 de Junho, na Casa Branca, na presença de Cyrus Vance, secretário de Estado, Brzezinski, conselheiro do presidente Carter para as questões de segurança, e Harold Brown, secretário para a Defesa. Uma segunda sessão de trabalho realizou-se no dia 22, e no fim dela, o general Rogers, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, mostrou as linhas gerais do projecto.

Tratar-se-ia de uma força de uns cem mil homens que actualmente pertencem a unidades exteriores à NATO. Estas tropas ficariam estacionadas nos seus aquartelamentos habituais, mas seriam imediatamente mobilizáveis no caso da sua intervenção ser necessária.

ções para o seu abastecimento em petróleo, e dois terços dessas importações provêm do golfo Pérsico. Ora os acontecimentos do Irão privaram Washington de mais de um milhão de barris de petróleo bruto por dia — o que não é considerável em relação ao consumo americano —, mas, sobretudo, de um apoio económico e diplomático muito precioso nessa região do mundo. E isto no momento em que a União Soviética reforça a sua presença militar no golfo, melhora as suas relações com a Arábia Saudita, e pode também vir a conhecer, num futuro próximo, dificuldades de abastecimento.

Carter devia corrigir a impressão muito negativa que provocaram na opinião pública americana e nos seus aliados as hesitações e incertezas da sua política no que diz respeito ao regime do xá. Depois de ter dado a impressão de que substituíra consideravelmente a importância da vaga antiocidental que varria o Irão, a Casa Branca quis provavelmente, com a dramatização que com-



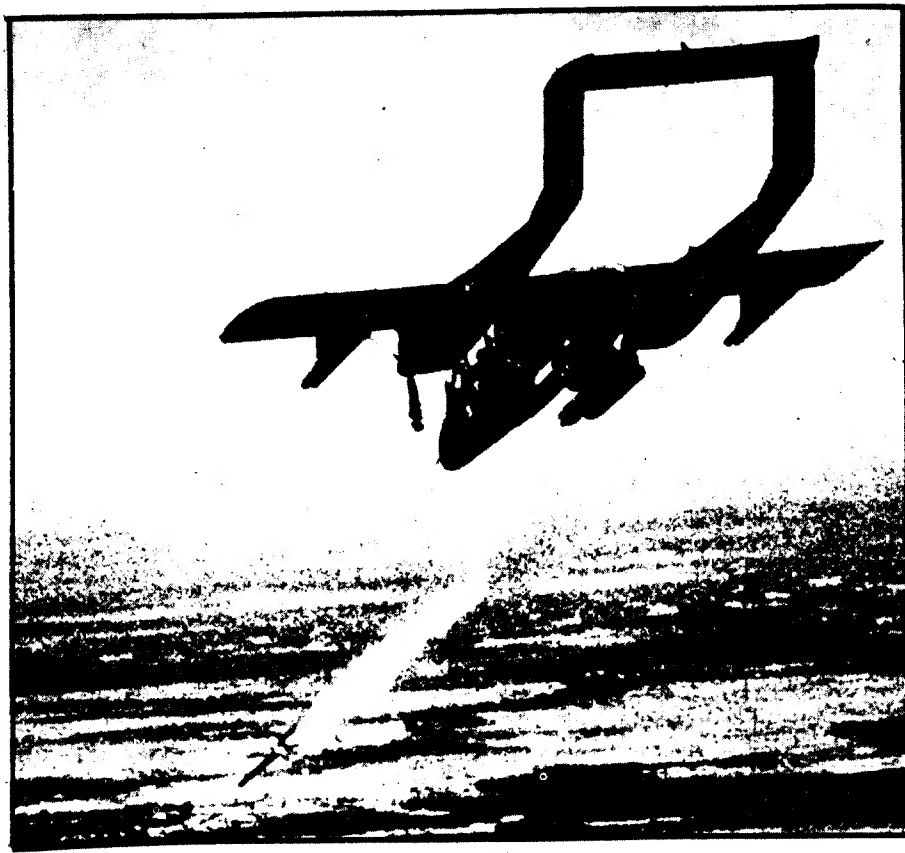
Uma força de intervenção no terceiro mundo

Estas forças reagrupadas num «corpo unilateral» — termo escolhido por Washington — compreenderia elementos das três armas: terra, mar e ar, e seriam organizados de modo a dispor de uma autonomia total de sessenta dias.

Do lado oficial insiste-se no facto de o «corpo unilateral» só ganhar os teatros de operações com finalidades precisas e imediatas. De momento não se trata de encarar a hipótese de criar novas bases americanas perto dos «pontos quentes» do globo.

Para mais, essas tropas especiais podiam intervir onde quer que fosse, no Terceiro Mundo, o que exclui a hipótese de serem destinadas ao Próximo Oriente nem de constituírem um reforço do dispositivo de defesa atlântico.

Parece, no entanto, que terão sido acima de tudo as ameaças que pesam no abastecimento dos Estados Unidos em petróleo, o que levou Washington a encarar uma tal força. Os Estados Unidos dependem em mais de 45% das importa-



porta a criação de uma força militar de intervenção, mostrar que tomava a sério, e talvez amanhã a trágica, as ameaças que pesam no abastecimento dos Estados Unidos em petróleo.

Mas também que quer conseguir os meios necessários para proteger os interesses americanos, um pouco por todo o Terceiro Mundo: a passividade de Washington perante a infiltração soviética e cubana em África, por exemplo, começava a suscitar nos Estados Unidos e em numerosas capitais ocidentais, preocupações que Carter, a um ano e meio das eleições presidenciais, já não podia negligenciar. Depois da assinatura dos acordos SALT 2 com a União Soviética, acordos cuja ratificação parlamentar põem sérios problemas a Washington, ele julgava igualmente necessário mostrar determinação.

Os acontecimentos da Nicarágua também vêm ilustrar os perigos apresentados pelas hesitações políticas de Was-

hington. A criação dessa força de intervenção especial, podia pôr um ponto final àquilo a que pôde chamar-se a «doutrina Nixon» em matéria de defesa americana. A experiência dos últimos anos ensinou aos dirigentes americanos que o sistema precedente, baseado em alianças com regimes por vezes ditatoriais, mas considerados fortes e susceptíveis de fazer o papel de «policia» na região do mundo em que se encontram, e isso com o concurso e por conta de Washington, já não davam garantias suficientes. Para mais, isso estava em contradição flagrante com as intenções que o presidente Carter exibia, a favor dos direitos do homem.

Ao criar um corpo militar de intervenção, com efectivos numerosos mas aquartelados em território americano, os Estados Unidos mostrariam a sua vontade de não fazer com que a defesa dos seus interesses no Terceiro Mundo dependesse de aliados incertos, cujos regimes prejudicariam a imagem de marca de Washington. ●

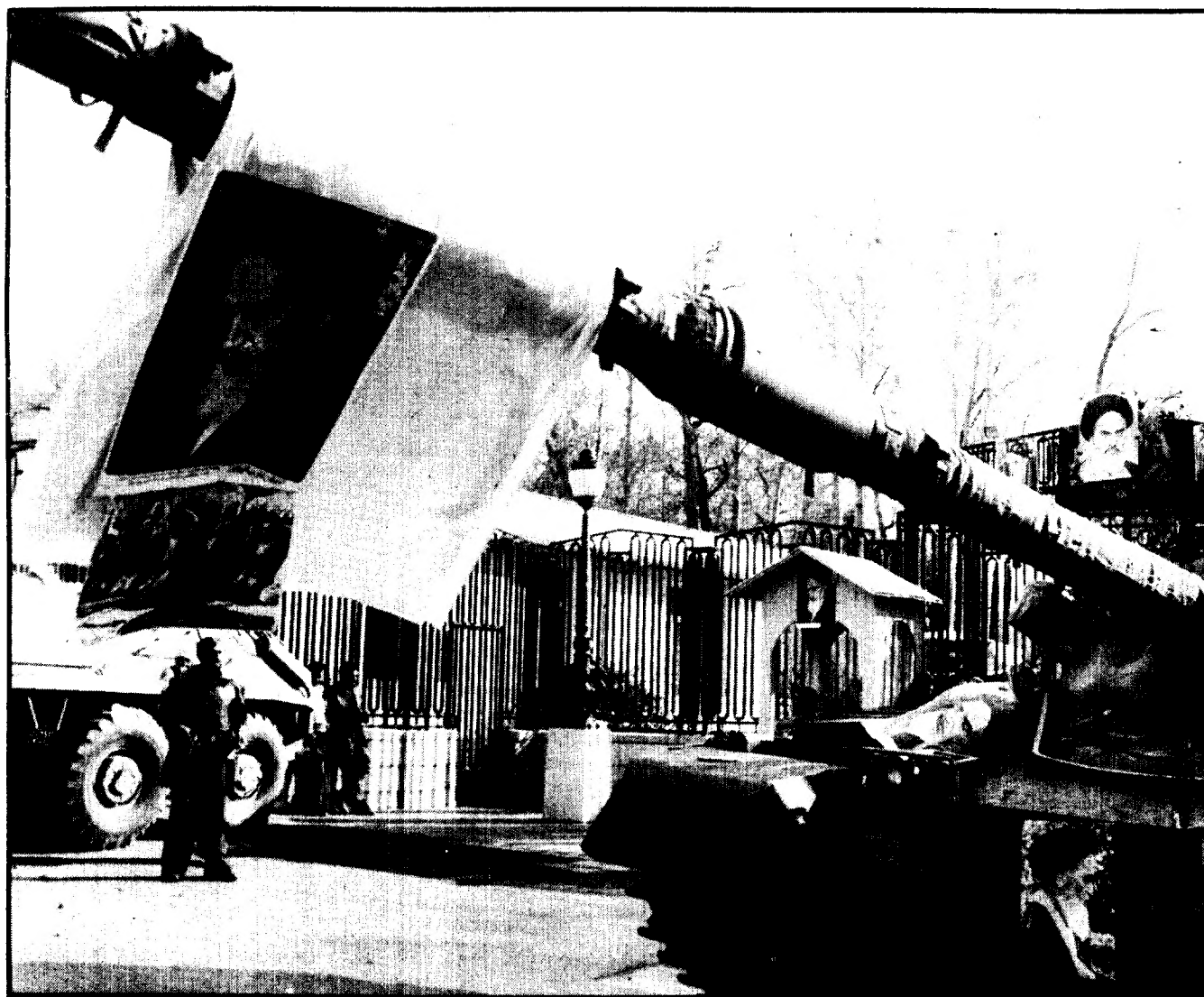


■ Eric Rouleau

□ Le Monde

«Um só chefe, Rouhallah (Khomeiny), um só partido, o de Deus (Hizballah)», gritavam milhões de iranianos durante os meses que precederam a queda do regime imperial. No entanto, tanto na véspera do levantamento popular como depois dele, a população não mostrou excessiva religiosidade. Pelo contrário. As mesquitas são pouco frequentadas; a cerveja e, sobretudo, o arak (espécie de vodka local) são bebidas como sempre mesmo pelos «mollahs» «modernos»; as camponesas trabalham nos campos sem véu nem «tchador» — o casaco tradicional serve essencialmente de tapamisérias nos centros urbanos; ouvem-se frequentemente nas conversas palavras pouco reverentes para com os dogmas do Islão ou do clero. Os persas são contestatários por tradição, assim como a sua religião chiita e também a sua literatura impregnada de agnosticismo, que celebra o vinho, o amor, a sensualidade, o erotismo. Os iranianos, diz-nos um intelectual, são profundamente crentes, embora não sejam muito praticantes. Às vezes são intolerantes, mas raramente são fanáticos. Há pelo menos três séculos que não há violências colectivas contra qualquer minoria religiosa. Em contrapartida, a história deste país está toda ela atravessada por levantamentos populares de aparência confessional, mas de essência política.

A REVOLUÇÃO IRANIANA • A REVOLUÇÃO



2. - Os partidos

«O vosso ocidentalocentrismo impede-vos de compreender que o Islão não é uma simples religião como o cristianismo», diz-nos o doutor Ibrahim Yazdi, militante islâmico da primeira hora e actualmente ministro dos Negócios Estrangeiros. «O Islão, acrescenta, é uma filosofia tal como o marxismo, uma ética de vida, uma doutrina que rege o comportamento político dos seus adeptos. A separação da Igreja e do Estado é um conceito ocidental nascido de condições específicas diferentes das nossas. As nossas criaram o chiismo, de essência revolucionária.»

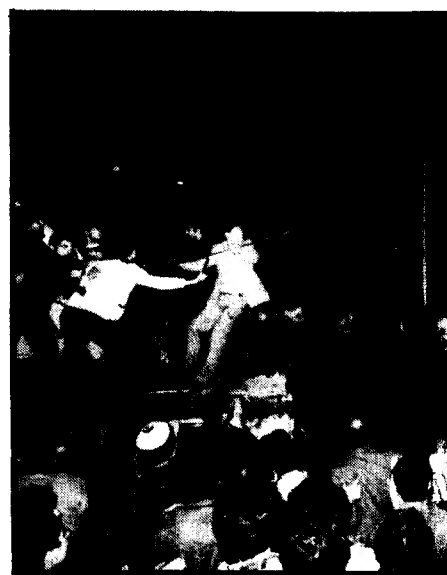
O «mollah» ocupa uma posição muito especial na sociedade iraniana. Ele é ao mesmo tempo o confidente, o conselheiro, o guia das suas ovelhas, um **activista permanente**, segundo o dr. Yazdi. Politicamente não depende do Estado, visto que a sua subsistência provém dos óbolos (entre outros o **khoms**, a quinquagésima parte dos rendimentos) dos fiéis, cuja sorte partilha, na prosperidade ou na miséria. Manter um diálogo constante, não só na mesquita — lugar privilegiado de reunião em regime autocrático —, mas também e principalmente durante as reuniões semanais, os **rozahkhaini**, em casa de particulares, para a comemoração ritual do martírio do imam Hussein, morto pelo **usurpador**, o califa Yazid no ano 680. Os nossos «mollahs» são, de certo modo, o equivalente dos vossos padres operários, diz ainda o dr. Yazdi.

Quatro concorrentes

Essa imagem de Epinal que os partidários do clero tentam dar não é inteiramente corroborada pela história. Esta mostra que o clero se dividia, pelo menos, em quatro grandes categorias: reacção ou conformista, revolucionária ou reformista. Se é certo que numerosos «mollahs» estão próximos das classes populares, outros há que dependiam amplamente dos subsídios que lhes eram dados pelos senhores feudais ou pelos ricos burgueses, cuja ideologia e opções políticas compartilhavam.

É incontestável que uma boa parte do clero participou activamente em todos os levantamentos populares, cinco desde o princípio do século. Mas também é verdade que certos dirigentes religiosos, principalmente o «ayatollah» Behbehani (avô do actual primeiro secretário do partido comunista Toudeh), foram executados em 1907 pelos **constitucionalistas** acusados de contínuos contra-revolucionários; que o «ayatollah» Kachani, devido principalmente ao seu anticomunismo, cobriu com a sua autoridade o golpe de Estado da C.I.A. contra Mossadegh em 1953; que muitos «mollahs» foram executados como «agentes da SAVAK» desde o regresso ao Irão do «ayatollah Khomeiny».

A corrente reacção no seio do clero iraniano nem por isso anula o carácter contestatário do chiismo. Nascido do protesto contra o poder estabelecido pelos califas, contra a autoridade e as injustiças do **establishment** dos primeiros séculos da hégira, esse ramo sismático do islão considera — um pouco como os anarquistas ocidentais — que todo o Estado



é, **a priori**, ilegítimo visto que usurpa as poder absoluto constitui, aos olhos da do homem, privado de um direito natural Todo-Poderoso.

É ainda em nome da fé que o chiismo antes de tempo. Hostis a toda e que pudesse **perverter** a sociedade islâmica século XIX, com uma constância notável britânicos ou russos do direito de explorar por isso com entusiasmo a nação Company por Mossadegh, mostrando-nacional.

O chiismo é, enfim, tanto na prática religião de combate que leva o militante para tomar um exemplo recente, o imam uma mensagem de «felicitações» à depois do assassinato deste dignitário.

O papel do imam Khomeiny

Não foi por acaso que o imam Khomeiny precederam a queda da monarquia, o clero de toda a nação iraniana. Melhor



IRANIANA • A REVOLUÇÃO IRANIANA



antes de a encarnar, do espírito do chiismo e das aspirações do seu povo. Ele não foi nem um chefe espiritual — as suas contribuições para a interpretação dos textos religiosos foram, na opinião de muitos dos seus pares, modestas e até mediocres — nem um dirigente político de envergadura que soubesse praticar as lições táticas e concluir, se necessário, compromissos. A sua natureza profunda, e decerto também as suas limitações, levaram-no a apresentar-se como uma espécie de profeta da revolução. Ao longo do seu exílio, durante quinze anos, denunciou o mal (simbolizado pelo xá) e predisse a chegada da era da virtude (a República Islâmica).

As suas tomadas de posição, pontuais e concretas, valem-lhe o apoio unânime de todas as categorias de oponentes. Religiosos e democratas admiraram a sua coragem quando, no desfile de Março de 1963, brandiu com uma das mãos o Corão e com a outra a Constituição para acusar o regime de ter violado ambos; quando declarou nulas, em Maio de 1970, todas as decisões tomadas pelo Parlamento, por este não ter sido «livremente eleito pelo povo». Consegue obter simpatias dos nacionalistas, ao criticar vigorosamente, já em 1963, os favores e os privilégios de exterritorialidade concedidos aos conselheiros americanos, civis e militares. Os bazars, os donos das pequenas e médias empresas, ficaram-lhe reconhecidos por ele condenar sem remissão o «domínio» dos capitais estrangeiros que «invadem» os mercados iranianos, as compras maciças de armamento que arruinam a economia do país. Os «mostazafine» — termo que o imam Khomeiny lançou e que serve para distinguir todos os desfavorecidos, os pobres, os fracos, os oprimidos — sentem-se menos frustrados quando ele recusa o luxo insolente, as despesas excessivas (principalmente em 1971 durante as festividades de Persépolis) do xá, dos membros da família imperial, dos privilegiados a quem chama, com desprezo, parasitas. E tranquiliza a direita clerical: «O Islão, declara em 1965, é um sistema e um programa concebidos para gerir a sociedade em todos os domínios». E também a esquerda e a extrema-esquerda, quando designa os Estados Unidos como «a cabeça da serpente imperialista», e acusa os monopólios estrangeiros de «pilharem» os recursos naturais do Irão.

Figura complexa, e acusa os monopólios estrangeiros de pilhar os recursos naturais do Irão.

Figura complexa, multifacetada, com concepções retrógradas e revolucionárias, o imam Khomeiny é não só o produto de uma época já passada talvez, de um meio, de uma ideologia religiosa, mas também de um credo profundamente dividido, e de que parece ser o reflexo. Os seus amigos e colaboradores são testemunho disso: integristas e liberais, anticomunistas e progressistas, partidários e adversários de uma teocracia. Muitos «ayatollahs» criticaram, por exemplo, por vezes severamente, os processos sumários dos colaboradores do antigo regime, embora sem nunca

s de Deus



atacarem os seus colegas que fazem parte dos tribunais revolucionários islâmicos ou que defendem uma depuração radical.

Nacionalismo e pan-islamismo

O imam Khomeiny está profundamente dividido entre os seus sentimentos nacionalistas e as suas convicções pan-islâmicas. Esta dualidade é, de resto, inerente à natureza do nacionalismo que ele forjou, não contra a Igreja mas em simbiose com o clero chiita, que se afirmou desde a origem — principalmente contra a expansão árabe — como o defensor e o garante da especificidade e da soberania dos persas. O patriarca de Qom oscila pois entre os «ayatollahs» «mossadeghistas», os adeptos de um patriotismo laico que ele não aprecia grandemente, e os «trotskistas do Islão» — segundo a definição do dr. Yazdi — partidários de uma revolução permanente que faria cair as «fronteiras artificiais inventadas pelo imperialismo para dividir o Oumma» (a nação muçulmana).

Para preservar a unidade do clero e fazer dele a base do regime, o imam Khomeiny tomou uma iniciativa que nenhum «ayatollah» ousara tomar até então: patrocinou a criação de uma formação política dirigida por religiosos e que se destinava, diz-se, a vir a ser o partido único da nova República. Fez mal. O Partido Republicano Islâmico logo ajudou a criação do movimento rival, o Partido Republicano do Povo Muçulmano, telecomandado pelo influente «ayatollah» Chariat Madari, um liberal de direita. Uma das principais preocupações de Madari é impedir os comunistas iranianos e a URSS de explorar em seu proveito os movimentos autonomistas, principalmente na sua província natal, o Azerbaijão. Achando que um regime clerical é factor de desintegração, o «ayatollah» Madari era, até à partida do xá, favorável a uma monarquia constitucional, e depois, dessa partida, partidário de uma República laica e moderada. Aos seus olhos, tanto uma como outra eram o melhor garante da unidade nacional. Outros religiosos conservadores — como o «ayatollah» Rafsadjani — censuram unicamente ao regime dos Pahlavi os seus excessos e as suas opções culturais «contrárias ao Islão».

O clero iraniano não é muito diferente do mundo político laico. Os «hesbollah» (os partidos de Deus) pululam — uma dezena de organizações, associações — que reflectem tendências que vão da direita clerical à esquerda socialista ou neutralista. Os «ayatollahs» Taleghani e Zandjani contam-se entre os seus representantes mais repetidos.

Tal como no campo laico, uma solidariedade natural incita os políticos religiosos a abafar, senão as suas divergências, pelo menos as suas querelas, em face dos perigos que para uns ameaçam a revolução, para outros, a religião.

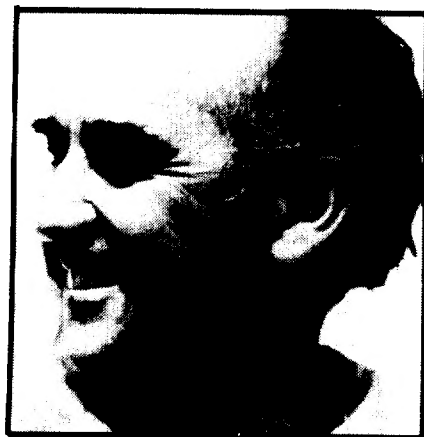
No próximo EXCLUSIVO
A MESQUITA E O BAZAR



México: as difíceis relações com os EUA

■ Joaquim Andrade

□ IPS



No próximo mês de Setembro o presidente Lopez Portillo deslocar-se-á aos Estados Unidos a fim de ter uma entrevista com o seu homólogo norte-americano, James Carter, e deparará com o que a maior parte dos especialistas consideram um dos mais difíceis empreendimentos do presidente mexicano.

Lopez Portillo visitará os Estados Unidos em retribuição da visita que, no princípio deste ano, Carter lhe fez. Porém, não escapa a ninguém que o acolhimento que foi dispensado ao enviado dos Estados Unidos em solo mexicano influenciará as próximas conversações de Setembro.

Segundo o ponto de vista mexicano, é evidente que foi reforçada a sua posição internacional independente, particularmente na zona das Caraíbas e da América Central, onde a sensibilidade norte-americana está à flor da pele.

Pela mesma altura do frio acolhimento dispensado a Carter, o Governo mexicano e em particular Lopez Portillo dispensaram uma calorosa recepção a Fidel Castro e poucas horas depois, na presença de Rodrigo Carazo, presidente da Costa Rica, o enviado mexicano anunciou o corte de relações com a Nicarágua.

O México comprometeu-se, além disso, a ser sede da 11.ª Conferência Internacional de Solidariedade com o povo de Porto Rico, que terá lugar em Novembro próximo, assunto sem dúvida particularmente delicado e que, sem dúvida, não contribui para desenvolver as boas relações com o vizinho do Norte.

É evidente que, sob a orientação do novo primeiro-ministro, Jorge Castanera, os mexicanos estão a recuperar uma posição latino-americana, um tanto ou quanto desprezada nos primeiros anos da Administração de Lopez Portillo. Ainda que não seja o único elemento, a viragem mexicana responde, sem dúvida, ao desagrado da actual Administração face à política indecisa e de desinteresse que Carter pôs em prática no que respeita ao México, particularmente no controverso e revogado acordo sobre o gás natural.

Para Carter, a entrevista de Setembro com Lopez Portillo adquire

significado especial. Na corrida para a reeleição o presidente norte-americano procura melhorar a sua reduzida popularidade com o acordo Sadat-Begin e com o acordo SALT II com a URSS. Porém, o entendimento com os seus vizinhos do Sul é também vital.

Em Setembro, Carter terá de destruir a péssima imagem que deixou no México e nos Estados Unidos, durante a visita de Fevereiro, quando só pôde responder com algumas intervenções hábeis e despropositadas às propostas firmes do seu anfitrião.

Além disso, o aparentemente escasso avanço na reunião de Fevereiro sobre o petróleo e o gás, tema essencial para os Estados Unidos estará novamente em questão e nada interessa mais ao candidato o novo mandato como presidente norte-americano, que um acordo espectacular nesse campo. Porém, até onde estará disposto a chegar o Governo mexicano?

Muitos analistas não deixam de lembrar que em fins do mês de Março o presidente da Câmara dos Deputados, Rodolfo Gonzalez Guevara, ao falar em nome dos três poderes da União, denunciou na presença de Lopez Portillo que há forças que lutam por «uma contra-revolução económica». Em Maio, com as alterações no Gabinete, Gonzalez Guevara conseguiu uma das mais importantes funções no Governo.

Também não se pode esquecer que na manifestação organizada pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI) para apoiar a decisão presidencial de cortar relações com Somoza, o novo dirigente do Partido, Gustavo Carbajal, denunciou que o México é objecto de tremendas pressões externas, devido à sua condição de país produtor de petróleo e que fará um apelo a todas as forças políticas para formarem uma frente comum.

Pressões de quem? Frente comum para quê? Não é preciso investigar muito para compreender que as pressões provêm do necessitado Governo do Norte e que este convoca uma frente para as difíceis negociações do futuro com os EUA. Dadas as provas de que se dispõe até agora tudo leva a pensar que o México não se afastará da sua firme posição.



1 - Os muros paralelos encurvados formam uma passagem interior em elipse. (Foto UNESCO - Pierre Cellien)

■ Basil Davidson

□ in «Informações UNESCO»

«No coração do país ergue-se uma fortaleza de forma quadrangular, construída com pedras enormes e sem cimento a ligá-las. A muralha tem 25 palmos de espessura e a altura não é proporcional ao comprimento. Por cima da porta encontra-se uma inscrição que alguns mercadores mouros, pessoas cultas que aí se dirigiram, não puderam decifrar nem identificar. Esta fortaleza está quase inteiramente rodeada de colinas sobre as quais se erguem outras construções semelhantes pela forma das pedras e pela ausência de cimento uma delas é uma torre que tem mais de dez toesas de altura».

Foi assim que o português João de Barros descreveu em 1952, de acordo com os testemunhos que tinha recolhido na costa, a situação do Grande Zimbabwe, na África Oriental. As ruínas deste imenso conjunto que cobre cerca de 24 hectares, chegando algumas muralhas a medir até nove metros de altura e seis metros de espessura, erguem-se ainda sobre o planalto no sudoeste da moderna cidade de Fort Victoria, na Rodésia, também chamada Zimbabwe.

Duas das suas construções distinguem-se das outras. A primeira conhecida pelo nome de «Acropole» era uma poderosa obra defensiva que se encontra no cimo da colina. A outra, chamada «Templo» ou «Construção em elipse» está em baixo, na planície. Ambas são de pedras de granito, habilmente talhadas com a forma de tijolo em «folhas» largas de rochas que nivelam o planalto. Podem ainda ver-se galerias subterrâneas com abóbada de madeira e passagens fechadas. As muralhas do recinto são encimadas por um friso de caibro.

Um mito que persiste

Os primeiros Europeus que nos anos 1860 e 1870 descobriram estas ruínas eram caçadores e

exploradores vindos da África do Sul. De regresso ao seu país, falavam das imponentes ruínas que tinham encontrado na selva, onde ninguém se tinha ainda aventurado a entrar. Quando se verificou que se podiam aí encontrar magníficos objectos de ouro, outros se

dirigiram por sua vez para lá e assistiu-se a uma pequena corrida em direcção ao ouro.

Os arqueólogos amadores que visitavam o local recusavam, no entanto, admitir que estas construções pudessem ter sido edificadas pelas populações locais. Atribuíam a sua autoria «a homens vindos de além-mar».

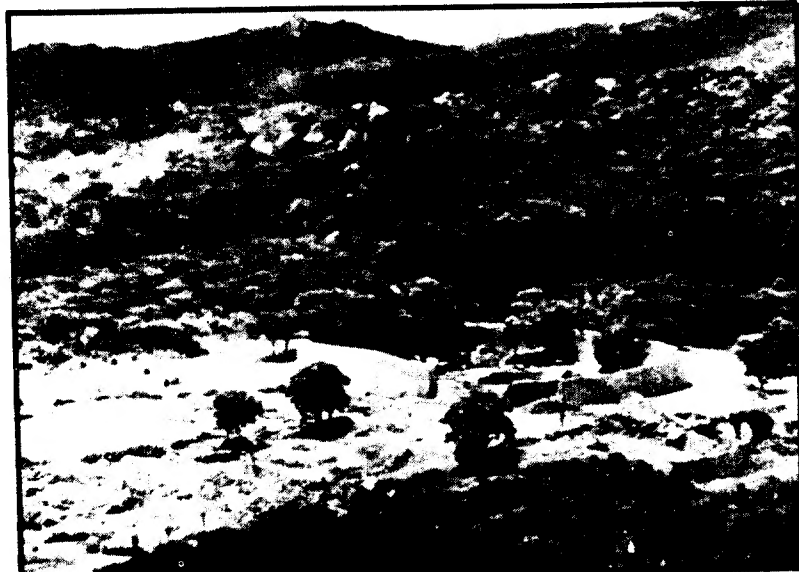
Outros atribuíam-na aos Sabeus, afirmando que a rainha do Sabá tinha procurado aí o ouro que levou ao rei Salomão; outros atribuíam-na aos Fenícios. Em geral todos recusavam a tese da construção ter sido feita pelos povos indígenas. Esta ideia ainda persiste nos nossos dias. No Museu de Salisbury, por exemplo, os objectos que foram descobertos nas ruínas do Zimbabwe têm a indicação «de proveniência desconhecida».

Porém, os testemunhos arqueológicos e científicos provam o contrário. Em 1905, a Associação Britânica para o desenvolvimento das Ciências encarregou o egiptólogo David Randall-Mac Iver de estudar estas estranhas ruínas «fenícias» ou «sabeias».

Arqueólogo de grande valor, MacIver concluiu que o Grande Zimbabwe datava da Idade Média ou de uma época posterior e que era obra de uma população indígena, os antepassados do povo Shona.

«Esta arquitectura, militar ou civil, não apresenta o menor vestígio de estilo oriental ou europeu, qualquer que seja a época», declarou; pelo contrário acrescentou: «o estilo das casas que estão no interior das muralhas de pedra, de que constituem parte integrante, é incontestavelmente africano».

Os colonos, no entanto, recusavam render-se à evidência. Seguiu-se uma larga controvérsia e, em 1929, a Associação Britânica enviou uma segunda equipa, dirigida pela senhora Gertrude Caton-Thompson, que ainda se encontra viva. Passados dois anos de investigações extremamente aprofundadas, esta expedição confirmou as conclusões de Randall MacIver. Segundo a senhora Caton-Thompson, «O exame de todos os testemunhos não forne-



3 - O edifício em elipse visto da «Acropole» do Grande Zimbabwe (Foto UNESCO - P. A. Pittet)

ceu um único elemento que permita anular a tese de que há uma origem africana.» E acrescentou: «É-me impossível subscrever a opinião muitas vezes manifestada de que o Zimbabwe teria sido edificado por indígenas sob a orientação de mestres estrangeiros de raça «superior».

Alguns continuaram a contestar estas conclusões. Mas uma terceira vaga de investigadores arqueológicos, na década de 1950, trouxe provas irrefutáveis. Conhecia-se então muito melhor a história africana e os investigadores tinham a extraordinária vantagem de poder recorrer aos testes de carbono 14.

Sabe-se que estes testes, levados a cabo pelo americano, William Libby, permitem aos arqueólogos, ao medir o grau de radioactividade das matérias carbonadas, tais como a madeira ou o metal, determinar a data aproximada dos vestígios. No caso do Grande Zimbabwe, os testes mostraram que a construção em pedra tinha sido começada por volta de 1100 para atingir o seu ponto culminante por volta de 1450.

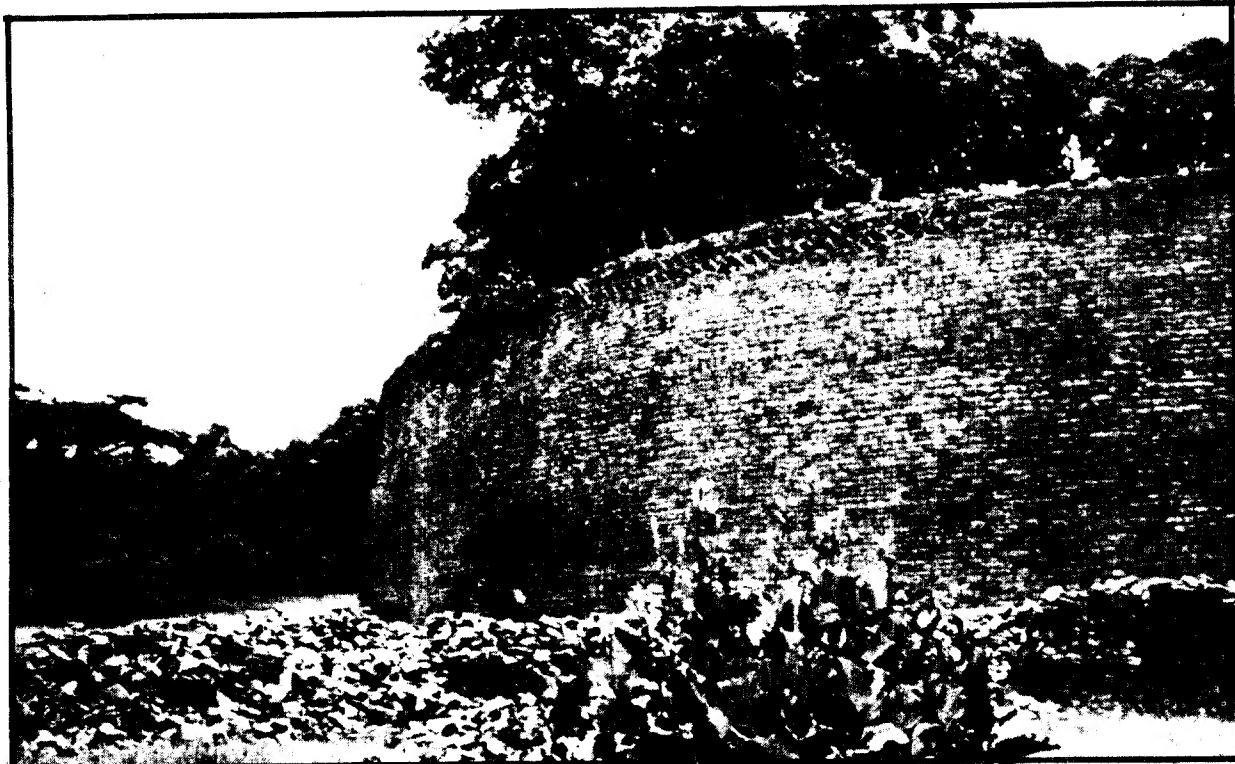
Testemunhos complementares - crónicas portuguesas dos séculos XV e XVI e achados arqueoló-

gicos, tais como pérolas de proveniência do Oceano Índico e fragmentos de porcelana chinesa e de cerâmica persa vieram confirmar estes dados. Foi assim possível datar de forma bastante exacta cerca de 2 centenas de ruínas em pedra, entre as quais se incluem as do Grande Zimbabwe, as mais importantes e grandiosas, descobertas sobre o planalto rodésiano e nas regiões vizinhas de Moçambique e Transval.

Os antepassados dos Shona

Actualmente a maior parte dos especialistas estão de acordo quanto ao facto de se ter de atribuir estas ruínas a uma civilização que utilizava o ferro e explorava o ouro, e que se julga ter sido fundada entre os séculos IV e XII da nossa era por agricultores bantos provenientes da região do Katsanga, a cerca de 800km para o Norte. Estas populações eram antepassados dos Shona do actual Zimbabwe. À medida que se desenvolviam os seus recursos agrícolas e mineiros e que prosperava o comércio com a costa, dotaram-se de sistemas políticos e económicos mais vastos. Alguns dos seus chefes ou dos seus ministros religiosos tornaram-se soberanos dedicados e por volta do século XIV toda a região dos planaltos do ouro passou a ficar sob a dominação de um único soberano-deus que tinha a sua sede no Grande Zimbabwe ou vassallos que lhe eram fiéis.

Depois do século XV, o Grande Zimbabwe perdeu progressivamente a sua predominância política e económica, mas manteve-se até aos tempos modernos como um grande centro de culto para o povo Shona. ●



2 - O muro exterior do templo em elipse, (foto UNESCO, Jean Mohr)

EXCLUSIVO

N.º 26/79

